



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Érica Carla Gomes dos Santos

ESTÚDIO:

Proposta Arquitetônica de um Centro Integrado de Moda para a cidade de Sousa-PB

PAU DOS FERROS

2025

ESTÚDIO:

Proposta Arquitetônica de um Centro Integrado de Moda para a cidade de Sousa-PB

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros

PAU DOS FERROS

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

S237. Santos, Érica Carla Gomes dos .
. Proposta Arquitetônica de um Centro Integrado
de Moda para a cidade de Sousa-PB / Érica Carla
Gomes dos Santos. - 2025.
102 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Leopoldino
Paulo de Medeiros.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e
Urbanismo, 2025.

1. Moda. 2. Sousa/PB. 3. Industria Têxtil . 4.
Centro Integrado . 5. Projeto de Arquitetura . I.
Paulo de Medeiros, Prof. Dr. Gabriel Leopoldino
, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

ESTÚDIO:

Proposta de um Centro Integrado de Moda para a cidade de Sousa-PB

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros (UFERSA)
Presidente

Prof. Dr. Eduardo Raimundo Dias Nunes (UFERSA)
Membro Examinador

Prof^ª. Dr^ª. Rafaela Santana Balbi. (UFERSA)
Membro Examinador

AGRADECIMENTOS

Nomear todos os quais sou grata por contribuírem nesta jornada de formação profissional e pessoal certamente tornaria este tópico demasiadamente longo. Minha eterna gratidão a todos que passaram por mim, e contribuíram com esse sonho de alguma forma.

Em primeiro lugar, a Ele, que me sustentou, segurou na minha mão, me levantou todas as vezes que pensei em desistir, e em todas as vezes que o desânimo passou por mim. Não só hoje, mas sempre tive a certeza do agir dele sobre a minha vida. Deus, eu e você somos imbatíveis juntos.

Por segundo, a ela, que sempre foi sinônimo de fé, coragem e resiliência para mim, a minha mãe Isabel, o meu obrigada por nunca ter desistido desse sonho comigo, por me encorajar diante de todas as dificuldades vencidas até aqui, por sempre ter me dado asas para enxergar o quanto longe eu chegaria, a senhora é e sempre será a minha maior inspiração de ser humano. A senhora é a minha fortaleza.

A minha avó Antônia, por sempre acreditar no quão capaz eu seria de chegar até aqui, por sempre ter me incentivado na concretização dos meus sonhos, e me capacitou em toda a minha educação com qualidade, cuidado, e amor.

Ao meu pai, Marcelo (in memoriam), que se hoje estivesse aqui comigo presente, seria meu fã nº1, foi o meu protetor aqui na terra, sempre muito cuidadoso, e amoroso. Te dedico a concretização desse sonho, essa conquista é nossa. Não tenho dúvidas do quão orgulhoso e radiante estaria, por me ver subindo mais um degrau das conquistas da vida. Onde sabia ele que a minha maior realização foi ter um pai que sempre fez o possível e impossível por mim. Guardarei o senhor para todo o sempre.

As minhas amigas, Ana Luiza e Ana Beatriz, por terem sido abrigo, apoio, e amor em boa parte da graduação, com vocês tudo se tornou leve, meu muito obrigada. A Anna Maia e Sr. Edson, por terem me acolhido, amado, e protegido como filha, a minha gratidão eterna por terem feito parte da minha trajetória de vida. Vocês serão para sempre minha segunda família.

A minha mãe do coração, Djanira, que sempre me incentivou, me apoiou, e acreditou que conseguiria chegar até aqui com excelência, meu obrigada por cada momento compartilhado, pelo apoio incondicional e pelos sorrisos que acalentavam os momentos de incertezas.

Encerro minhas palavras agradecendo a cidade que me acolheu, Pau dos Ferros/RN, local onde eu aprendi a lidar com as responsabilidades da vida, almejando ser uma pessoa

melhor a cada dia, buscando sempre amadurecer, adquirindo responsabilidade da vida longe dos pais, onde foi um período bem desafiador da minha vida, mas também muito especial.

Agradeço aos professores que fizeram parte da minha trajetória até aqui, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Gabriel Leopoldino, por toda empatia, desempenho, e por compartilhar seus conhecimentos junto a mim. E a todos os docentes do curso de Arquitetura e Urbanismo/UFERSA, pelo esforço de cada um, e que propuseram a condensar anos de estudo em cada disciplina ministrada. Meu muito obrigada.

“Moda não é algo que existe apenas em roupas. Moda está no céu, nas ruas, tem a ver com ideias, com o modo como vivemos e com o que está acontecendo.”

Gabrielle Coco Chanel (1883 -1971)

RESUMO

Atualmente, a cidade de Sousa-PB tem se tornado um importante polo em relação à moda e à confecção no estado da Paraíba, tanto pela abundância de matéria-prima, quanto pela mão de obra. Aliando essa condição com o estímulo à formação de profissionais qualificados, percebe-se que esse potencial poderia ser melhor explorado, caso a cidade possuísse uma escola voltada para o ensino da costura e da moda. Dessa forma, percebe-se que há uma demanda latente na cidade por um equipamento desta natureza. O setor da moda como indumentária engloba várias atividades, uma vez que abarca desde a produção até a comercialização do produto. Esse percurso envolve o processo criativo, realizado por estilistas, engenheiros têxteis e designers de moda, através de inspirações, estudo de referências, criação de um conceito, escolha de materiais, e consequente concepção de uma peça ou coleção. Com isso, este trabalho objetiva a elaboração de uma proposta de um Centro Integrado de Moda, a nível de estudo preliminar. A escolha da área de intervenção se deu a partir da potencialidade da localização em atrair públicos de diversas áreas da cidade, buscando capacitação, estudos, produções e promoção da moda que permitam uma grande variedade de atividades. Além disso, será proposto atelier de produções, salas de convívio social, exposições e desfile de coleções fabricadas pelos próprios alunos.

Palavras-chave: Moda. Sousa/PB. Indústria têxtil. Centro integrado. Projeto de arquitetura. Arquitetura e Urbanismo.

ABSTRACT

Currently, the city of Sousa-PB has become an important hub for fashion and clothing in the state of Paraíba, both due to the abundance of raw materials and labor. Combining this condition with the encouragement of the training of qualified professionals, it is clear that this potential could be better explored if the city had a school focused on teaching sewing and fashion. Thus, it is clear that there is a latent demand in the city for equipment of this nature. The fashion sector as a clothing industry encompasses several activities, since it ranges from production to marketing of the product. This path involves the creative process, carried out by stylists, textile engineers and fashion designers, through inspiration, study of references, creation of a concept, choice of materials, and consequent design of a piece or collection. Therefore, this work aims to develop a proposal for an Integrated Fashion Center, at the preliminary study level. The intervention area was chosen based on the location's potential to attract audiences from different areas of the city, seeking training, studies, productions and promotion of fashion that allow for a wide variety of activities. In addition, a production studio, social lounges, exhibitions and fashion shows of collections made by the students themselves will be proposed.

Keywords: Fashion. Sousa/PB. Textile industry. Integrated center. Architectural project. Architecture and urbanism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Localização do Município de Sousa	21
Figura 2	–	Desfile da coleção Primavera/Verão 2000 de Hussein Chalayan.....	26
Figura 3	–	Coco Chanel x Villa Savoye (Le Corbusier)	26
Figura 4	–	Coleção de Gabrielle Chanel x Japanese Architecture.	27
Figura 5	–	Relação entre moda e arquitetura.	28
Figura 6	–	Arquitetura e moda no estilo Gótico, século XIV.....	28
Figura 7	–	Indústria têxtil	30
Figura 8	–	Localização de Sousa.....	33
Figura 9	–	Plantio de algodão na Paraíba.....	35
Figura 10	–	Rio do Peixe, Sousa-PB.....	36
Figura 11	–	Fachada da Fábrica Berluti.....	38
Figura 12	–	Sistema da coberta.....	38
Figura 13	–	Instituto Marangoni, sede Londres, Inglaterra.....	39
Figura 14	–	Instituto Marangoni, Paris, França.....	39
Figura 15	–	FAU- USP.....	40
Figura 16	–	Interior da edificação.....	41
Figura 17	–	Escola War Lavigne – Paris, França.	44
Figura 18	–	Fashion Institute of Technology – FIT- Nova York, Estados Unidos. Fachada Principal.	45
Figura 19	–	Informações do Terreno no bairro Jardins.....	47
Figura 20	–	Imagens do terreno.....	48
Figura 21	–	Mapa de hierarquia viária.....	49
Figura 22	–	Mapa de uso e ocupação do solo.....	50
Figura 23	–	Mapa de cheios e vazios.....	50
Figura 24	–	Mapa de Gabarito.....	51
Figura 25	–	Curvas de níveis do terreno.....	53
Figura 26	–	Representação 01 do terreno, e sua declividade.....	54
Figura 27	–	Representação 02 do terreno, e sua declividade.....	54
Figura 28	–	Representação 03 do terreno, e sua declividade.....	54
Figura 29	–	Perspectiva do percurso solar.....	56
Figura 30	–	Vegetações presentes do terreno/e seu entorno.....	57

Figura 31	– Zoneamento.....	57
Figura 32	– Organograma.....	57
Figura 33	– Localização de Sousa/PB na Zona Bioclimática 07.....	58
Figura 34	– Temperaturas médias em Sousa/PB.....	58
Figura 35	– Chuvas em Sousa/ PB.....	59
Figura 36	– Umidade em Sousa/PB.....	60
Figura 37	– Direção dos ventos em Sousa/PB.....	61
Figura 38	– Ventilação Passiva.....	62
Figura 39	– O uso da iluminação natural.....	62
Figura 40	– Sombreamento com vegetação.....	63
Figura 41	– Portas com revestimento e puxador horizontal.....	68
Figura 42	– Sinalização nas portas e paredes de vidro.....	69
Figura 43	– Dimensionamento das rampas.....	70
Figura 44	– Largura para deslocamento em linha reta.....	70
Figura 45	– Área para manobra de cadeira de rodas sem deslocamento.....	71
Figura 46	– Área de transferência e manobra para o uso da bacia sanitária.....	71
Figura 47	– Áreas de transferências para a bacia sanitária.....	72
Figura 48	– Símbolo internacional de acesso.....	73
Figura 49	– Símbolo internacional de pessoas com deficiência visual.....	73
Figura 50	– Sinalização de portas e passagens - Faixa de alcance acessível.....	74
Figura 51	– Sinalização de pavimento e corrimão.....	74
Figura 52	– Classificação da edificação.....	75
Figura 53	– Classificação da altura da edificação.....	76
Figura 54	– Fonte e ícone adotado.....	77
Figura 55	– Processo da construção do partido/ Implantação formal.	83
Figura 56	– Implantação em perspectiva esquemática.....	79
Figura 57	– Ideias primárias.....	80
Figura 58	– Moodboard com ideias construtivas.....	80
Figura 59	– Trajeto solar.....	85
Figura 60	– Sombreamento das fachadas.....	87
Figura 61	– Fachadas com brises.....	88
Figura 62	– Proposta fachada frontal.....	89
Figura 63	– Proposta fachada lateral.....	90
Figura 64	– Elementos de sombreamento.....	90

Figura 65	– Esquema funções.....	91
Figura 66	– Espaços de vivência.....	93
Figura 67	– Espaços de vivência.....	93
Figura 68	– Espaços de vivência.....	94
Figura 69	– Espaços de vivência.....	94
Figura 70	– Estacionamento.....	95
Figura 71	– Estacionamento.....	95
Figura 72	– Fachada frontal.....	96
Figura 73	– Sala de aula.....	97
Figura 74	– Sala de costura.....	98
Figura 75	– Sala de modelagem.....	99
Figura 76	– Palco de eventos.....	100
Figura 77	– Palco de eventos.....	100
Figura 78	– Espaços de vivência.....	101
Figura 79	– Espaços de vivência.....	101
Figura 80	– Restaurante.....	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Índices Urbanísticos.....	68
Tabela 2	– Programa de necessidades - Setor Administrativo.	82
Tabela 3	– Programa de necessidades - Setor Educacional.....	82
Tabela 4	– Programa de necessidades - Setor Técnico.....	83
Tabela 5	– Programa de necessidades - Setor Funcionário.....	83
Tabela 6	– Programa de necessidades - Setor Apoio.....	83
Tabela 7	– Programa de necessidades - Setor Serviço.....	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIT	Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecções
CMPB	Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NBR	Norma Brasileira
PCD	Portador
PNUD	Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento
PB	Paraíba
UFERSA	Universidade Federal do Semi-Árido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
1. PROCESSO METODOLÓGICO.....	20
1.1 Situando o projeto.....	21
1.2 Fontes Teóricas.....	21
1.3 Identificação do local de estudo.....	21
1.4 Procedimentos metodológicos.....	22
2. ARQUITETURA DA MODA- TRADIÇÕES NA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO.....	23
2.1 História da moda.....	23
2.2 Arquitetura e a moda.....	24
2.3 A produção têxtil na Paraíba e no Brasil.....	29
3. SOUSA/PB: CULTURA E ECONOMIA.....	32
3.1 Contexto da cidade.....	32
3.2 Cultura e economia.....	34
4. SISTEMA ARQUITETÔNICO DAS ESCOLAS DE MODA.....	36
4.1 Escolas de Moda.....	36
4.2 Educação Profissionalizantes e Tecnológicas de Moda.....	39
5. REFERÊNCIAS PROJETUAIS.....	40
5.1 Fábrica Berluti.....	41
5.2 Istituto Marangoni.....	42
5.3 FAU- USP.....	44
5.4 Referências para a proposta.....	45
6. DIAGNÓSTICO DO LOCAL.....	47
6.1 Localização.....	47
6.2 Tipos de vias.....	49
6.3 Uso do solo.....	50
6.4 Cheios e vazios.....	52
6.5 Gabarito.....	52
6.6 Topografia.....	53
6.7 Dados Institucionais: Leis nacionais e Municipais.....	56

7. CONDICIONANTES PROJETUAIS.....	56
7.1 Estudo do entorno.....	56
7.2 Zoneamento e fluxograma.....	58
7.3 Condicionantes climáticas.....	60
7.4 Leis do Código de obras Sousa-PB.....	66
7.5 Condicionantes funcionais/ Normas do Plano Diretor Cajazeiras/PB.....	68
7.6 Normas de Acessibilidade NBR 9050.....	69
7.7 Normas Técnicas Corpo de Bombeiros Militar.....	77
8. ESTÚDIO: CENTRO INTEGRADO DE MODA.....	78
8.1 Conceito: Diretrizes projetuais.....	79
8.2 Programa de necessidades e Pré dimensionamento.....	79
8.3 Partido arquitetônico: Escolha e desenvolvimento.....	82
8.4 Soluções de conforto térmico.....	86
8.5 Detalhes construtivos.....	89
8.6 Relações de funcionalidade.....	91
8.7 Projeto arquitetônico: Desenhos técnicos, Cortes, e Fachadas.....	92
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	105
APÊNDICES.....	110

INTRODUÇÃO

A moda está em vários aspectos da sociedade, como comportamento, linguagem, arte, e o mais tradicional: vestuário. Além disso, a palavra pode ter vários conceitos variados, dependendo da frase ou contexto em que é usada, como retrata Denise Pollini, em seu livro Breve História da Moda.

No contexto desse trabalho, a moda será abordada dentro do âmbito do vestuário. A indústria da moda abrange diversas atividades, uma vez que há um extenso trajeto a ser seguido desde a confecção do produto até a sua venda. Esse processo inclui a fase criativa dos estilistas, engenheiros têxteis e designers de moda, que buscam inspiração, analisam referências, desenvolvem conceitos, selecionam materiais e, por fim, realizam a criação de uma peça ou coleção. Segundo a autora, o vestuário representa abrigo, e relaciona com a arquitetura:

A roupa pode ser vista, em primeira instância, com o abrigo imediato, mais próximo da pele humana do que qualquer outro elemento que a arquitetura possa conceber. Uma espécie de arquitetura primária, abrigo que descola da pele do homem e se projeta ampliando sua ocupação. (Bógea, Oliveros e Rebello, 2005, p. 77)

Com o progresso do setor têxtil na Paraíba e também na cidade de Sousa, surgiram diversas companhias nessa área, resultando em um aumento da renda do grupo empresarial, impulsionando a economia local e estadual. Dessa forma, o investimento dos empresários em qualidade e divulgação de seus produtos aumentou o crescimento e o reconhecimento de marcas locais.

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecções - ABIT (2005), o Brasil se destaca como o quinto maior produtor têxtil global, principalmente devido à sua capacidade de produzir algodão. O setor têxtil no Brasil está presente em praticamente todos os setores da indústria. As matérias-primas mais populares são algodão e fibras. Esses materiais são empregados em processos internos e exportados para outros países.

Para a análise do Valor Econômico, o polo têxtil mais conhecido da Região Nordeste é o polo de Fortaleza, mais especializado em confecções, embora os estados Paraíba, Piauí e Rio Grande do Norte tenham ganhado relevância. O polo de Fortaleza, apesar de sua dinamicidade na moda íntima e na malharia, é considerado pouco criativo em relação a design e capacidade de inovação (Vasconcelos, p. 2, 2008).

Marcada por vários polos industriais do segmento têxtil, a cidade de Sousa, se situa no interior da Paraíba, distante 432km a oeste de João Pessoa- PB, a sua capital estadual, cortada pela principal rodovia federal, a BR- 230, que possibilita aos viajantes e comerciantes o fácil acesso aos pontos de venda das mercadorias produzidas, e escoamento dos produtos das fábricas, em vários polos têxteis, como São Bento, Cajazeiras, Catolé do Rocha, Patos, Pombal, Santa Luzia, e entre outras grandes produtoras do setor têxtil.

Ao mesmo tempo em que cresce, o ramo do vestuário enfrenta uma escassez de trabalhadores qualificados, que é consequência da evolução tecnológica na indústria. Devido às inovações tecnológicas adotadas pelas indústrias, os profissionais não conseguem acompanhar esse processo. Em grande parte das companhias, este problema não se dá pelo desinteresse dos profissionais, mas pela falta de oportunidades de qualificação e capacitação profissional voltadas para este setor.

Segundo Michel Deliberali Marson (2023, p. 1), a indústria têxtil teve um papel fundamental no processo de industrialização global. Esse ramo industrial foi o primeiro a se mecanizar em regiões da Europa, o que permitiu um aumento de produtividade e, para alguns, permitiu a ruptura necessária para o crescimento econômico. Embora a fabricação de fios e tecidos seja antiga, foi na Inglaterra que começou a produção em grande escala, utilizando máquinas e fábricas modernas, o que tornou o processo mais eficiente e expandindo-se para Europa e América do Norte no final do século XVIII, especialmente no século XIX.

Com a indústria têxtil, que surgiu no Brasil com a industrialização do país em meados do século XIX, o ramo expandiu-se para o Nordeste por meio da introdução da cultura do algodão, o estado da Paraíba, portanto, ao longo das décadas tem se tornado um dos principais polos do Nordeste, com 2,6% do total de produção do segmento no país, de acordo com dados divulgados pelo IBGE. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), no período de janeiro a setembro de 2019, foram criadas 14.504 novas vagas de emprego no Brasil, sendo o setor o segundo maior gerador do chamado primeiro emprego no país (ABIT, 2020).

Nesse sentido, Mayumi (2015, p. 156), a trajetória histórica e cultural do setor têxtil e de confecção brasileiro evidencia que houve e ainda há um processo de mudança. A liberação comercial, que trouxe a globalização do mercado doméstico, também causou um impacto estrutural no setor, resultando em uma invasão de produtos importados dos países asiáticos no Brasil. Na história do setor têxtil no Brasil, é importante destacar a tecnologia como um fator estratégico para mudanças e progresso, incluindo a moda, que atualmente requer adequar-se à

complexidade tecnológica devido à necessidade de assimilar novas tendências artísticas e culturais para ressignificar constantemente a cultura e a individualidade.

Diante dos parâmetros acima, comparados à realidade do município de Sousa, e também do interior da Paraíba, foi possível perceber a necessidade de um polo de ensino, voltado às produções, confecções de peças, exposições de coleções, abrangendo as indústrias locais com mão-de-obra especializada e conhecimento em diferentes áreas ligadas a este setor.

Como aspecto norteador às produções de artesãos, e baseada na necessidade da indústria têxtil, o objetivo deste trabalho é propor a nível de anteprojeto um Centro Integrado de Moda, para a cidade de Sousa-PB, localizada no interior da Paraíba voltada ao ensino da moda, com espaços de criações, de divulgações, salas de convívio social, exposições e desfile de coleções fabricadas pelos próprios alunos, proporcionando através de um equipamento que abrigue o ensino deste setor da cadeia produtiva do vestuário, contribuindo para o aprendizado de pessoas leigas, e com níveis distintos de conhecimento na área. Um equipamento desse porte, pode promover convívio e interação social, além de ser um equipamento escolar visando a indústria têxtil, e de grande importância para a cidade e regiões.

Como objetivos específicos, tem-se: (1) caracterizar a presença da moda na história do Brasil e na produção têxtil nacional e local; (2) entender a organização espacial de um Centro de Moda, que una ações educacionais, comerciais, de produção e promoção, com foco na cidade de Sousa; (3) identificar as características socioculturais e físico territoriais da cidade de Sousa, levantando os condicionantes aplicados na elaboração do projeto; (4) realizar desenvolvimento com a proposta de uma matriz de relações, incluindo os preceitos da sustentabilidade.

Portanto, a produção e promoção da moda permitem uma ampla gama de atividades, e cada uma dessas atividades exige um tipo específico de qualidade ambiental de acordo com o uso: seja uma fábrica, um atelier, um local de criação, um local de divulgação, etc. O produto proposto neste estudo requer espaços com arquitetura diversificada para atender à multifuncionalidade do edifício, pois pretende atender a vários usos.

O trabalho se distribui em 9 capítulos, dando início pela introdução, o primeiro seguido do percurso metodológico, o segundo é o referencial teórico focado nos conceitos sobre a arquitetura e a moda, e a relação da indústria têxtil com o nordeste, que é dividido por 3 sub tópicos: a história da moda, relação da arquitetura e a moda, a produção têxtil na Paraíba, e no Brasil, o terceiro capítulo é explicação da cidade de Sousa/PB, com sua cultura e

economia, o quarto será apresentado o sistema educacional brasileiro das escolas de moda, em seguida o quinto será apresentado os estudos de referência, o sexto capítulo a caracterização do local do estudo, logo após o sétimo capítulo com as condicionantes projetuais. com as condicionantes físicos- ambientais, condicionantes legais, o plano diretor de Sousa-PB, com o código de obras também, condicionantes funcionais, e as normas e normativas, o oitavo capítulo é apresentado a proposta a nível de anteprojeto, o Centro Integrado de Moda, com o conceito, e suas diretrizes projetuais, programa de necessidades e pré dimensionamento, partido arquitetônico, soluções de conforto térmico, detalhes construtivos, as relações de funcionalidade, e por fim, é é finalizado com as considerações finais.

1. PROCESSO METODOLÓGICO

Visando alcançar os objetivos propostos para este trabalho, tanto o geral como os específicos, e responder às problemáticas elencadas, onde o mesmo apresenta um caráter exploratório, com uma abordagem qualitativa. Este capítulo descreve a metodologia adotada para alcançar os objetivos desta pesquisa. O processo começa com a definição dos procedimentos metodológicos, as fontes teóricas, e a identificação do local de estudo.

Logo em seguida, são especificados os métodos utilizados em todo o escopo deste trabalho, com ênfase nas fontes teóricas, procedimentos metodológicos, e projetuais que sustentam a pesquisa. Seguindo para metodologia utilizada nos levantamentos in loco, a realização de análises das áreas, coleta de dados bioclimáticos, e entrevistas. Por fim, o capítulo aborda o processo de tabulação e compilação das informações obtidas, detalhando como esses dados foram integrados e analisados para fundamentar o desenvolvimento do estudo preliminar.

- Situando o projeto:

O trabalho apresentado, trata-se de um Anteprojeto de um Centro Integrado de Moda, de pesquisas projetuais qualitativas. E tendo como características projetuais voltadas ao design verde, e a sustentabilidade na arquitetura, tendo como correntes projetuais de Laís Dias Vieira(2016), Marcos Eduardo Serrador (2008), que se caracterizam como uma experiência em processo projetual, e com desenvolvimento econômico sustentado para a construção civil, que deverá permanecer por um bom tempo, aumentando a pressão pela ocupação de mais terrenos.

- Fontes Teóricas:

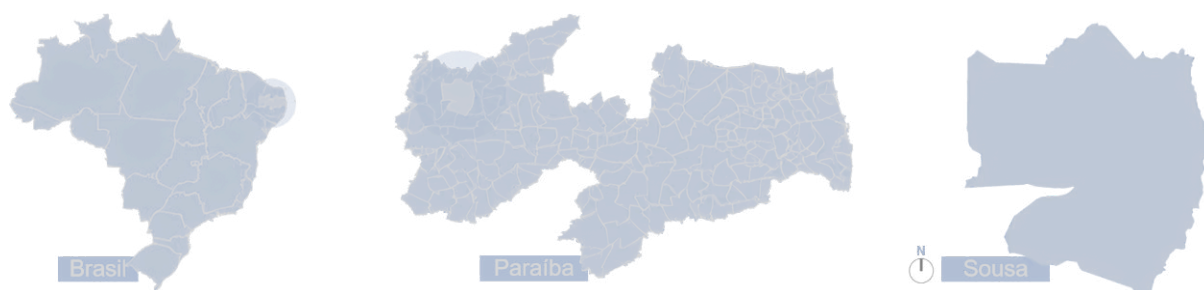
A fim de alcançar os objetivos propostos para o objeto de estudo foi realizada de forma sistemática, através de fontes como livros, artigos, vídeos e sites. As pesquisas buscaram aprofundar o conhecimento sobre os conceitos da moda, tanto de um ponto de vista histórico quanto atual, relacionando-a com a busca da elegância e da beleza a partir da obra de Pollini (2007); a pesquisa de Bógea, Oliveros e Rebello (2005), sobre a relação entre a arquitetura e a moda; e sobre a análise dos valores econômicos com Vasconcellos (2008). Também foram realizadas pesquisas sobre a importância da indústria têxtil, com dados econômicos, questionários com as empresas do setor têxtil, e seus insumos, a partir do trabalho de Michel Deliberali Marson (2023). Foram analisados os dados da Associação Brasileira da Indústria

Têxtil e de Confecções – ABIT (2020), sobre vagas de emprego nas empresas têxteis, e dados econômicos. No entanto, todas essas referências visam aprimorar o entendimento no desenvolvimento do trabalho.

- Identificação do local de estudo:

O local de estudo deste trabalho, visa alcançar os objetivos propostos tanto o geral como os específicos, e de acordo com todos os estudos realizados, a análise do território levou em consideração o contexto da moda na Paraíba. Após as análises realizadas, para a implantação do Centro Integrado de Moda, foi definida a região do município de Sousa/PB (figura 01), que ocupa uma área de 814,71km² abrigando cerca de 67.259 habitantes, a partir do Censo IBGE (2022). Sob a mesma fonte, o município dispõe de uma taxa de urbanização de 78,84%, e segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do local é de 0,668, que é considerado médio a partir do Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento (PNUD).

Figura 01: Localização do Município de Sousa



Fonte: Google Maps, 2025. Modificado pela autora, 2025.

- Procedimentos Metodológicos:

Foram realizadas visitas ao local de estudo, o levantamento fotográfico da área in loco assim como sua identificação, delimitação da área de terreno, identificação e mapeamento de hierarquia de vias, uso e ocupação de solo, análise do entorno, levantamento topográfico do terreno, e a respectiva força do lugar, análise dos condicionantes bioclimáticos, entrevistas com empresários locais do setor têxtil, entre outros procedimentos. Finalizada a captação e

análise dos dados, o processo de desenvolvimento projetual considerou condicionantes como a topografia, ergonomia, conforto térmico, e a vegetação existente no seu entorno.

Busca-se também com a proposta elaborada construir um projeto arquitetônico alinhado à identidade do local, tendo como balizadores: o material empregado, a mão de obra utilizada e estratégias climáticas. As ferramentas utilizadas para esse trabalho foram câmera para registro fotográfico, softwares de uso livre como SOL-AR e Meteoblue para captação de dados climáticos, programas gráficos como Photoshop para pós-produção das imagens existentes, Q-gis, e por último utilização de AutoCAD, Sketchup e V-ray.

Com base em todas as informações adquiridas, foram produzidos mapas, utilizando-se imagens da plataforma online Google Maps, e destacando as especificidades de cada um:

- Mapa de Topografia
- Mapa de uso e ocupação de solo
- Mapa de gabaritos
- Mapa de hierarquia de vias

Em relação ao turismo, a cidade de Sousa/PB, é bastante conhecida mundialmente por ser a localização do Vale dos Dinossauros, um dos maiores parques paleontológicos da América Latina, (SOUSA, 2019). Com isso, Sousa/PB é um município de relevância no Estado da Paraíba, devido às suas características econômicas, sociais e educacionais.

2 ARQUITETURA DA MODA: TRADIÇÕES NA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO

2.1 História da moda

Definir a moda, do ponto de vista da ciência e da cultura, abrange várias histórias de formas, e conforme Souza, "a moda compreende mudanças sociológicas, psicológicas e estéticas, intrínsecas à arquitetura, às artes visuais, à música, à religião, à política, à literatura, à perspectiva filosófica, à decoração e ao vestuário." (SOUZA, 1996 e RECH, 2002 p.29, onde ele relata que a moda é como um fenômeno multifacetado que vai além do vestuário, refletindo e influenciando diversas áreas da cultura e da sociedade. Portanto, é uma expressão das mudanças sociais e dos valores estéticos que permeiam diferentes contextos históricos e culturais. Onde mostra como as escolhas de moda podem ser um reflexo das transformações na arquitetura, nas artes e até nas crenças e práticas cotidianas.

A moda nada mais é que um artifício, um elemento decorativo que nasceu do aperfeiçoamento das indústrias onde seus conceitos estão diretamente ligados aos do

vestuário, propondo a simbologia visual, que transmite mensagens ou sensações que o usuário quer passar ao espectador, podendo ser modificada e aperfeiçoada conforme a sua cultura cronológica vivenciada pela humanidade. (RECH, 2002)

Com isso Rech, reforça a ideia de que a moda é uma construção social e cultural, que se desenvolve ao longo do tempo em resposta às necessidades e valores de cada época. O conceito de moda como um artifício decorativo destaca seu papel não apenas na estética, mas também na comunicação de sentimentos e sentimentos. Assim, a moda atua como um meio de expressão, permitindo que os indivíduos transmitam mensagens sobre quem são e o que valorizam, adaptando-se continuamente às influências culturais e históricas.

Na atualidade, é fundamental que a moda siga as correntes estéticas do consumidor desenvolvendo os produtos de acordo com as exigências dos usuários, fazendo com que o trabalho dos estilistas, traduz as ideias e os sonhos dos usuários em meios materiais da produção industrial (BARTHES, 1967 e RECH, 2002).

As categorias de produto de moda podem se dividir em três principais: O produto básico, que corresponde às necessidades do consumidor, o que realmente ele se interessa; o segundo é o produto real, que é constituído a partir do produto básico, porém agrega valores de qualidade, design, marca e aparência, reunindo diferentes atributos para beneficiar o básico; o terceiro item é o produto ampliado, união do produto básico e do produto real que consiste nos benefícios e ofertas extras oferecidos ao consumidor. Exemplos como, serviços de bainha, ajustes etc. Portanto é considerável produto de moda, todo aquele serviço ou elemento que disponha do processo de criação (tendências da moda, design), qualidade (física e conceitual), vestibilidade, aparência (apresentação) e preço conforme o caráter do público alvo a ser atingido (RECH, 2002).

As definições de categorias de produtos de moda apresentadas por Rech são bastante esclarecedoras e refletem a complexidade do que entendemos por produto básico, produto real, produto ampliado, que atende às necessidades fundamentais do consumidor, como conforto e funcionalidade.

2.2 Arquitetura e a moda

No que diz respeito à relação da Arquitetura e Moda, é essencial esclarecer os conceitos envolvidos para que a análise seja bem fundamentada. Onde existem diversas similaridades entre os dois campos, mas a principal é a convergência para o mesmo objetivo: proteger o indivíduo. Assim, tanto a casa quanto a vestimenta têm significados psicológicos

essencialmente de proteção e refúgio, enquanto buscam um equilíbrio entre estética, funcionalidade e conforto. Desde o seu surgimento, a moda é um dos tópicos mais debatidos da atualidade, pois atinge todas as classes sociais e é diretamente afetada por todos os eventos sociais e históricos. Assim, a Moda se apresenta como um instrumento de inclusão social, confirmando essa afirmação. Moda assemelha-se a Arquitetura nos conceitos que dão origem às concepções em que quase tudo é tridimensionalmente concebido, a partir de um desenho bidimensional, pode-se entender que os profissionais dessas áreas partem de conceitos idênticos para desenvolver estudos sobre as mesmas questões: a espacialidade, a ergonomia, a forma, a funcionalidade, o estilo, os elementos de adorno, as técnicas construtivas. A Arquitetura como produto de expressão cultural e artística sugere estilos para a concepção dos produtos de Moda:

[...] a arquitetura é uma missão que exige a vocação de seus servos; que, voltada para o bem da moradia (e da morada, que depois de abrigar os homens, abriga o trabalho, as coisas, as instituições, os pensamentos), a arquitetura é um ato de amor e não uma representação (CORBUSIER, 2006, p. 32-33).

A residência, tal como o vestuário, desempenha o papel de abrigo, de lar, onde o corpo encontra abrigo e proteção. A arquitetura é o refúgio que se separa do corpo humano, expandindo sua ocupação. A função da moda e da arquitetura em retratar uma época específica ou um contexto social é bastante similar, mesmo que sejam representadas de maneiras e materiais distintos. Ao analisar o histórico cronológico das tipologias arquitetônicas e de moda, nota-se que frequentemente a característica associada a um tipo de arquitetura ou a um tipo de moda ou vestuário permite identificar um povo específico, sua cultura e estilo de vida.

Outro aspecto é a semelhança no processo de projeto. Edifícios arquitetônicos, assim como as peças de vestuário, são calculadas e estruturadas meticulosamente. Assim como as peças de vestuário, elas passam por um estudo do material (tecido), resistência, relação com o desempenho pretendido, e são calculadas individualmente. O conceito aplicado por cada arquiteto ou estilista é refletido em suas obras, através de silhuetas marcantes, linhas, texturas, combinações de cores que distinguem um artista do outro. Afinal, estamos discutindo duas artes que podem até mesmo se inspirar mutuamente para suas criações. Como nos confirma João Braga em seu livro História da moda, no começo do século XX a forte influência da Art Nouveau com suas formas orgânicas e naturais representadas na arquitetura,

se refletiu no mundo da moda, através da marcação das silhuetas e curvas do corpo feminino, já nos anos 20 a influência foi marcada pela Art Deco que refletiu tanto na arquitetura quanto na moda, através de motivos geométricos, linhas mais racionais, vestidos retos e sem marcação do corpo (Vasconcelos, 2010).

A expressão "moda" na arte refere-se ao fato de que a arte sempre retratou as roupas de uma época específica por meio de técnicas convencionais de representação: pinturas, afrescos, desenhos e esculturas. É evidente a menção a obras de arte em diversos itens de Moda, especialmente nas coleções de renomados estilistas como Yves Saint-Laurent, Christian Dior e Jean Paul Gaultier, por exemplo. Isso confirma que a Moda busca inspiração na arte para suas criações. E particularmente notável na estamparia de tecidos que reproduzem imagens de obras de artistas renomados como Mondrian, Kandinsky, ou que traduzem a essência de movimentos artísticos, como ocorreu com a Op-Art.

Artistas, arquitetos e urbanistas resolvem problemas comuns aos dos produtos de Moda como o equilíbrio, os volumes, as linhas, as cores e os ritmos, para então chegarem a uma forma que é a medida do espaço, único elemento que se deve considerar na obra de arte, como mostra o desfile da figura 02:

Figura 02: Desfile da coleção Primavera/Verão 2000 de Hussein Chalayan.



Fonte: Site Risage.

A descrição das características arquitetônicas da Villa Savoye representa fielmente os cinco elementos da nova arquitetura, que englobava pilotis, terraço-jardim, planta livre,

fachada aberta e janelas em formato de fita. No decorrer do processo, o PC Lourenço também enfatizou como Le Corbusier impactou gerações posteriores, que seguiram seus princípios de simplicidade e integração com o meio ambiente. O trabalho se estabeleceu como uma referência inquestionável, desafiando as normas arquitetônicas do período ao questionar se uma residência deveria ser um símbolo explícito de status social. Le Corbusier advogou por uma estratégia centrada na busca pela qualidade de vida e, conseqüentemente, na qualidade do espaço.

Figura 03: Coco Chanel x Villa Savoye (Le Corbusier)



Fonte: Google imagens.

Ao pronunciar esta frase famosa, a estilista Gabrielle Chanel revelou um dos aspectos de interação entre as duas áreas criativas: o que se refere à estrutura. A proporção, o equilíbrio, o contraste, a harmonia e a ênfase são alguns dos princípios que orientam todo o desenho propositivo, em diversas escalas e suportes. No campo das artes visuais, seja na pintura, arquitetura, design ou moda (entendida como o desenho de roupas e acessórios), é o cuidado meticuloso ou a negação intencional desses e de outros princípios que permitem que a informação recebida pelos sentidos seja apreciada por cada indivíduo, levando em consideração sua cultura, memória e preferências individuais.

“Moda é arquitetura: uma questão de proporção.”

Gabrielle Chanel.

Figura 04: Coleção de Gabrielle Chanel x Japanese Architecture.



Fonte: Moda e Arquitetura.

Inicialmente, a moda e a arquitetura se assemelham, pois vestir e morar são duas necessidades fundamentais parecidas, que se originam na interação entre o indivíduo e o mundo ao redor, entre indivíduos e o ambiente físico e social. No livro "O hábito fala pelo monge", o filósofo Umberto Eco destaca que a função de proteger contra o calor ou o frio representa apenas cinquenta por cento do conjunto de um vestuário nos dias de hoje.

O restante é uma escolha ideológica, é um recado. Conforme ele, "o vestuário é um meio de comunicação." Assim como na arquitetura, o objeto perde parte de sua relevância funcional para se transformar em um sinal que expressa um discurso.

Figura 05: Relação entre moda e arquitetura.



Fonte: <http://www.ruhamajunqueira.com.br>.

Figura 06: Arquitetura e moda no estilo Gótico, século XIV.



Fonte: ZANDOMENECO, Ingrid Etges.

É interessante lembrar que Arquitetura, Moda e Design, são artes integradas. Caminham juntas em um constante equilíbrio de somatórios e ganhos de ambos os lados: desenham e projetam tendências, criam o novo para o futuro e recriam o passado para o presente, lidam com a poética, com o dia-a-dia, com sensações e percepções. São pessoais e individuais, imaginativas e idealizadoras, vindas da mente, da sensibilidade ou da alma de cada artista, estilista ou arquiteto.

2.3 A produção têxtil na Paraíba e no Brasil

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção - ABIT (2018), o mundo têxtil é mais de 50% asiático, com destaque para a China. No entanto, o setor têxtil brasileiro está na quinta posição de maior indústria têxtil do mundo e na quarta de confecção, participando com menos de 0,4% desse mercado. No atual contexto Brasil, emprega 1,7 milhão de pessoas de forma direta, das quais 75% são mulheres, sendo que a indústria da moda é o segundo maior empregador na indústria de transformação e, também, segundo maior gerador do primeiro emprego.

A indústria têxtil no Nordeste é mais expressiva, em virtude de gerar demanda por matérias-primas têxteis, a exemplo do algodão, considerado um insumo importante na indústria de confecção, gerando emprego e renda de forma indireta nessas atividades e em outras (BEZERRA et al, 2014).

A estrutura da cadeia produtiva de distribuição têxtil e de confecção engloba, desde a produção das fibras têxteis, até o produto acabado e confeccionado, incluindo a distribuição e a comercialização. A indústria têxtil é constituída como uma etapa dessa cadeia, compreendendo a fiação, a tecelagem, a malharia e o beneficiamento (tinturaria, estamparia, lavanderia etc.). As matérias-primas têxteis são compostas de fibras naturais, das quais se sobressai o algodão, e de filamentos sintéticos e artificiais, sendo transformados em fios nas fábricas de fiação, seguindo para a tecelagem plana ou para a malharia e, finalmente, para o acabamento, segundo Bezerra et al, (2014).

Santiago (2011) revela em seu estudo sobre a gestão ambiental em indústria têxtil no estado do Ceará, os seus impactos ambientais e as ações de controle, tratamento, prevenção e gerenciamento dos resíduos. E, nesse estudo, argumenta que os impactos ambientais gerados na etapa dos processos de fiação e tecelagem resultam, na sua maioria, em aspecto técnico como os níveis de ruído e de calor dos equipamentos, e nos aspectos de produção, a exemplo de geração de estopa, e capa de fardo para a embalagem, corantes e reagentes químicos para tingimento, consumo de água e energia, poluição do ar e do solo. As indústrias buscam amenizar tais impactos negativos com as ações de reciclagem, reuso, e de bolsas de resíduos.

Figura 07 - Indústria têxtil.



A indústria têxtil está presente em todos os países por conta de uma necessidade humana de vestuário e usos utilitários variados como, por exemplo, na decoração, na área hospitalar, militar, entre outros. Tem assim um significado importante nas dimensões social, cultural, econômica e política a ponto de influenciar costumes e tendências com consequências no modo de vida em diferentes épocas. Por isso, a sociedade desenvolveu uma infraestrutura produtiva que se transformou em parques industriais para fazer frente a uma demanda de larga escala no mercado interno e externo. Esta infraestrutura constitui uma rede de infra segmentos produtivos independentes, tais como o beneficiamento das fibras naturais, a fiação de fibras naturais, artificiais e sintéticas, tecelagem e malharia.

Polos como São Bento, Cajazeiras, Pombal, entre outros, se caracterizam pela atividade industrial com a fabricação de redes de dormir de forma artesanal, peças de roupas produzidas a mão, e que são fabricadas com instrumentos rudimentares, como é o caso dos teares de três panos ¹¹, sendo o cordão produzido manualmente e pelas mulheres, enquanto o tingimento realizava-se tendo como matéria-prima, cascas de árvores que possuíam pigmentos de cor, tais como a aroeira e o coassú e outras que eram postas em panelas de barro para ferver. A comercialização das redes era feita, tendo em vista as condições técnicas de produção, então vigentes, com muita dificuldade e limitava-se à troca ou à venda em feiras livres da região.

Um fato importante que contribuiu de forma marcante para alterar a situação em que se encontrava a produção local, foi o aparecimento do fio industrializado em São Bento. Essa matéria-prima foi trazida, inicialmente, das cidades de João Pessoa, Campina Grande e Natal por comerciantes locais de pequenos estabelecimentos comerciais. Esse fato, todavia, não revolucionou o modelo produtivo, a priori, então vigente, que permanecia com suas características de produção familiar.

A trajetória histórica e cultural do setor têxtil e de confecção brasileiro demonstra que existiu e ainda existe um processo de mudança. Com a liberação comercial, que trouxe a globalização do mercado doméstico, o setor sofreu um choque estrutural; juntamente a isso, o Brasil vive uma invasão de produtos importados asiáticos. No histórico do setor têxtil brasileiro, podemos ressaltar a tecnologia como fator estratégico para mudanças e desenvolvimento, incluindo a questão da moda, que atualmente exige aderência à complexidade tecnológica dada à necessidade de assimilação de novas tendências artísticas e culturais para ressignificação contínua da cultura e mesmo da individualidade.

Onde inicialmente os comerciantes locais passaram a vender o fio a crédito e posteriormente receber redes prontas como forma de pagamento, por parte dos produtores familiares; com a utilização do fio industrializado e o gradativo abandono das técnicas de fiar manual começa a haver excedentes de maiores proporções, em função, principalmente, do ganho de tempo e aumento da produtividade proporcionado pela “nova” matéria-prima (fio industrializado) empregado na produção, e esses fatores vão, posteriormente, com a introdução do tear batelão 12 na produção, em fins da década de 1920 e início da seguinte, formar o alicerce sobre o qual se erguerá a manufatura. Com o aparecimento desse tear, mais moderno, estabelece-se uma divisão do trabalho na produção familiar: os homens passaram a se dedicar exclusivamente à primeira fase da produção já que envolve maior força física, podendo ser dividida em várias etapas tais como, a da urdição, a do alveijamento e tingimento e da tecelagem do fio entre outros.

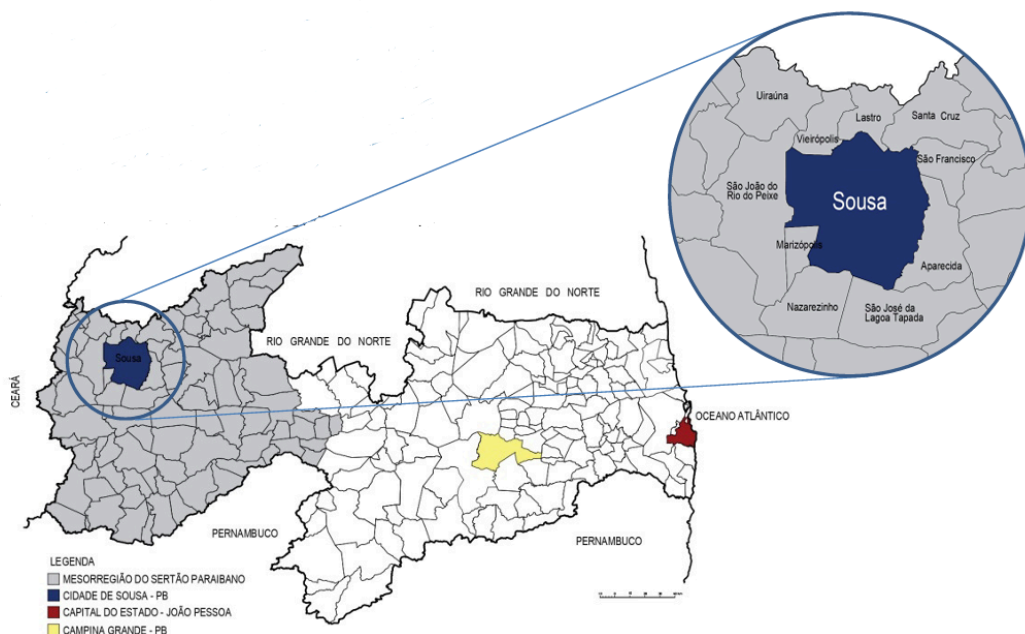
3. SOUSA: CULTURA E ECONOMIA

Localizada no alto sertão da Paraíba, a 438 km da capital do Estado da Paraíba, e a 303 km de Campina Grande, a cidade de Sousa, mais conhecida pelo seu patrimônio arqueológico, detém valioso legado arquitetônico que retrata a evolução da cidade ao longo do tempo. Com uma população de 67.259 habitantes, segundo o IBGE, e ocupando uma área total de 738 km², cujo núcleo urbano se concentra em apenas 21,5km², Sousa teve uma economia baseada inicialmente na criação de gado e na agricultura de subsistência, atividades essas que foram bastante favorecidas pela proximidade com o Riacho do Peixe.

3.1 Contexto da cidade

A cidade de Sousa limita-se ao Norte com os municípios como de Vieirópolis, Lastro e Santa Cruz; ao Sul, com Nazarezinho e São José da Lagoa Tapada; ao Leste com os municípios de São Francisco e Aparecida e a Oeste, com São João Do Rio do Peixe e Marizópolis (Figura 08).

Figura 08: Localização de Sousa/PB.



Fonte: Mapoteca Digital UFPB.

Elevada à condição de cidade pela lei provincial nº 28 de 28 de junho de 1854, em 1950, como distrito sede, Sousa compreendia mais três distritos, Nazarezinho, Santa Cruz e São José da Lagoa Tapada. Após alguns anos e a emancipação de alguns desses distritos, bem como a criação de novos, em 1963, o município ficou composto por cinco: Sousa, Aparecida, Marizópolis, São Francisco e Vieirópolis. Em 2003 volta a ser um distrito sede único; e atualmente, além da sede, compreende o distrito de São Gonçalo. Primitivamente habitada pelos índios icós pequenos, o vale do Riacho do Peixe foi alcançado em 1691 por povoadores que procuravam terras para se estabelecerem e cuidarem do seu gado.

Mais tarde, Bento Freire de Sousa e José Gomes de Sá lançaram os fundamentos da futura cidade de Sousa. Após a doação da sesmária pela Casa da Torre da Bahia, em 1730, com uma população de 1468 habitantes, como patrimônio de Nossa Senhora dos Remédios, foi iniciada a construção de uma pequena capela, que constituiu o ponto inicial de desenvolvimento do que viria a se tornar cidade em 1854.

3.2 Cultura e economia

O processo de ocupação do território brasileiro, até o final do século XIX, levava em consideração as dinâmicas econômicas regionais, nacionais e até mesmo as internacionais, e a evolução dos núcleos urbanos se dava em função das atividades econômicas que se estabeleciam a partir dos interesses da Metrópole. A Capitania da Paraíba teve no seu período inicial de ocupação, a monocultura da cana-de-açúcar e depois a pecuária como principais vetores de riqueza, o segundo tendo mais representatividade na ocupação do alto-sertão, onde se encontra a cidade de Sousa.

Como se sabe, a primeira atividade agrícola que moveu a economia paraibana foi o cultivo da cana-de-açúcar, que se concentrava na área litorânea da capitania. Tal cultura se deu por diversos fatores, como a qualidade do solo, o clima favorável e o preço elevado do açúcar no mercado internacional. O caráter extensivo da atividade fez com que a mesma tivesse de se separar da outra cultura importante da época, a criação de gado.

Os sertanistas buscavam as margens dos rios para se estabelecer devido à presença de água e o solo fértil para a agricultura de subsistência. Segundo Moreira (1990), dentre os fatores que contribuíram para o sucesso da criação de gado, foram o baixo investimento que a atividade demandava para sua implantação e para a reprodução do seu capital, a capacidade de “auto reprodução” do gado, e o baixo custo envolvido na mão de obra necessária.

Figura 09: Plantio de Algodão na Paraíba.



Fonte: Empaer, 2019

Quanto ao algodão, o mesmo se tornou o “ouro branco” apenas no século XIX. Não obstante, o autor Mariz (1978, p.15) fala do seu provável aparecimento ainda na segunda metade do século XVIII, quando afirma que: “Em 1760 aludia-se ao “Riacho do Algodão” no Cariri. Havia também um lugar com este nome no Rio do Peixe, a “Lagoa dos Algodões”, mais além, ao sul, em cima de uma serra que pertencia a Francisco de Arruda Câmara”. Porém, eram informações incertas a respeito de prováveis plantações. A cultura do algodão foi de fundamental importância para a Paraíba, principalmente para a região do agreste. Não se sabe ao certo se ela teve início nos brejos da Borborema e se expandiu para a caatinga, ou se ela já iniciou na caatinga.

Figura 10: Rio do Peixe, Sousa/PB.



Fonte: Debate Paraíba, 2025.

Segundo Galliza (1993, p.27), ela se tornou a principal fonte de renda da Paraíba em meados do século XIX, em especial na década de 1860, quando a exportação do algodão norte americano foi interrompida devido à Guerra de Secessão, quando sua cotação teve índices elevados. Na década de 1870, o algodão sofreu uma pequena queda, devido ao

restabelecimento da exportação norte-americana e uma grande seca em 1877, que assolou a Paraíba. Não obstante, o mesmo continuou sendo de grande importância para a economia.

O processo de ocupação do território brasileiro, até o final do século XIX, levava em consideração as dinâmicas econômicas regionais, nacionais e até mesmo as internacionais, e a evolução dos núcleos urbanos se dava em função das atividades econômicas que se estabeleciam a partir dos interesses da Metrópole. A Capitania da Paraíba teve no seu período inicial de ocupação, a monocultura da cana-de-açúcar e depois a pecuária como principais vetores de riqueza, o segundo tendo mais representatividade na ocupação do alto-sertão, onde se encontra a cidade de Sousa.

4. SISTEMA ARQUITETÔNICO DAS ESCOLAS DE MODA

4.1 Escolas de Moda

Inicialmente no surgimento das Escolas de Moda, quem se interessava pelo assunto precisava ser autodidata ou aprender com um familiar, se não buscava adquirir as competências como aprendiz de alfaiate em seus ateliês ou através da publicação de artigos. Os alfaiates, com seus ateliês situados em zonas comerciais da cidade, produziam roupas para o público com maior poder aquisitivo, enquanto para os menos favorecidos, a maioria era produzida na casa das pessoas que costuravam.

No surgimento da primeira Escola de Moda global, que foi o Alexis Lavigne que deu início, onde nasceu em Paris, a Escola War Lavigne, em 1841. Alexis, buscando compartilhar seu conhecimento, estabeleceu os primeiros cursos de corte Lavigne nesta escola, onde estudantes de alfaiataria poderão aprimorar suas competências. Após a morte de Lavigne, em 1880, sob a direção de sua filha Alice Guerre, a escola estendeu o ensino até então restrito aos homens alfaiates para as mulheres (ESMOD, 2024).

Em 1896, em Nova Iorque, Estados Unidos, William Merritt criou surgiu a The Chase School, cujo nome foi alterado para New York School of Art em relevância para o mundo da moda foi reconhecida em 1904, quando Frank Alvah Parsons entrou para a escola e criou três programas inovadores, os primeiros desse tipo nos Estados Unidos: Design de Moda, Design de Interiores e Publicidade e Design Gráfico. Parsons tinha a visão da inevitável ligação da arte, design e a indústria (The New School, 2024).

A La Chambre, uma instituição de moda, foi estabelecida em 1927 em Paris, na França. A escola foi estabelecida por diversas grifes de moda de Paris, com o objetivo de capacitar os

profissionais do setor em um único local, eliminando a necessidade de cada estabelecimento possuir um espaço para a formação profissional dos aprendizes. A La Chambre iniciou suas atividades oferecendo um curso tecnológico em design e técnica de moda em 1944 (La Chambre, 2024).

No ano de 1927 em Paris, na França, surge mais uma instituição de moda, a La Chambre. A escola foi fundada por várias casas de moda parisiense, para poder treinar os trabalhadores da área da moda em um único lugar e não havendo a 15 necessidade de cada casa ter um ambiente para profissionalização de aprendizes. E em 1944 a La Chambre, deixa apenas de dar cursos básicos e passa a ter curso tecnológico em design e técnica de moda.

Figura 11: Escola War Lavigne – Paris, França.



Fonte: Site Ecole Couture Parisienne, História da Escola, adaptado pela autora, 2025.

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social (LDBEN, art.39º 1996).

As instituições de educação profissional e tecnológica, além da disponibilidade de cursos regulares, oferecerão cursos especiais, abertos à comunidade, não obtendo necessariamente nível de escolaridade, condicionadas à matrícula e aproveitamento (LDBEN, art.39º 1996).

Em 1959, o Fashion Institute of Technology de Nova Iorque teve sua primeira instalação própria: um edifício de nove andares na Sétima Avenida, no coração do distrito da moda. O prédio foi planejado para 1.200 pessoas, e em 1963, havia 4.000 alunos. Durante este período, a faculdade ampliou-se para atender às novas demandas além das noções tradicionais da moda, e incluía temas a grade como design de interiores, fotografia e publicidade.

Figura 12: Fashion Institute of Technology – FIT- Nova York, Estados Unidos. Fachada Principal.



Fonte: Site Fashion Institute of Technology, 2025.

Na década de 1960, as Escolas de Moda passaram a adotar o princípio do estilismo, que contribuiu para a evolução da profissão de designer de moda. Foi um período em que a moda deixou de ser única e as pessoas passaram a ser influenciadas pela vivência nas ruas, como pelo estilo associado ao uso das lambretas da época, ou pelos frequentadores das lanchonetes (Fashion Institute of Technology, 2024).

A Parsons School of Design em 1960 era conhecida como “campo de treinamento da Sétima Avenida” e, em 1970, tornou-se parte da divisão da New School of Research, que mais tarde evoluiu para New School. A fusão com uma universidade vigorosa e credenciada, foi uma fonte de novos recursos e impulso para a educação e currículo da Parsons (The New

School, 2024). Em Paris no ano de 1976, o currículo da Escola War-Lavigne, por influência da noção de estilismo, dando à escola o status de Escola de Ensino Superior de Moda e alterando seu nome para Escola de Moda de Paris, ou ESMOD, como é conhecida. No final da década de 1980, a escola acrescentou ao currículo o Marketing da Moda.

Em 1989, o grupo ESMOD criou a ISEM, dedicada às novas demandas do mercado e a expandir o conhecimento da escola mundialmente. No ano de 1993, em Paris, França, a escola La Chambre criou um terceiro ano para complemento do curso de Design e Técnica de Moda, com isso adquiriu a certificação do curso superior de moda. (La Chambre, 2024)

No contexto mundial, as escolas de moda vêm buscando expandir os conhecimentos de suas matrizes, criando novos campus em outros países. Além disso, as escolas sedes vêm melhorando suas estruturas originais.

4.2 Escolas Profissionalizantes e Tecnológicas de Moda

Ao pensar no ambiente escolar, é crucial ponderar sobre os alunos, pois são eles os protagonistas essenciais para dar vida ao ambiente escolar. Eles contribuem para a humanização da escola, levando consigo suas bagagens, ideias e culturas que influenciaram na formação de suas identidades. Ao entrar nesse espaço, essas identidades passam por mudanças. Portanto, supõe-se que a experiência escolar pode ser afetada pelo comportamento, expressão e identidade dos indivíduos. Nesse cenário, a moda surge no ambiente escolar, pois através dela, ideias, valores e pensamentos são manifestados, seja por meio da roupa, dos acessórios ou do comportamento em si.

Com isso, a importância da moda, e do vestuário seja importante para a compreensão dos indivíduos e do mundo, frequentemente é vista de maneira negativa, associada à futilidade e à transitoriedade, não sendo reconhecida como um componente crucial na formação dos indivíduos e na sua interação com os demais. Isso também é evidente no âmbito educacional, onde pouco se tem refletido sobre a influência da moda na experiência escolar. Portanto, para entender a moda nesse contexto, devemos analisar sua apresentação e os fenômenos que ela gera.

Por participar de vários setores, a moda permite também que seu estudo seja possível em diversas áreas e níveis de conhecimento. O ensino da moda é possível tanto no nível superior quanto no técnico, além da possibilidade dos cursos livres, com durações variadas de acordo com o objetivo do estudante e os assuntos abordados. Existe ainda uma grande variedade nos conhecimentos ministrados em tais escolas, desde a parte teórica, tratando da

história do vestuário, por exemplo, até a confecção das peças, passando assim por inúmeros segmentos como estilo, desenho, modelagem e costura, criação e até mesmo gestão e marketing, permitindo que o profissional atue em diversas áreas.

Na Paraíba, possui vários campos do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), entre eles em Cajazeiras/PB, Patos/PB, Campina Grande/PB, e na capital do estado João Pessoa/PB, onde é um dos grandes promotores do ensino na área de moda em todo o Brasil. Onde a empresa fornece cursos de graduação, pós-graduação, cursos técnicos e livres. Os assuntos abordados nos cursos da instituição são os mais variados: modelagem, beleza, negócio de moda, design, etc. Além de oferecer cursos presenciais de costureiros.

Há diversas universidades que oferecem cursos de graduação e pós-graduação na área, dentre elas a Universidade Federal do Ceará (UFC), que de acordo com o site do departamento, existem cinco unidades de estudo na graduação em Design de Moda. A primeira delas, "História e Pesquisa de Moda", aborda aspectos históricos da moda e as transformações das vestimentas ao longo da história. As disciplinas de Modelagem Tridimensional e Ergonomia de Produto são comumente encontradas na tecnologia têxtil e de confecção. A unidade curricular de linguagem visual, que inclui matérias como Fundamentos do Design e Desenho Técnico de Moda, é outra opção. Na unidade de negócios de moda, o estudante aprende matérias ligadas à criação de empreendimentos pessoais, incluindo Empreendedorismo. Já a unidade de gestão de projeto agrega as disciplinas de Processos Criativos, Produção de Moda e envolve também a produção do trabalho de conclusão de curso” (UFC, 2024). Sendo assim, é possível notar que o concluinte do curso superior de Design de Moda da UFC poderá trabalhar em variados setores, pois obteve conhecimentos de distintas áreas da moda na graduação.

5. ESTUDOS DE REFERÊNCIA

Visando expandir os conhecimentos acerca de construções com ligação com a natureza, de designs verdes presentes e para uma coletividade, realizou-se pesquisas sobre o conceito de “vitrine”, contato exterior, pátio central, ambientes com grandes aberturas, solução de planta: níveis diferente, uso de rampas para ligação dos pavimentos, contato interior/exterior, e a sustentabilidade, ligada com o design verde. Dentre essas temáticas, foram escolhidas a Fábrica Berluti, o Instituto Marangoni, e a FAU-USP.

5.1 Fábrica Berluti

O edifício da Fábrica Berluti está localizado em Ferrara, na Itália, e teve projeto desenvolvido pelos arquitetos Barthélemy Griño em 2015. Com área de 8700m², o prédio funciona como fábrica e escola de fabricação de calçados de luxo. A concepção do projeto foi baseada em duas intenções: fazer desaparecer o aspecto industrial que o espaço revela e criar um envoltório capaz de diminuir o peso formal da edificação. Para o primeiro aspecto, a estrutura da edificação é toda oculta, escondendo o aspecto fabril comum em espaço de mesmo uso. Para dinamizar a fachada, foram instalados, desde o solo, suportes de cedro vermelho natural que se repetem ritmicamente e funcionam como protetores solar.

Figura 13: Fachada Fábrica Berluti.

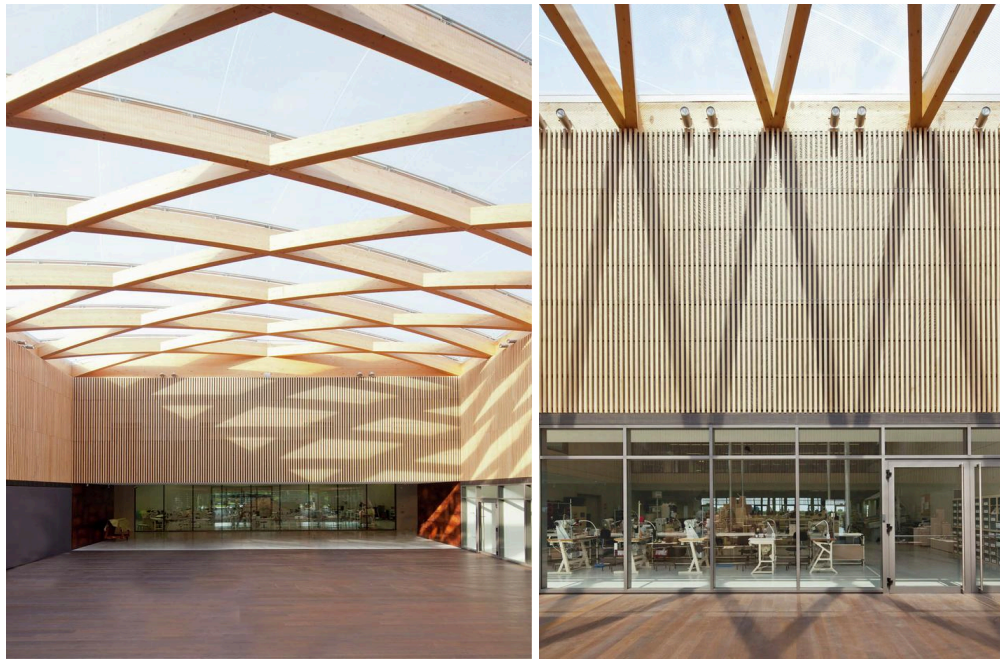


Fonte: Arnaud Schelstraete, 2016.

O ponto de destaque do projeto é o pátio coberto, que pode ser acessado assim que se entra na edificação. Essa agora conecta e distribui todos os espaços e congrega todos os ofícios, habilidades e conhecimentos técnicos entre si: desde corte e costura, desde o polido ao protótipo, aproveitando a inteligência das mãos e a transmissão dos gestos no coração da fabricação” (BRANT, 2016) .

A cobertura é em material translúcido com grelhas de madeira que criam um efeito de sombra bastante interessante. Dele é possível observar o interior de diversos ambientes, como a sala de aula de fabricação, a sala de fototipagem e a sala de produção, criando uma relação intensa exterior-interior.

Figura 14: Sistema da coberta.



Fonte: Arnaud Schelstraete, 2016.

Vale destacar que mesmo os ambientes que não possuem contato direto com a ágora são dotados de grande interação com o exterior, pois contém grandes aberturas, do piso ao teto, funcionando como uma grande vitrine (Figura 14). O estudo da Fábrica Berluti possibilitou encontrar soluções formais e funcionais para o projeto do Centro Integrado de Moda, principalmente no que se refere ao uso de pátios.

5.2 Instituto Marangoni

Instituto Marangoni, Londres, Inglaterra foi fundado em 2003 na Fashion Street, na região de Shoreditch, considerada uma localidade frequentada por artistas da cidade, região é conhecida por criar novos estilos e tendências da moda e design. Segundo o site do Instituto Marangoni, os alunos da escola de Londres entram em contato com um mundo em mudanças. Esse contato com a constante mudança incentiva os desafios e criatividade de quem ali permeia.

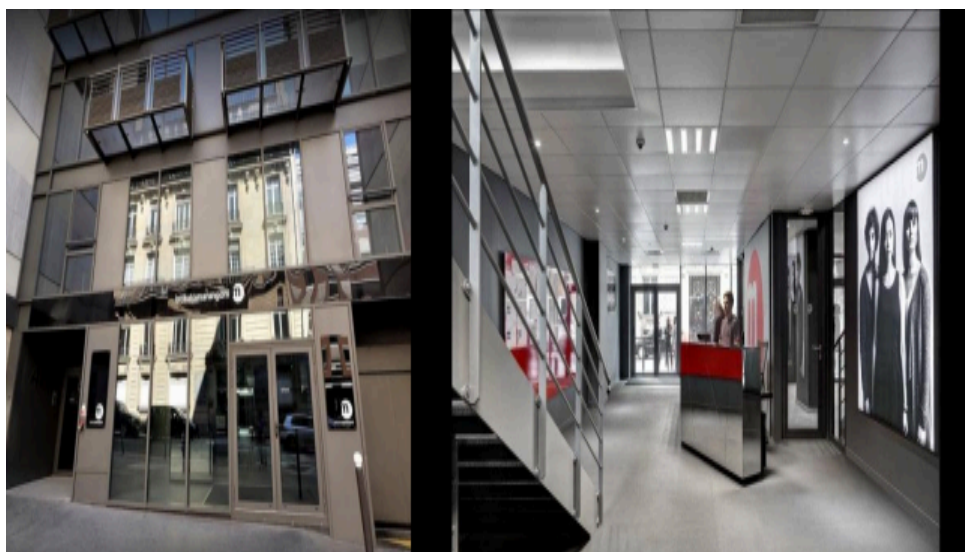
Figura 15 : Instituto Marangoni, sede Londres, Inglaterra.



Fonte: Site Instituto Marangoni, 2025.

O Instituto Marangoni em Paris, França, foi fundado em 2006 em um edifício de sete andares no coração do 8º distrito. O edifício se encontra próximo às maiores casas de moda do mundo como: Chanel, Hermès e Lanvin. A escola tem uma parceria com as casas de moda, que se localizam próximas ao instituto, que promove encontro dos alunos com os profissionais que trabalham nessas casas, expandindo o conhecimento para fora da sala de aula e criando desafios para os alunos. A escola busca também a moda como negócios e marketing internacional.

Figura 16: Instituto Marangoni, Paris, França.



Fonte: Site Instituto Marangoni, 2022.

5.3 FAU-USP

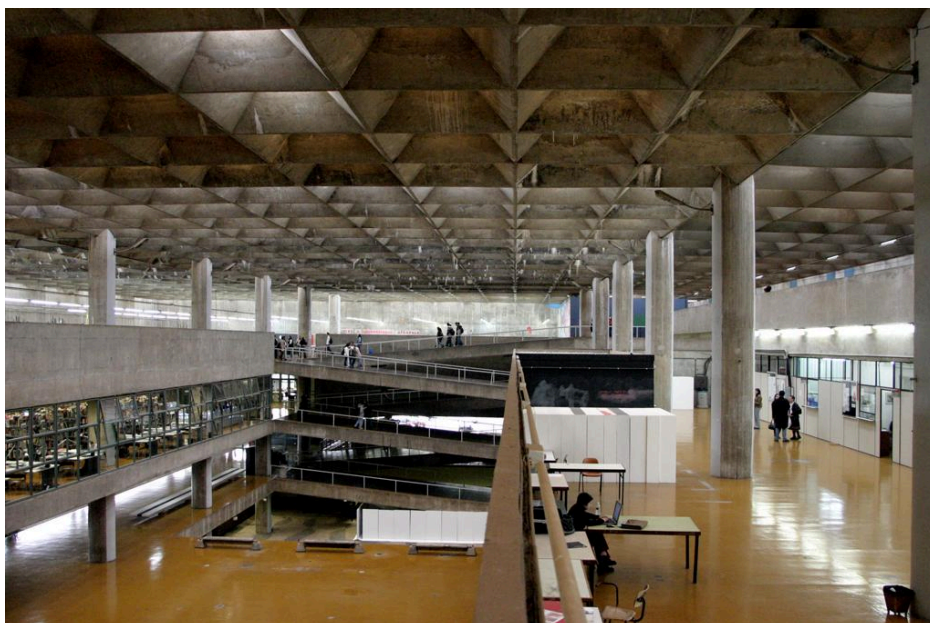
O prédio do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, projetado por João Batista Vilanova Artigas em 1961 e construída entre 1966 e 1969, possui predominância de linhas simples, uso do concreto e do vidro, além da grande integração dos espaços, através do uso de rampas, que interligam os seis pavimentos.

Figura 17: FAU- USP.



Fonte: Fernando Stankuns, via Archdaily, 2011.

Figura 18: Interior da edificação.



Fonte: Fernando Stankuns, via Archdaily, 2011.

O edifício consiste em um grande bloco de concreto sustentado por pilares em formato de trapézio duplo, consistindo em apoios leves quando comparados com o volume total da faculdade. Outro fator importante da edificação são os grandes espaços abertos, que permitem e incentivam a convivência entre usuários. Além disso, é notável no projeto a presença do contato do interior com o exterior, através das grandes aberturas e vãos. Diante do exposto, analisando o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Paulo foi possível notar soluções para trabalhar com níveis diferentes em um mesmo projeto, além do contato com o exterior, mesmo com um volume tão “pesado” esteticamente.

5.4 Referências para a proposta

As edificações planejadas obtiveram resultados satisfatórios para contribuir ao levantamento referencial. Dessa forma, para compor a nova proposta projetual, foi estabelecido em seu processo algumas diretrizes projetuais que foram norteadas a partir dos estudos, como espaços de caminhabilidade para pessoas, detalhes construtivos em forma de brises de madeira, áreas arborizadas com vegetação predominante nas fachadas, vegetação nativa do semiárido. As esquadrias em madeira e vidro, elementos vazados e a participação de espelhos d'água são pontos presentes que serviram como base para a nova integração de ambientes propostos.

Com isso os estudos de referências realizados contribuíram para o processo de desenvolvimento do projeto, pois possibilitaram conhecer aspectos funcionais e formais para o uso proposto. As contribuições foram sintetizadas na tabela abaixo: (Tabela 01)

Tabela 01: Síntese dos estudos de referências.

ESTUDO	CONTRIBUIÇÃO
FAU- USP	Solução de planta: níveis diferentes, uso de rampas para ligação dos pavimentos, contato interior/exterior.
Fábrica Berluti	Conceito de “vitrine”, contato exterior, pátio central, ambientes com grandes aberturas;
Instituto Marangoni	Layout das salas de aula, e laboratórios bem diversificados, que facilita as produções realizadas, e também ambientes mais amplos e design arrojados.

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Tabela 02: Materiais, e paisagismo das referências.

EDIFÍCIOS	MATERIAIS	PAISAGISMO
FAU- USP	Concreto, vidro, pedras.	Grandes áreas verdes, jardins com nativas diversificadas.
Fábrica Berluti	Concreto, madeira, vidro, alumínio.	Jardins internos, e externos.
Instituto Marangoni	Concreto, vidro, madeira.	-

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Com base na tabela comparativa dos estudos, que indica elementos, e características analisadas para a elaboração do Centro de Moda, as concepções apresentadas surgem como referência para a edificação proposta nesta pesquisa, além do uso da releitura de elementos

formais encontrados, como as coberturas imponentes. Complementando, comparou-se também as soluções materiais e paisagísticas das três edificações estudadas. (Tabela 02)

6. DIAGNÓSTICO DO LOCAL DE ESTUDO

As condicionantes projetuais são basilares para nortear as decisões e proposta do Anteprojeto do Centro de Moda, visto que engloba a análise da proposta projetual, ou seja, o estudo do terreno e seu entorno, assim como as condicionantes bioclimáticas do local e as legislações projetuais que atuam no município da cidade escolhida.

Com base no tema deste trabalho, o setor da moda, e da indústria têxtil em Sousa são bem relevantes para a população, visto que está entre vários polos industriais do setor têxtil da Paraíba, e como umas das principais matérias primas têxteis, temos o algodão que foi o principal produto da economia sousense, sua base de sustentação durante muito tempo. Sousa, com sua geografia, clima, fertilidade e com abundante disponibilidade de mão de obra demonstrou-se apta ao cultivo do algodão. Como o algodão encontrou no solo do sertão condições favoráveis para se desenvolver, este passou a ser o principal produto cultivado de muitas regiões sertanejas, chegando a faltar gêneros alimentares.

Como nos mostra Caio Prado Júnior (2008), “As fomes são frequentes, o algodão absorve todas as atividades e ninguém cuida de culturas alimentares”. Isso nos mostra a importância da cotonicultura para a economia brasileira. Uma expansão até então desconhecida, já que, no início, o cultivo do algodão não representava para a economia brasileira relativo interesse, ficando mais destinado ao cultivo do açúcar. Como no Brasil, a economia era destinada à exportação, um novo produto agrícola cultivado principalmente na região Nordeste passou a ser exportado para a Europa, em decorrência da necessidade deste país por matéria prima. Segundo Denise Monteiro Takeya (1995):

Para a região Nordeste, isso significou uma diversificação de sua economia, na medida em que, pela primeira vez surgiu a possibilidade de exportação de um produto agrícola que não fosse o açúcar. Mas mais do que isso, por suas peculiaridades de cultivo e beneficiamento, do algodão possibilitou o surgimento da pequena propriedade (sob diferentes formas de arrendamentos), a utilização de mão-de-obra livre e a expansão da agricultura de subsistência. Além disso, promoveu a urbanização em áreas interioranas, uma vez que os beneficiadores eram, em geral, comerciantes que se estabeleciam nos

núcleos populacionais com suas máquinas beneficiadoras (TAKEYA, 1995, p. 95).

A Paraíba, mais precisamente o interior, foi uma região que teve seu crescimento e desenvolvimento atrelado a economia algodoeira. Uma atividade complementar que, dependendo da cotação do algodão, passou a ser um produto de grande rendimento.

6.1 Localização

O terreno escolhido para o projeto, se localiza na cidade de Sousa/PB, com uma área de 7.414,89m², no bairro Jardins, na esquina entre a Av. João Bosco M. de Souza, e a rua Leopoldo José de Melo, ao lado do hospital Regional e próximo a rodoviária. Sua testada posterior se volta para uma área residencial, mas que também agrega outros usos como, hotéis, posto de combustível, academias, e loteamentos.

Figura 19 - Informações do Terreno no bairro Jardins.



Fonte: Google Maps, 2024. Modificado pela autora, 2025.

Figura 20 - Imagens do terreno.



Fonte: Autora, 2025.

6.2 Tipo das vias

Foi realizada uma visita ao terreno escolhido, e coletado alguns dados do levantamento fotográfico, onde foi produzido um estudo dos mapas de uso e ocupação do solo, e o de hierarquia viária, que serão mostrados a seguir:

Figura 21 - Hierarquia viária.

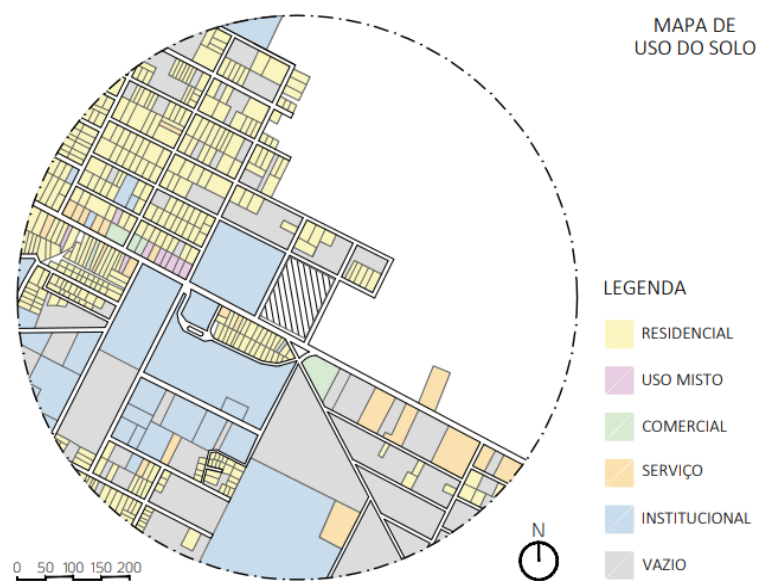


Fonte: Google Maps, 2024. Modificado pela autora, 2025.

A análise da hierarquia das vias (Figura 21), onde foi possível identificar que vê-se que a área é delimitada por uma via arterial, esta que é a Av. João Bosco M. de Souza, que é a via que dá acesso à cidade. Foi identificado também a presença de vias coletoras, a Rua Leopoldo José de Melo, Rua José Alexandre Nunes, a Rua Haroldo Nazaret, a Av. Adjesum Viana dos Santos, e a Rua João Vieira Almeida, e entre várias vias locais, que permitem o fácil acesso ao terreno. Logo em seguida, foi realizada a análise do mapa e uso do solo, podemos ver na (Figura 22).

6.3 Uso do solo

Figura 22 - Uso e ocupação do solo.

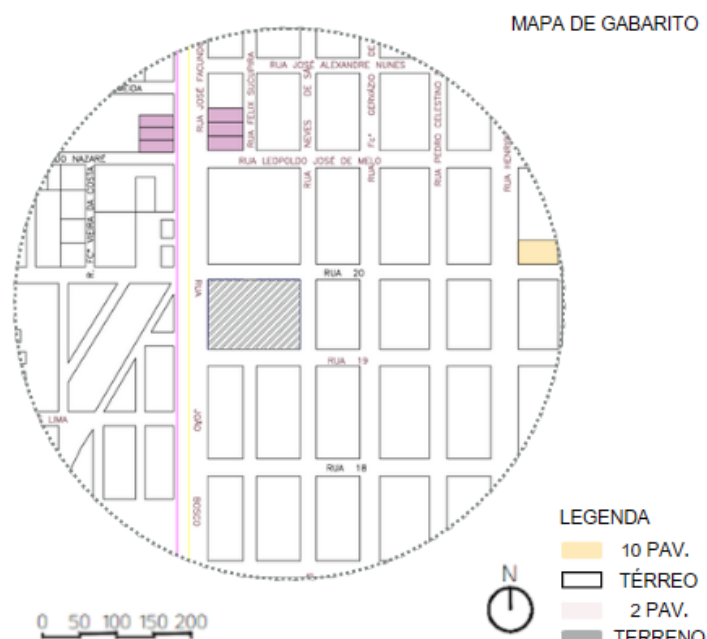


Fonte: Google Maps, 2024. Modificado pela autora, 2025.

De acordo com o mapa de uso e ocupação, foi possível perceber todo o uso do seu entorno, como mostra na (Figura 22). Foi identificado que as extremidades mais próximas à Av. João Bosco M. de Souza, possuem edificações construídas, consideradas como espaços cheios, representados no mapa. Representada pela cor amarela, foi caracterizado o uso residencial, pela cor lilás o de uso misto, na cor verde, o uso comercial, pela cor azul, o uso institucional, e também marcado no mapa, a parte vazia, marcada pela cor branca.

6.5 Gabarito

Figura 24: Gabarito das edificações.



Fonte: Google Maps, 2024. Modificado pela autora, 2025.

Posteriormente, compreende-se uma área que prevalece edificações térreas, não ultrapassando um gabarito maior que 10 metros aos limites do lote, como mostra a Figura 24.

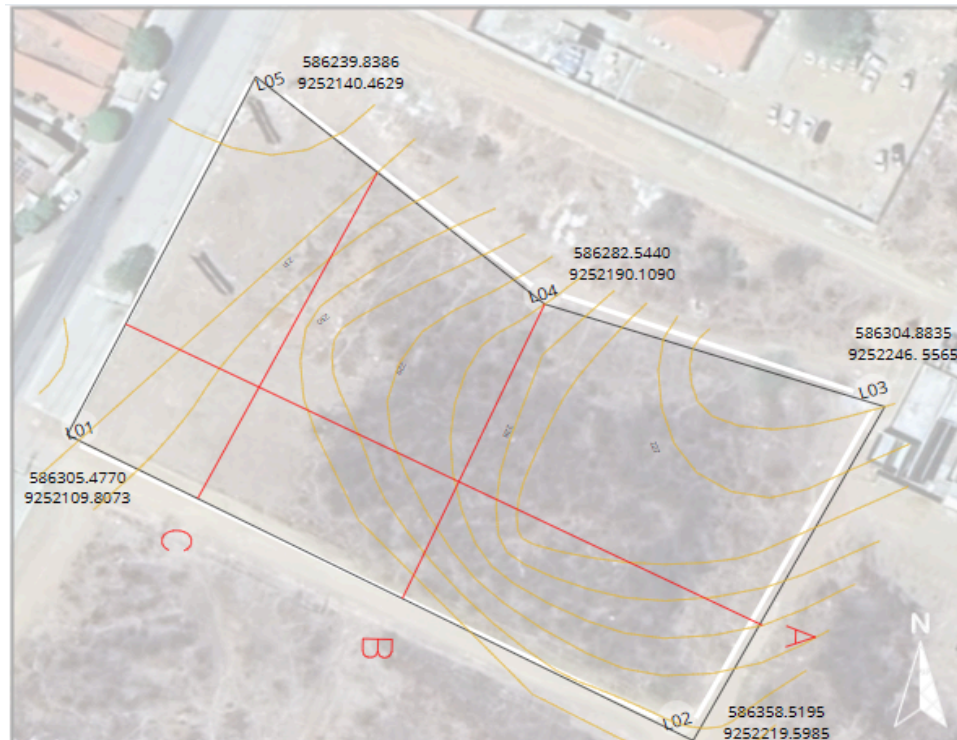
6.6 Topografia

O levantamento topográfico teve como ponto de partida sua delimitação da área através do software Google Earth, onde só assim pôde ser exportado o arquivo gerado em formato kmz. Em seguida, esses dados foram inseridos no software Qgis e Autocad, observando as curvas de nível para as tomadas de decisões projetuais (Figura 26). Outro fator determinante para o estudo da topografia procedeu-se com visita in loco. A observação da relação da gleba com o entorno imediato, abrangendo questões de acessibilidade e condicionantes climáticas e naturais da zona, bem como a existência de vegetações nativas e passíveis de preservação.

A vegetação pré-existente tem papel fundamental no estudo dos dados topográficos, pois ela garante as taxas de erosão do solo através da proteção ao impacto da chuva, diminuição da água disponível ao escoamento superficial, decréscimo da velocidade de escoamento superficial e aumento da capacidade de infiltração da água no solo por meio de

suas raízes. Além da sua importância ambiental para o meio. Tal condição acarreta as decisões que devem considerar a permanência de algumas dessas espécies.

Figura 25: Curvas de níveis do terreno.



Fonte: Qgis, adaptado pela autora (2025).

Levando em consideração todos os aspectos legais abordados nos pontos anteriores é viável a partir desse momento compreender os aspectos físicos do terreno em que se desenvolveu a proposta projetual. Os estudos de viabilidade constroem caminhos que nortearam um estudo detalhado do meio como topografia, edificações vizinhas, orientação solar e ventilação.

Figura 26: Representação A do terreno, e sua declividade.

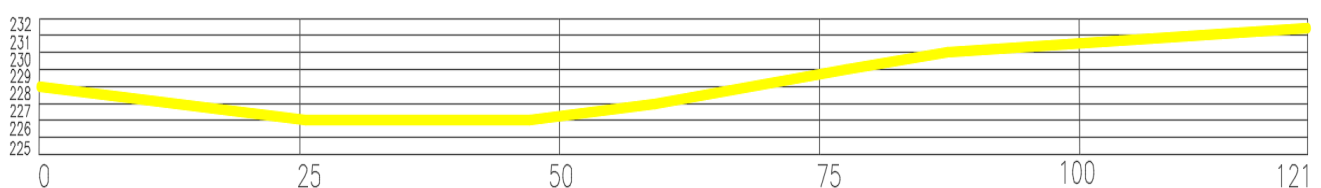
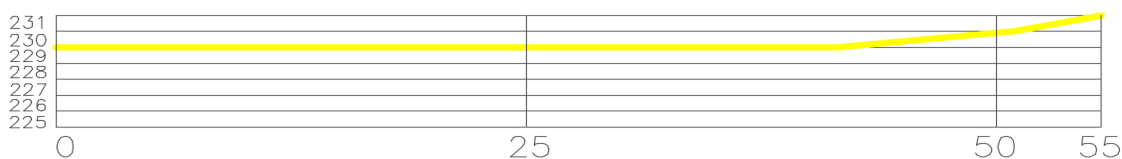


Figura 27: Representação B do terreno, e sua declividade.



Fonte: Autocad, adaptado pela autora (2025).

Figura 28: Representação C do terreno, e sua declividade.



Fonte: Autocad, adaptado pela autora (2025).

Além disso, uma análise criteriosa sobre as características físicas do terreno. Considerando o desnível do terreno proposto, e para melhor aproveitamento do terreno, e dos seus setores, foi proposto o serviço de terraplenagem, onde é um serviço que consiste na retirada ou colocação de terra para nivelar um espaço. É um dos principais motivos que tornam a terraplenagem um serviço essencial é que evita desníveis. O processo consiste na retirada de terra em excesso ou colocação de terra onde falta, garantindo o alinhamento do solo. Dessa forma, evita que, na colocação de um pavimento, o piso fique desnivelado.

Outro dos benefícios da terraplenagem é que, além de garantir o alinhamento do solo, oferece estabilidade. Isso porque também ocorre a compactação da terra após o fim da retirada ou colocação dela. Assim, reduz o risco de ceder. Faz com que a estrutura construída se mantenha por mais tempo, diminuindo as chances de rachaduras e desabamentos.

6.7 Dados Institucionais: Leis nacionais e Municipais

Diante dessa perspectiva, para a sustentação legal, recorre-se a alguns documentos normativos que fornecem decisões projetuais dentro da legalidade construtiva, para isso, foi utilizado o documento do Plano Diretor de Cajazeiras/PB, com isso os objetivos básicos referentes à Política de Educação: são garantir a igualdade de condições para o acesso e permanência na Escola: garantir a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o

pensamento; a arte e o saber: I. Garantir a participação de representantes da comunidade na gestão democrática do ensino; a ser levado a efeito, II. Garantir o padrão de qualidade do ensino: Adotar o pluralismo em ideias e de concepções pedagógicas, III. Garantir a participação de representante da comunidade na gestão democrática do ensino; a ser levado a efeito, IV. Garantir o padrão de qualidade de ensino.

Dentre outros, como, V. Garantir o padrão de qualidade do ensino, IV. Adotar o pluralismo em ideias e de concepções pedagógicas, V. Promover e garantir o ensino público gratuito em estabelecimentos oficiais, VI. Valorizar os profissionais de ensino.

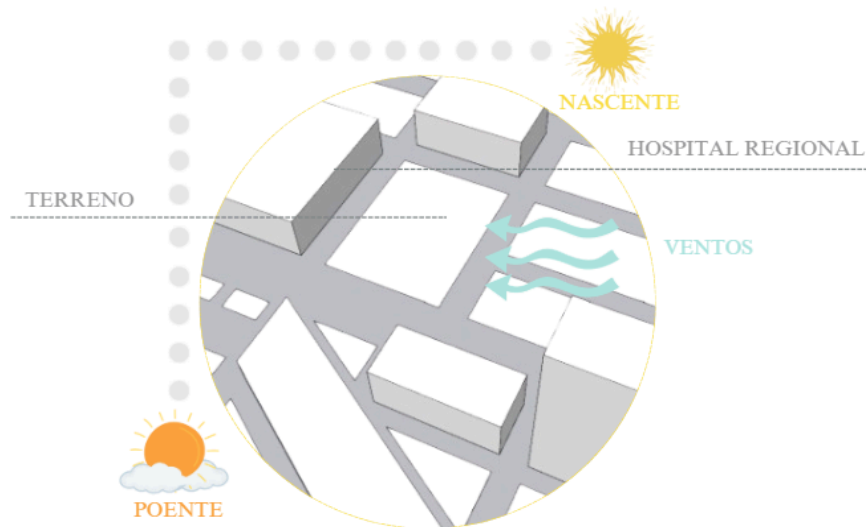
O documento também conta com recomendações, e dimensões que podem variar conforme a altura de cada pavimento, para o projeto elaborado as edificações presentes terão 3,00 metros, portanto foram estabelecidas as diretrizes conforme a tabela acima. Vale ressaltar o 51 importante papel do documento em garantir desmembramentos do solo na cidade, respeitando as relações existentes e consolidadas na malha urbana e rural. Por isso, a implantação do produto final (equipamento de hospedagem) deriva de aspectos legais que auxiliam na compressão para o uso adequado do solo como a computação de vagas de estacionamento, recuos, percentual de permeabilidade e a taxa de ocupação.

7 CONDICIONANTES PROJETUAIS

7.1 Entorno

Para nortear melhor o entorno, a figura seguinte remete a uma perspectiva volumétrica que define aspectos físicos e condicionantes climáticas do terreno tal qual a projeção do caminho do sol em cima da área planejada como também direção dos ventos. Outrossim, é relevante citar o gabarito do entorno imediato com uma menor quantidade de residências térreas. Como mostra na (Figura 29).

Figura 29: Perspectiva do percurso solar.



Fonte: Autora (2025).

No entanto, visualiza-se o entorno do terreno, com vários aspectos físicos equiparados para receber a implantação de um grande equipamento cultural, sendo eles como hospital, hotéis e rodoviária, onde observa-se a existência de vegetações nativas da região, tanto de médio e grande porte. Além do terreno possuir uma localidade privilegiada em relação aos acessos, infraestrutura viária e quanto às condições físicas e topográficas, que são condicionantes essenciais para uma boa intervenção arquitetônica.

Figura 30: Vegetações presentes no terreno e seu entorno.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

7.2 Zoneamento e Fluxograma

Diante da declividade do terreno apontada neste trabalho, pensou-se como ficam dispostos os volumes no terreno, onde o zoneamento foi pensado em distribuir os setores de acordo com suas determinadas funções. Com base no programa de necessidades, conceito, partido arquitetônico é possível destinar propostas de zoneamento e setorização apresentadas abaixo.

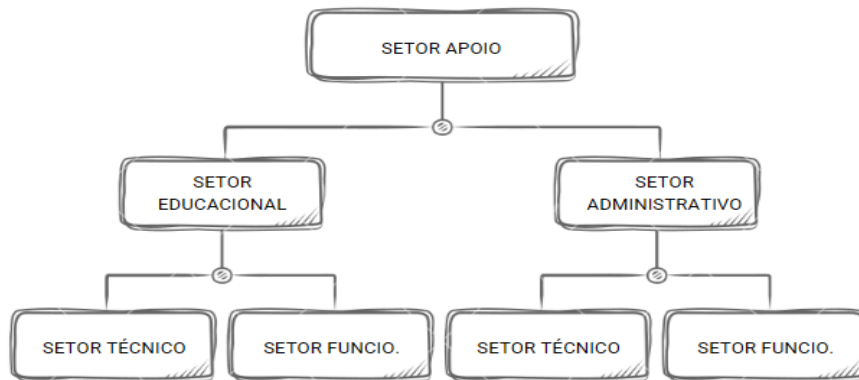
Figura 31: Zoneamento do terreno.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Em conformidade com as zonas pré-estabelecidas é possível traçar planos para aprimorar o desenvolvimento da proposta, permitindo alocar os ambientes e discutir os melhores pontos para cada área. O estudo ocorreu a partir da delimitação das principais áreas, determinando os ambientes conforme o grau de proximidade e distribuindo pelos seus respectivos setores, como mostra a (Figura 32).

Figura 32: Organograma.



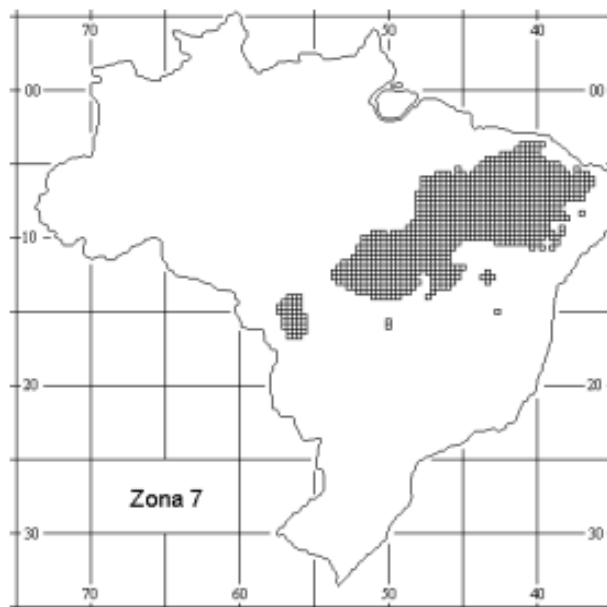
Fonte: Autora (2025).

Após a realização da produção do organograma, onde foi uma das metodologias projetuais realizadas para determinar as proximidades dos setores e respectivamente dos ambientes, se objetivou tornar a edificação melhor distribuída em suas funções, contemplando as principais de acordo com o grau de proximidade e relação.

7.3 Condicionantes climáticas

A NBR 15220 (ABNT, 2005), define que a cidade de Sousa/PB encontra-se na Zona Bioclimática 07 (Figura 32), cuja característica é possuir um clima quente e seco, com chuvas no inverno. Nesse contexto de falta de chuvas, a cidade enfrenta uma crise hídrica que dificulta o abastecimento de água, causando racionamento.

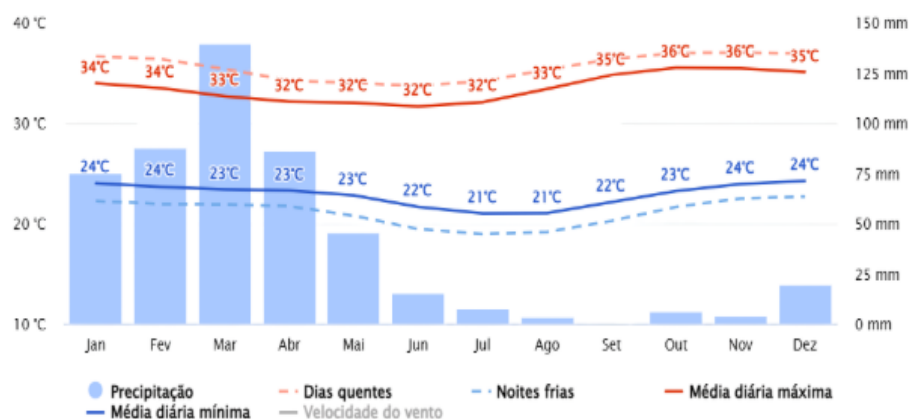
Figura 33 - Localização de Sousa/PB na Zona Bioclimática 07.



Fonte: NBR 15220 (ABNT, 2005).

A figura 34 mostra uma caracterização computacional das temperaturas médias horárias para o ano inteiro. O eixo horizontal indica os meses, e o eixo vertical indica a hora do dia. A cor é a temperatura média para aquele horário naquele dia.

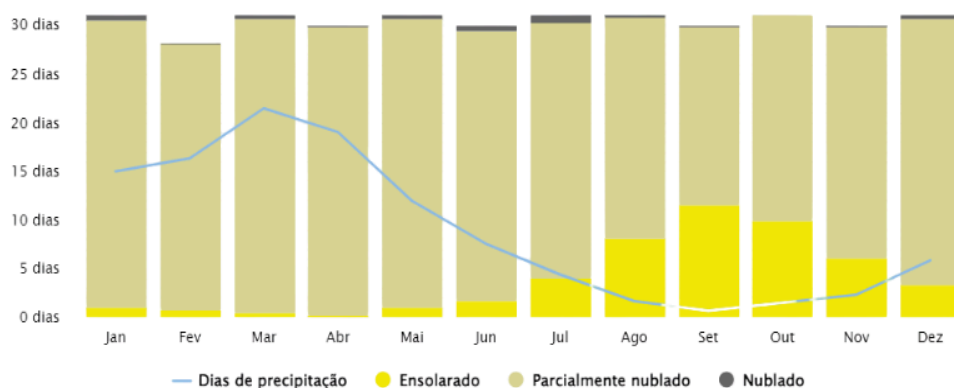
Figura 34 - Temperaturas médias em Sousa/PB



Banco de Dados: Meteoblue, 2024.

Em relação às chuvas no município, sabe-se que o período chuvoso corresponde aos meses de começo de janeiro a dezembro, tendo o mês de março como o mais chuvoso, com média de 151 mm de precipitação. Enquanto isso, o período de escassez de chuva é do começo de julho ao final de novembro, sendo setembro o mês menos chuvoso, com uma média de 2mm de precipitação (Figura 35).

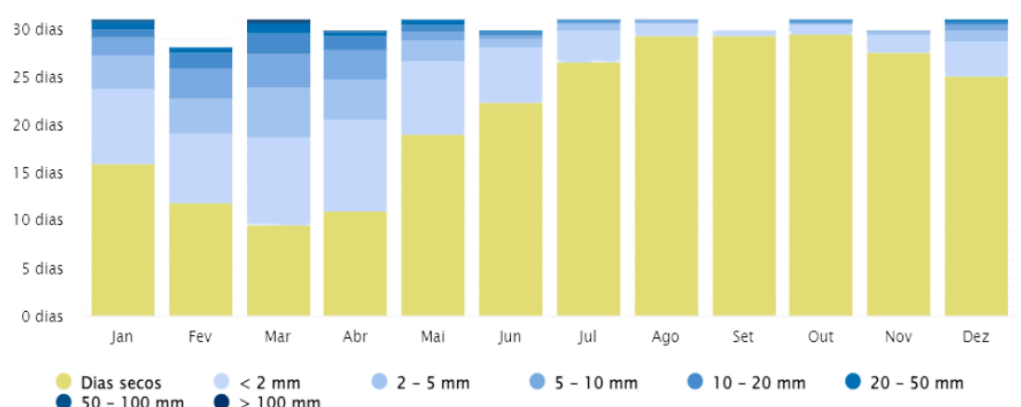
Figura 35 - Chuvas em Sousa/ PB



Banco de Dados: Meteoblue, 2024.

Ao comparar essas informações com o gráfico da umidade no município (Figura 36), tem-se que os meses mais chuvosos são também os que apresentam nível de conforto mais abafado, opressivo ou extremamente úmido, sendo agosto o mês com dias mais abafados. Enquanto isso, o mês menos chuvoso é também o mês menos abafado.

Figura 36 - Umidade em Sousa/PB

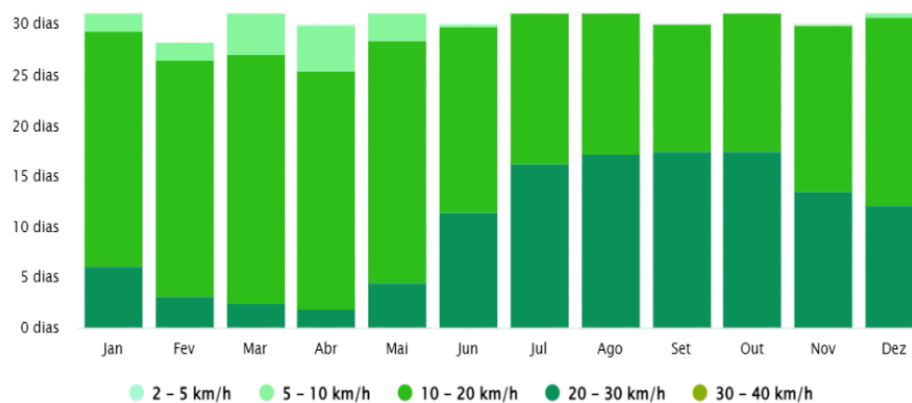


Banco de Dados: Meteoblue, 2024.

Sobre os ventos na cidade, estes sofrem variações sazonais significativas anualmente, todavia, os ventos predominantes são advindos do Leste. Os meses de mais ventos são de junho a janeiro, sendo outubro o mês de vento mais forte com uma média de 20km/h de velocidade. Enquanto isso, os ventos mais calmos encontram-se entre 5 de janeiro a 17 junho, sendo abril o mês com ventos mais amenos, chegando a 10,7 km/h de velocidade.

O gráfico abaixo representa a porcentagem de horas cujo vento possui direção média de cada uma das direções cardeais de vento, com exceção dos momentos em que a velocidade média do vento é inferior a 1,6 km/h. Ainda, nas regiões mais esmaecidas do gráfico, ou seja, nas interseções, é indicado a porcentagem de horas passadas nas direções intermediárias implícitas. No caso de Sousa/PB, além de Leste, possui alternâncias entre sudeste e nordeste (Figura 37).

Figura 37 - Direção dos ventos em Sousa/PB

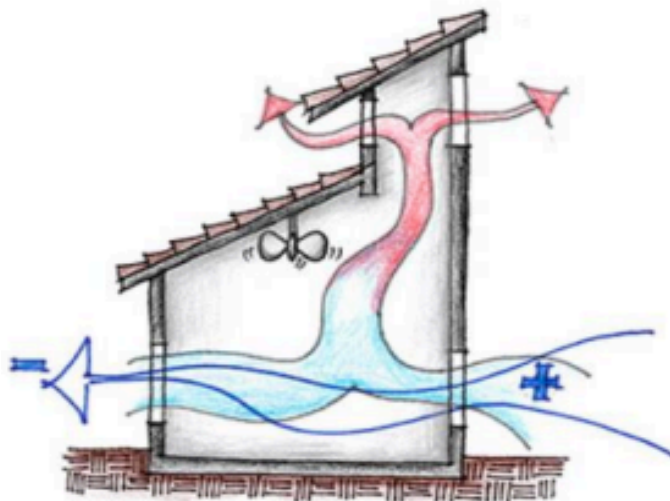


Banco de Dados: Meteoblue, 2024.

Logo em seguida, foi realizada uma visita ao terreno escolhido, e coletado alguns dados do levantamento fotográfico, onde foi produzido um estudo dos mapas de uso e ocupação do solo, e o de hierarquia viária, que serão mostrados a seguir:

A ventilação natural, oferece várias vantagens para o local, devido à troca regular de ar, a segurança dos moradores melhora e a qualidade interna melhora. A ventilação pode resfriar o ambiente construído de três maneiras diferentes: resfriamento convectivo, resfriamento psicofisiológico e renovação do ar. Os sistemas de ventilação passiva dependem das variações de pressão para fornecer ar fresco aos edifícios. Ventilação cruzada e ventilação por efeito de chaminé são as duas categorias principais de ventilação passiva. A temperatura e o vento podem causar variações de pressão. (PROJETEE, 2025). Um exemplo disto é a figura abaixo. (Figura 38)

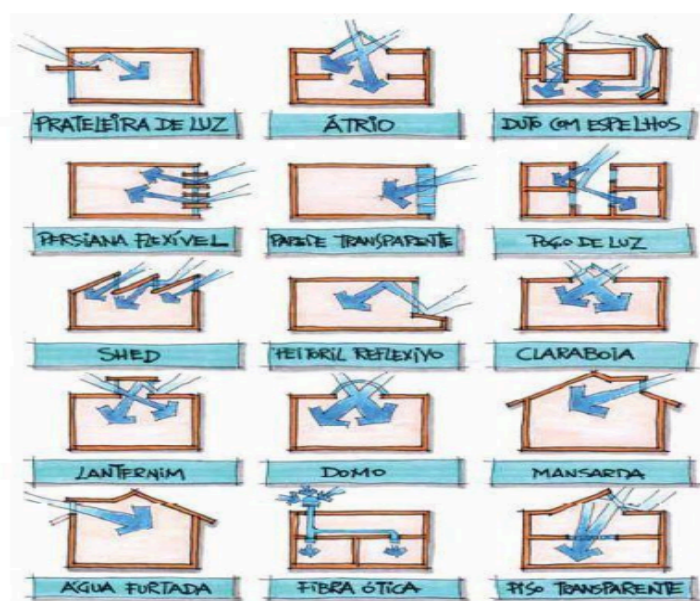
Figura 38 - Ventilação Passiva



Fonte: Projettee (2025).

A iluminação natural tem várias vantagens para o bem-estar do usuário. O uso dessa fonte resulta em melhor iluminação da reprodução de cores, lembrando que o desenvolvimento da visão humana contou com a iluminação natural, a criação de efeitos estimulantes, a produção de menor carga térmica e maiores valores de iluminação em comparação com a iluminação artificial e, mais importante, o uso de fontes de energia renováveis. (VIEIRA, 2016)

Figura 39 - O uso da iluminação natural.

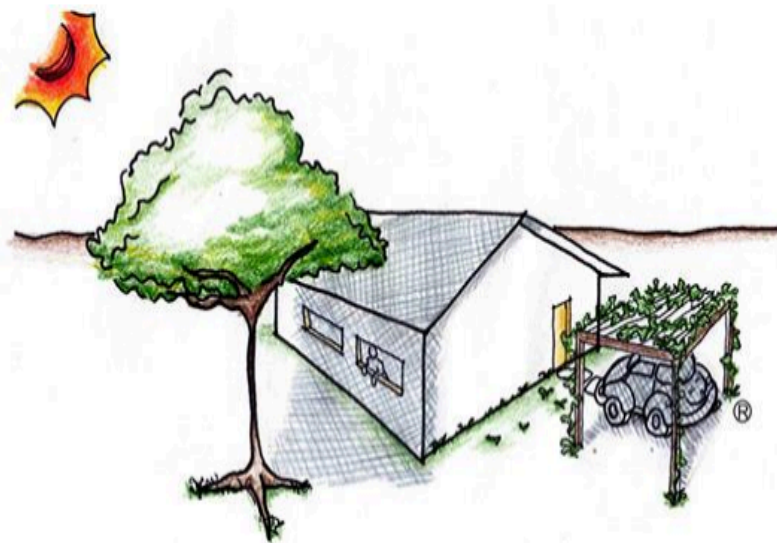


Fonte: Projettee (2025).

Através da energia solar, uma variedade de sistemas onde se pode utilizar a luz do dia pode ajudar a iluminar o interior de um edifício fornecendo iluminação de alta qualidade para esses ambientes, e reduzindo o uso de energia elétrica, assim como mostra a (Figura 39), onde a combinação de portas e janelas para formar um sistema é bastante comum. Esses sistemas fornecem ventilação e captam a luz natural. A correta disposição desses elementos para maximizar a luz e o vento do dia. A presença no ambiente reduz o uso de sistemas de refrigeração e iluminação artificial durante o dia.

O sombreamento é um aspecto desejável do clima abordado para a cidade de Sousa/PB de acordo com a NBR 15220-3 na qual, a capacidade de gerenciar a radiação solar direta e a subsequente redução da temperatura. Para reduzir a quantidade de ganho de calor, a proteção das aberturas torna-se muito importante.

Figura 40 - Sombreamento com vegetação.



Fonte: Projetee (2025).

7.4 Leis do Código de obras Sousa-PB

Apesar da relevância que o município de Sousa/PB reivindica, este não possui um Plano Diretor ou um plano de zoneamento. Todavia, dispõe a partir da Lei Municipal 949 de 10 de abril de 1980, de um Código de Obras e Urbanismo. Como este não aborda sobre os equipamentos urbanos trabalhados nesta pesquisa, será utilizado algumas diretrizes da seção III do Capítulo IV sobre Escolas e Ginásios para a reforma e ampliação do CCDI, e a seção I do Capítulo V sobre Templos Religiosos para alguns equipamentos que evocam a espiritualidade e cultura cigana, estes que serão projetados na área ao redor do CCDI, visto que estas seções possuem singularidades com as propostas arquitetônicas deste trabalho.

Nesse sentido, as edificações destinadas aos usos supracitados deverão estar de acordo com algumas exigências. Dentre elas, os artigos dessas seções propõem que devem estar afastadas a um raio mínimo de 100 metros de outras edificações de uso industrial, hospitalar, ferroviário ou rodoviário, ou qualquer outro uso, a juízo do órgão técnico competente, não seja recomendável. Além disso, a taxa de ocupação máxima corresponde a 50% (cinquenta por cento), e o recuo mínimo deve ser de 6 metros em relação ao alinhamento do gradil com aproveitamento da área resultante para acostamento de veículo e de 3 metros em relação a qualquer ponto das divisas do terreno, quando servir de área de iluminação e ventilação das salas. Ainda, as edificações de caráter religioso devem possuir um recuo mínimo de 6 metros

para a via pública, podendo a área resultante ser aproveitada para acostamento de veículos e possuir, pelo menos, de 1 conjunto sanitário para cada gênero, visando o uso do público.

Quanto à circulação horizontal, o código define no artigo 137 do Capítulo III que para edificações de uso coletivo, as circulações horizontais devem ter, no mínimo, 1.20 metros de largura, com pé-direito mínimo de 2.30 metros. O artigo 150 fala que nas edificações de uso não residencial, as salas deverão possuir uma área de no mínimo 15m², com forma geométrica que admita a inscrição de um círculo de 3 metros de diâmetro. O pé direito mínimo das salas deve ser 2.50 metros.

Em seguida, os artigos 154 a 1570 definem que as copas e cozinhas, assim como os sanitários, devem ter paredes revestidas com material cerâmico até altura mínima de 1.50 metros e devem possuir pé direito de 2.40 metros. Além disso, duas áreas mínimas devem ser de 4m² com uma forma que possibilite a inscrição de um círculo de 1.50 metros de diâmetro no mínimo. Quanto às áreas de depósito e de serviço, a área mínima deve ser de 3m² com círculo circunscrito de 1 metro de diâmetro.

Essa lei também aborda sobre áreas livres de iluminação e ventilação, evidenciando que a superfície das aberturas para o exterior da edificação deve seguir algumas áreas mínimas de acordo com a sua classificação de utilização, que pode ser prolongada, eventual ou especial. Nesse projeto, as áreas de utilização prolongada, segundo o código de obras e urbanismo de Sousa/PB no artigo 136 do Capítulo III, dizem respeito às salas, gabinetes, bibliotecas, escritórios, ginásio, copas e cozinhas. Como utilização eventual, tem-se os vestiários, salas de espera, sanitários, depósitos, despensas, circulações horizontais e verticais.

Assim, no Capítulo IV sobre iluminação e ventilação, o artigo 165 diz que as áreas das aberturas para o exterior devem ter 1/6 da superfície do piso para compartimento de permanência prolongada e 1/10 da superfície do piso para os compartimentos de utilização eventual. Todavia, quando as aberturas possuírem sentido para varandas, alpendres ou áreas de serviço, as áreas serão modificadas respectivamente para 1/4 e 1/8 da área do piso. Também vale ressaltar o Capítulo III da lei que fala sobre as edificações em terrenos e lotes, cuja seção III aborda as edificações em geral. Nesta, o artigo 105 deixa claro a necessidade da acessibilidade em toda a edificação, possuindo rampas que estejam de acordo com os padrões e normas da ABNT. Assim, as edificações deverão dispor de rampas de acesso construídas em alvenaria que possibilitem a locomoção de excepcionais e idosos desde a calçada e passeio até a entrada e interior dos pavimentos, com inclinações dentro dos padrões e normas da ABNT.

Assim, também serão levadas em considerações o que está descrito nas NBR-9050/2020 e NBR 16537/2016 que tratam sobre acessibilidade, nas NBR 13531/95 e NBR 6492/2021, que abordam os projetos de edificações e suas representações, nas NBR 16636-1/2019, NBR 16636-2/2019 e NBR 16636-3/2019, que referem-se aos projetos urbanísticos e nas Leis Nº 10.741/2003 e Nº 13.146, que versam sobre o Estatuto do Idoso e o Estatuto da Pessoa com Deficiência respectivamente.

Quanto à estética das edificações, o artigo 186 diz que não será licenciada a edificação cuja fachada seja incompatível com o seu contexto. Portanto, é necessário projetar edificações que estejam em harmonia com o conjunto arquitetônico do entorno. A seguir, tem-se uma tabela resumo das legislações municipais.

7.5 Condicionantes funcionais/ Normas do Plano Diretor de Cajazeiras/PB

O Código de Obras e Urbanismo do Município de Sousa define que lotes para fins de edificações escolares, devem localizar-se a um raio mínimo de 100.00 m (cem) metros de qualquer edificação de fins industriais, asilos, instalações penais, depósito de inflamáveis e estação ferroviária, rodovias e aeroportos.

O código de obras e urbanismo de Sousa, é um documento antigo e com poucas informações, por este motivo foi utilizado a legislação de Cajazeiras/PB, próximo a cidade de Sousa, no qual foi utilizado para acrescentar as normativas vigentes, auxiliando no resultado final deste trabalho.

Art. 318 - As edificações destinadas a escolas e ginásios deverão satisfazer às seguintes condições, além das exigências deste código para as edificações em geral.

Art. 319 - As edificações destinadas a escola deverão ter as salas de aula subordinadas às seguintes condições:

I- Pé direito mínimo de 3,00 m (três metros).

II- Área de 30,00m² (trinta metros quadrados) ,não podendo sua maior dimensão exceder a 1,5m (um e meia) vezes a menor.

III- Dispor de janelas em apenas uma de suas paredes, lateral esquerda e tiragem de ar por meio de pequenas aberturas na parte superior da parede oposta.

IV- Ter suas janelas em apenas dispostas no sentido do eixo maior da sala, quando esta estiver forma retangular.

Tabela 03: Índices Urbanísticos.

PARÂMETROS DE OCUPAÇÃO DO TERRENO	
DESCRIÇÃO	VALOR
Coefficiente de aproveitamento máximo	50%
Taxa de Ocupação Máxima	50 %
Gabarito de Altura Máxima	6,00 m
Recuo máximo - frente	6,00 m
Recuo mínimo - fundos e laterais	3,00 m
Área permeável	11.081m

Fonte: Plano Diretor de Cajazeiras/PB, adaptada pela autora (2025).

7.6 Normas de Acessibilidade - NBR 9050

Segundo a (ABNT, 2020) A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) desenvolveu a norma NBR 9050/2020, que estabelece regras, normas e princípios que facilitam a criação de espaços ou ambientes que atendam a todos com o objetivo de promover a inclusão social.

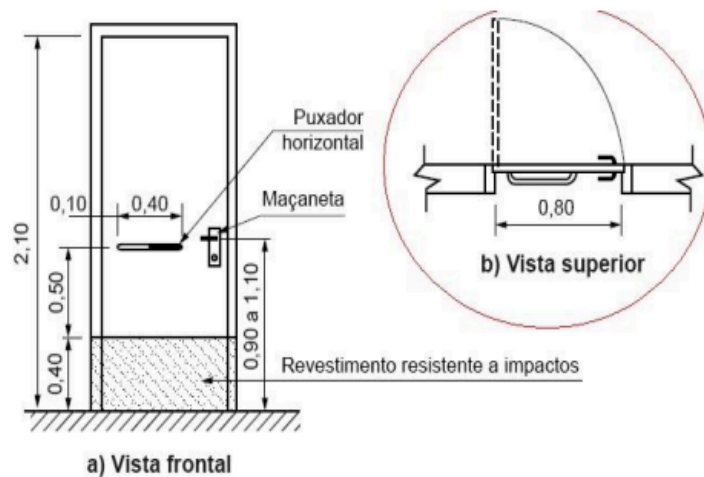
Ao estabelecer parâmetros e critérios inseridos na norma, são incluídas diversas condições de mobilidade para que qualquer pessoa se sinta adequada e não tenha problemas para se locomover, independentemente de possuir equipamentos específicos, como próteses, aparelhos de apoio, cadeira de rodas, bengalas de rastreamento ou outros que complementam a necessidade de cada indivíduo com o espaço físico. (NBR 9050, 2020).

As normas específicas, da NBR 9050 (ABNT, 2020), sobre a acessibilidade em edificações educacionais, são:

- Acessos: às entradas de alunos na escola deve estar sempre localizada na via de menor fluxo de tráfego de veículos e deve existir pelo menos uma rota acessível que permita o acesso de pessoas às áreas administrativas, prática de esportes, alimentação, sala de aulas, laboratórios, bibliotecas e demais ambientes pedagógicos.

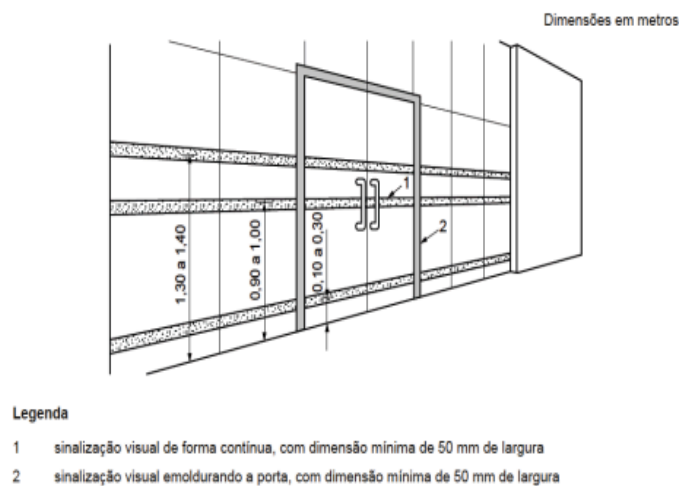
- Pontos de embarque e desembarque de transporte público: onde no ponto de embarque e desembarque de transporte público, devem ser preservadas suas faixas de livre circulação de pessoas, sem apresentar qualquer tipo de obstáculo.
- Bebedouros: os bebedouros devem ter no mínimo duas alturas de bica, sendo uma com 0,90 m e outra entre 1,00 m ou 1,10 m, sendo o de 0,90 m com altura livre inferior de no mínimo 0,73 m. A bica deve ser do tipo jato inclinado e está localizada no lado frontal do bebedouro. No caso de bebedouros de garrafão e outros modelos o acionamento e a posição de manuseio dos copos devem situar-se entre 0,80 m e 1,20 m e de fácil acesso para P.C.R. (Portadores de cadeiras de rodas).
- Corredores: os corredores deverão ser dimensionados de acordo com o fluxo de pessoas, proporcionando uma faixa livre. As larguras mínimas para os corredores de uso comum são: 0,90m para corredores com extensão de até 4,00m; 1,20m para corredores com extensão de 10,00m e 1,50m para corredores com extensão superior a 10,00m.
- Portas: as portas quando abertas deverão ter um vão livre de no mínimo 0,80 m de largura e 2,10 m de altura. Para portas de duas ou mais folhas, uma delas deve ter no mínimo 0,80m e em caso de portas de correr ou sanfonadas o vão livre de 0,80m deve ser mantido. Apenas em locais de práticas esportivas o vão livre da porta deve ter 1,00 m. As portas devem ter condições de serem abertas com uma única ação, e suas maçanetas devem ser do tipo alavanca com alturas de 0,80 e 1,10 m do chão. Como mostra na (Figura 41):

Figura 41 - Portas com revestimento e puxador horizontal.



Fonte: NBR, 9050 (2020).

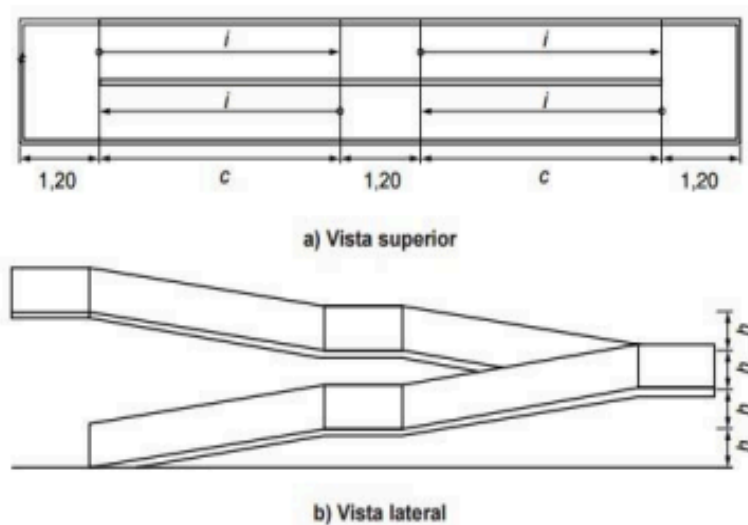
Figura 42 - Sinalização nas portas e paredes de vidro.



Fonte: NBR 9050, (2020).

- Rampas: são consideradas rampas as superfícies de piso com inclinação igual ou maior que 5% (cinco por cento). Para que a rampa seja acessível são definidos limites máximos de inclinação, desníveis a serem vencidos e número máximo de segmentos. O cálculo da rampa, se dá da seguinte forma: $i = h \times 100 c$, onde: i é a inclinação, em porcentagem; h é a altura do desnível; c é o comprimento da projeção horizontal. A inclinação da rampa deve ser calculada conforme a equação 1 a seguir, estando demonstradas na Figura 43:

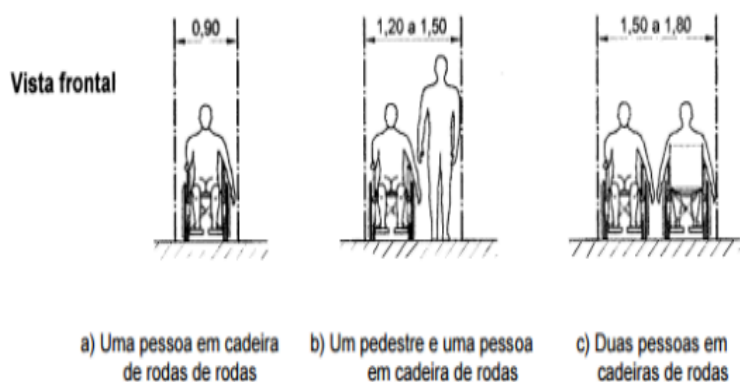
Figura 43 - Dimensionamento das rampas.



Fonte: NBR 9050, (2020).

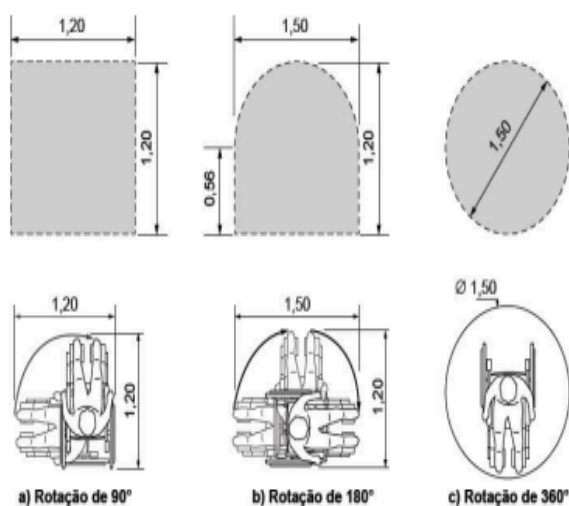
- Área de circulação e manobra: a (Figura 44), mostra dimensões de referências para deslocamentos em linha reta de pessoas em cadeiras de rodas.

Figura 44- Largura para deslocamento em linha reta.



Fonte: NBR 9050, (2020).

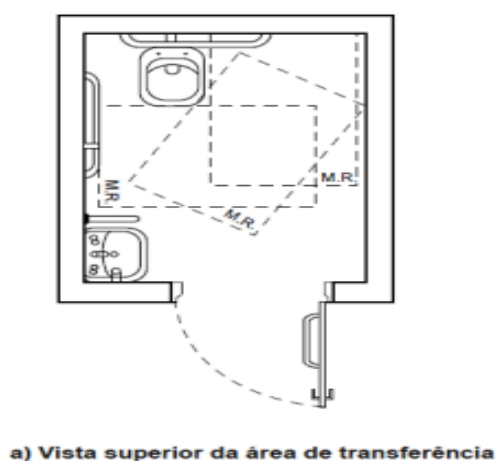
Figura 45- Área para manobra de cadeira de rodas sem deslocamento.



Fonte: NBR 9050, (2020).

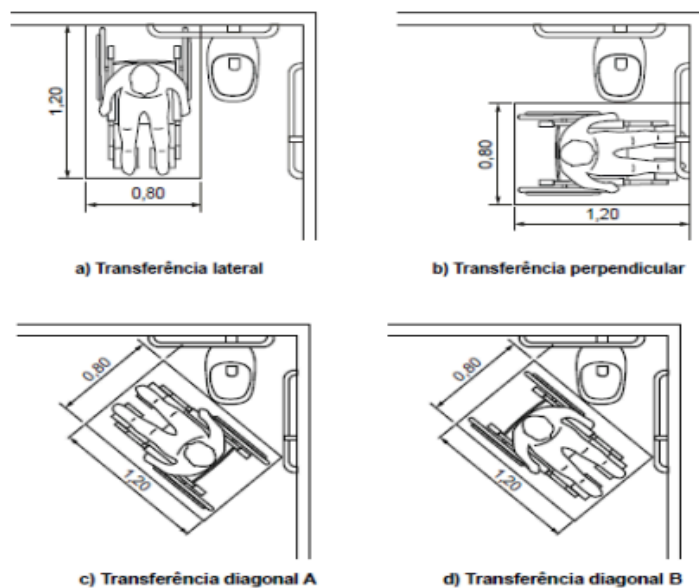
- Sanitários: os sanitários, banheiros e vestiários deverão localizar-se em rotas acessíveis, próximos da circulação principal, evitando estarem isolados para o caso de situações de emergência ou auxílio, e devem ser corretamente sinalizados. É recomendado que as distâncias máximas de qualquer ponto da edificação aos sanitários sejam de até 50 m. Os banheiros, sanitários e vestiários acessíveis devem possuir entrada individual, para que as pessoas com deficiência possam utilizar as instalações acompanhadas de outra pessoa.

Figura 46 - Área de transferência e manobra para o uso da bacia sanitária.



Fonte: NBR 9050, (2015).

Figura 47 - Áreas de transferências para a bacia sanitária.



Fonte: NBR 9050, (2015).

- Sinalização: as informações presentes nas sinalizações devem ser completas, precisas e claras, podem ser transmitidas por meio de sinalizações visuais, táteis e sonoras, e devem ocorrer em no mínimo dois sentidos: visual e tátil ou visual e sonoro. Os sinais podem ser classificados como sinais de localização, sinais de advertência e sinais de instrução, que podem ser utilizados individualmente ou combinados. Quanto às categorias podem ser classificadas em informativa, direcional ou emergência, e quanto aos tipos podem ser, visual, sonora e tátil.

Figura 48 -Símbolo internacional de acesso.



Fonte: NBR 9050, (2015).

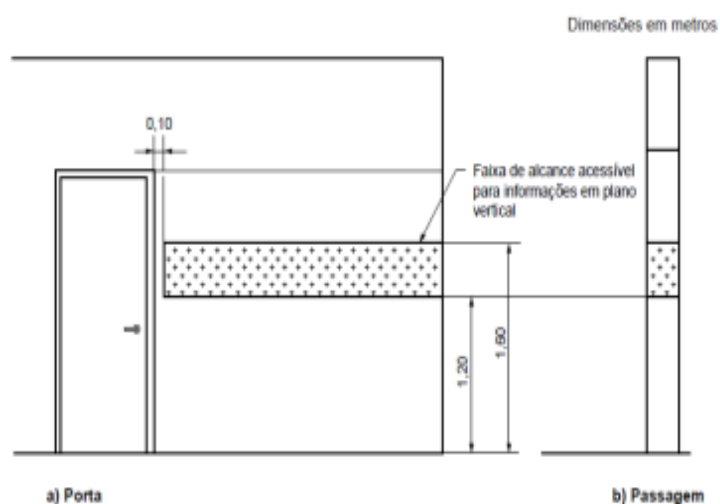
Figura 49 - Símbolo internacional de pessoas com deficiência visual.



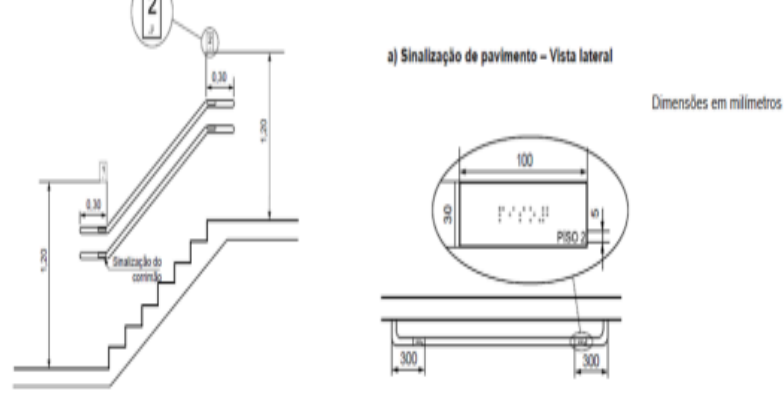
Fonte: NBR 9050, (2015).

- Corrimão: os corrimãos devem sempre estar bem fixados a paredes, guarda corpos ou até mesmo barras de suporte garantindo condições de segurança, e necessitam serem feitos de materiais rígidos. As laterais devem ser contínuas sem interrupção nos patamares das escadas e rampas, e prolongar-se pelo menos a 0,30 m nas extremidades. Os corrimãos devem ser instalados em rampas e escadas, em ambos os lados, a 0,92 e a 0,70 m do piso. No caso de escadas e patamares essa altura é medida da parte superior ao ponto central do piso ou degrau, já para as rampas deve atender às especificações conforme a (Figura 50).

Figura 50 -Sinalização de portas e passagens - Faixa de alcance acessível.



Fonte: NBR 9050,(2015).

**Amigos Militares do Estad**

De acordo com a Classificação das Edificações e Áreas de Risco e Exigências das

De acordo com a Classificação das Edificações e Áreas de Risco e Exigências das Medidas de Segurança contra Incêndio, Explosão e Controle de Pânico, é de conhecimento geral o Corpo de Bombeiros Militar do Estado da Paraíba (CBMPB), onde possui uma lei que abrange os seguintes aspectos quanto à classificação das edificações de natureza ocupacional, altura, carga de incêndio e área construída. Tendo em vista esses aspectos e de acordo com a norma N°004/2013, o Centro Integrado de Moda, se classifica como uma edificação Escolar e Cultura Física E-4, como é visto na Figura 51, pelo fato de possuir em sua maior parte salas de aula, salas de produções/ateliês, auditórios, salas de vendas de produções, lazer e alimentação.

E	Escolar e Cultura Física	E-1	Escola em geral	Escolas de primeiro, segundo e terceiro graus, cursos supletivos e pré-universitários e assemelhados.
		E-2	Escola especial	Escolas de artes e artesanato, de línguas, de cultura geral, de cultura estrangeira, escolas religiosas e assemelhados.
		E-3	Espaço para cultura física	Locais de ensino e/ou práticas de artes marciais, natação, ginástica (artística, dança, musculação e outros) esportes coletivos (tênis, futebol e outros que não estejam incluídos em F-3), sauna, casas de fisioterapia e assemelhados. Sem arquibancadas.
		E-4	Centro de treinamento profissional	Escolas profissionais em geral.
		E-5	Pré-escola	Creches, escolas maternais, jardins-de-infância.
		E-6	Escola para portadores de deficiências	Escolas para excepcionais, deficientes visuais e auditivos e assemelhados.

Fonte: Norma Técnica nº004/2013, CBMPB. Adaptado pela Autora (2025).

Posteriormente, é dada a classificação das edificações e áreas de risco quanto à sua altura, quanto à descrição e o tipo que a edificação se encaixa, onde é de suma importância definir a altura no qual pertence a uma edificação, e analisando a tabela de acordo com a proposta do Centro Integrado de Moda, se classifica no Tipo I, com a denominação de Edificação Térrea, que é apenas um pavimento para cada setor, visto que são vários blocos ao longo do terreno, como é visto na Figura 53.

Figura 53: Classificação da altura da edificação.

Tipo	Denominação	Altura
I	Edificação Térrea	Um pavimento
II	Edificação Baixa	$H \leq 6 \text{ m}$
III	Edificação de Baixa-Média Altura	$6 < H \leq 12 \text{ m}$
IV	Edificação de Média Altura	$12 \text{ m} < H \leq 23 \text{ m}$
V	Edificação Medianamente Alta	$23 \text{ m} < H \leq 30 \text{ m}$
VI	Edificação Alta	Acima de 30 metros

Fonte: Norma Técnica nº004/2013, CBMPB. Adaptado pelo Autora (2025).

8. ESTÚDIO: CENTRO INTEGRADO DE MODA

Tendo em vista tudo que foi mencionado nos capítulos anteriores é possível destacar a partir de agora e ao desenrolar do capítulo a proposta projetual, com base em todos os critérios e pautas discutidas e comentadas.

O capítulo contará com a definição da parte conceitual e diretrizes ao estudo preliminar,

pré-dimensionamento e programa de necessidades completo como também zoneamento e fluxograma a fim de apresentar posteriormente a nova proposta arquitetônica como estudo preliminar do Centro Integrado de Moda: Estúdio, para a cidade de Sousa, no estado da Paraíba.

Figura 54: Fonte e ícone adotado.



Fonte: Autora (2025).

8.1 Conceito: Diretrizes projetuais

É importante frisar que as decisões projetuais foram embasadas a partir dos critérios legais apresentados anteriormente neste trabalho, de forma a atender a complexidade do programa multifuncional. Logo, a principal demanda é atender as necessidades dos estudantes de moda, artesãos, e toda a comunidade local com fins educativos, e financeiros à edificação. Dessa forma, lista-se abaixo algumas diretrizes projetuais para compor o estudo preliminar.

1. Criar espaços culturais que contemplem a arte e cultura local;
2. Utilizar dos recursos naturais que a localidade fornece como iluminação natural, ventilação natural e vegetação;
3. Adotar medidas construtivas que amenizem o calor interno dentro das edificações;
4. Criar jardins nas circulações entre os blocos, diversificando os espaços com boa arborização e vegetações rasteiras do semiárido;
5. Desenvolver espaços de alimentação amplos com fluxo direto e de fácil acesso;
6. Trabalhar os estacionamentos e entrada principal como fonte de atrair a sociedade para adentrar e utilizar-se dos espaços.

7. Trabalhar a proposta do conceito de “vitrine”, o contato com o exterior, e pátio central

8. Ambientes com grandes aberturas, pensando na ventilação e iluminação.

8.2 Programa de necessidades e Pré dimensionamento

A fim de propor um programa complexo e com base nos estudos da morfologia, e da infraestrutura urbana do local, tendo como principal público-alvo os estudantes do Centro, e também aos amantes da moda, percebeu-se a morosidade no crescimento da área analisada, ainda que seja ladeada por uma via arterial que se dispõe no espaço de Sousa/PB como um eixo de convergência de fluxos, onde foi possível organizar seus espaços, e distribuição dos setores, com suas respectivas áreas. Dessa forma, foi obtido um programa de necessidades e pré-dimensionamento dividido por setores.

Essas constatações são imprescindíveis para a elaboração do programa de necessidades, dando origem a um quadro resumo que expõe as problemáticas e as potencialidades encontradas na área de análise. Este quadro se fundamenta a partir das análises supracitadas, dos relatos em entrevistas feitas na comunidade, e de observações a partir das visitas in loco, visando desenvolver espaços que fortaleçam a cultura, a tradição e o bem-estar da comunidade.

Tabela 04: Programa de necessidades - Setor Administrativo.

AMBIENTE	ÁREA MÍNIMA
Recepção	13,16 m ²
Diretoria	13,30 m ²
Apoio pedagógico	16,36 m ²
Financeiro	6,93 m ²
Coordenação	16,26 m ²
Secretaria	12,62 m ²
BWC Feminino	6,53 m ²
BWC Masculino	6,70 m ²
DML	6,93 m ²
Copa	12,60 m ²

AMBIENTE	ÁREA MÍNIMA
Recepção	13,16 m²
Diretoria	13,30 m²
Apoio pedagógico	16,36 m²
Financeiro	6,93 m²
Sala de Reuniões	30,12 m²

Fonte: Produção autoral, 2025.

Tabela 05: Programa de necessidades - Setor Educacional.

AMBIENTE	ÁREA MÍNIMA
Sala de aulas	55,50 m²
Lab. de informática	41,67 m²
Sala de modelagem	55,50 m²
Sala de Costura	55,50 m²
Sala de Reuniões	50,25 m²
Biblioteca	48,31 m²
BWC Feminino	9,75 m²
BWC Masculino	9,75 m²
BWC Adapt.	5,33 m²

Fonte: Produção autoral, 2025.

Tabela 06: Programa de necessidades - Setor Técnico.

AMBIENTE	ÁREA MÍNIMA
Sala de controle	12,27 m²
Depósito Gás	4,90 m²
Depósito Lixo	6,00 m²
Casa do Medidor	6,00 m²

Fonte: Produção autoral, 2025.

Tabela 07: Programa de necessidades - Setor Funcionário.

AMBIENTE	ÁREA MÍNIMA
Copa	10,76 m ²
Bwc Feminino	6,40 m ²
Bwc Maculino	7,80 m ²
Sala de descanso	20,62 m ²

Fonte: Produção autoral, 2025.

Tabela 08: Programa de necessidades - Setor Apoio.

AMBIENTE	ÁREA MÍNIMA
Lojas	8,30 m ²
Dep. multiuso	5,15 m ²
BWC Feminino	9,75 m ²
BWC Masculino	9,75 m ²
BWC Adapt.	5,33 m ²
Restaurantes	70,80 m ²
Palco	85,30 m ²
Auditório	469,13 m ²

Fonte: Produção autoral, 2025.

Tabela 09: Programa de necessidades - Setor Serviço.

AMBIENTE	ÁREA MÍNIMA
Cozinha	15,50 m ²
Despensa	15,09 m ²
Coz. preparatória	12,50 m ²
BWC Feminino	3,06 m ²
BWC Masculino	3,05 m ²
BWC Adapt.	5,30 m ²

Fonte: Produção autoral, 2025.

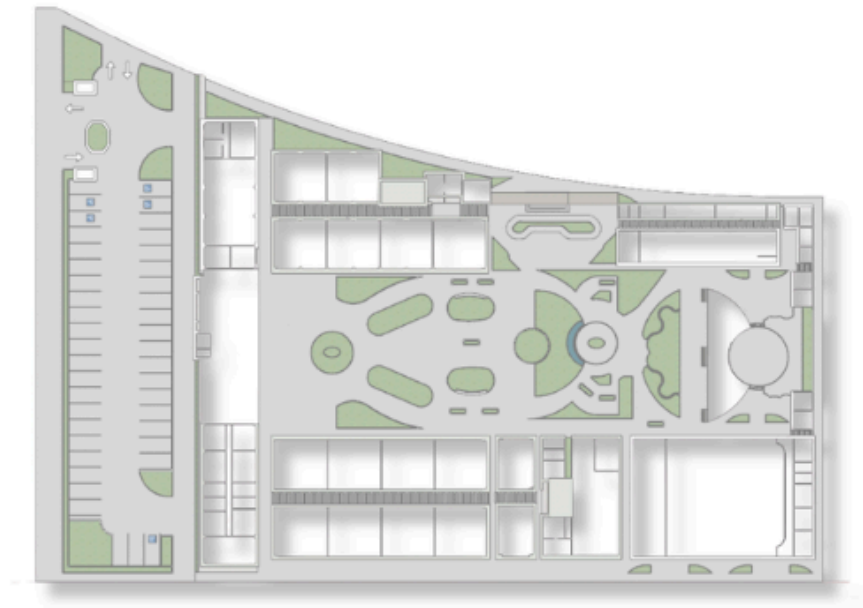
8.3 Partido arquitetônico: Escolha e desenvolvimento

O partido arquitetônico é fundamentalmente condicionado por parte da motivação pessoal na realização do projeto, em especial aproveitando-se da força do lugar, o que torna o atrativo principal. Além de todo o entorno, com uma vasta vegetação, tornando uma vista contemplativa, foi pensado também em todos os aspectos para a construção de um novo equipamento para a cidade de Sousa, já com os aspectos apresentados acima.

Com isso, para darmos início à elaboração do estudo preliminar, partiu-se do partido arquitetônico que foi construído através de estudos volumétricos via Sketchup, com estudos volumétricos, elaborando um plano que atendesse a todas as necessidades da edificação. Dessa forma, sabendo os usos que poderiam agregar à nova edificação, foi decidido organizar os ambientes por blocos separados que definiram posteriormente o estrutural e uma variação de espaços abertos destinados a paisagismo integrado com vegetação já existente.

A partir de então, sabendo os usos que poderiam agregar à nova edificação, foi decidido organizar os ambientes por blocos separados, dividindo os setores, e suas funções, agregando assim o terreno, e a edificação.

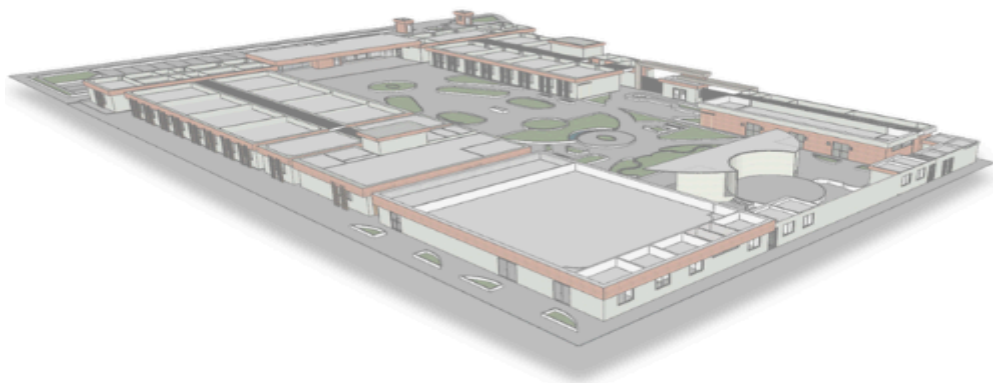
Figura 55: Processo da construção do partido/ Implantação formal.



Fonte: Autora (2025).

Consequentemente, a formalização da edificação tende a enlaçar o meio externo ao seu interior, e para o alcance do programa, inseriu-se uma volumetria em formato de blocos, onde são lineares e regulares, onde a área de interseção entre os blocos funcionam como uma grande espaço de vivência, e área de interação, indicando a solução eficaz para a tentativa de tornar a implantação convidativa, funcional, e envolvente ao meio urbano existente e ao público alvo. Por conseguinte, visualiza-se essa proposta inserida no processo de implantação.

Figura 56: Implantação em perspectiva esquemática.



Fonte: Autora (2025).

Partindo do elemento principal, o setor de aulas, a escola como foco principal no estudo do anteprojeto, em que sejam funcionais, e que atendam as necessidades de todos os usuários, e com todos os setores profissionalizantes como salas de aulas, salas de modelagem, salas de costuras, auditórios, e também ponto de lojas para comercialização das suas fabricações.

Além do fator educacional, o projeto também prioriza o comércio e valoriza a economia local, com a implantação de auditórios com eventos ao público, pontos comerciais e restaurantes, onde foi pontuados espaços a partir do estudo de áreas que integrassem com o foco principal para compor o partido.

Após a escolha do conceito e partido inicial, busca-se referências visuais de elementos, texturas, formas, paisagismo, mobiliários, cores, entre vários outros elementos. Além das soluções técnicas de iluminação e conforto, bem como, as metodologias construtivas que embasam todo o processo criativo. E para isso, recorre-se a organização das ideias de forma mais simples, e interativa, que una as ideias, e seja fácil de compreensão, como mostra na (Figura 57), onde contém imagens de elementos que intercalam as principais pontuações referenciais para o processo de projeto, utilizando da releitura desses pontos para uma adoção do contexto de inserção, introduzindo soluções, cores e metodologias que respeitem a zona de intervenção, mas que produzam uma estrutura arquitetônica marcante na paisagem.

Figura 57: Ideias primárias.



Fonte: Autora (2025).

Após realizar os estudos de volumetria, e suas funções, foram reunidas as inspirações visuais que levaram ao desenvolvimento do projeto, relacionando elementos arquitetônicos, materiais como madeira, painéis de vidro, paleta de cores no preto, cinza, verde e marrom. A junção de tudo isso, se transforma em Moodboard (Figura 58). No painel, é possível observar entre as várias referências, como em ambientes internos até mesmo, a modelagem dos setores.

Figura 58: Moodboard com ideias construtivas.



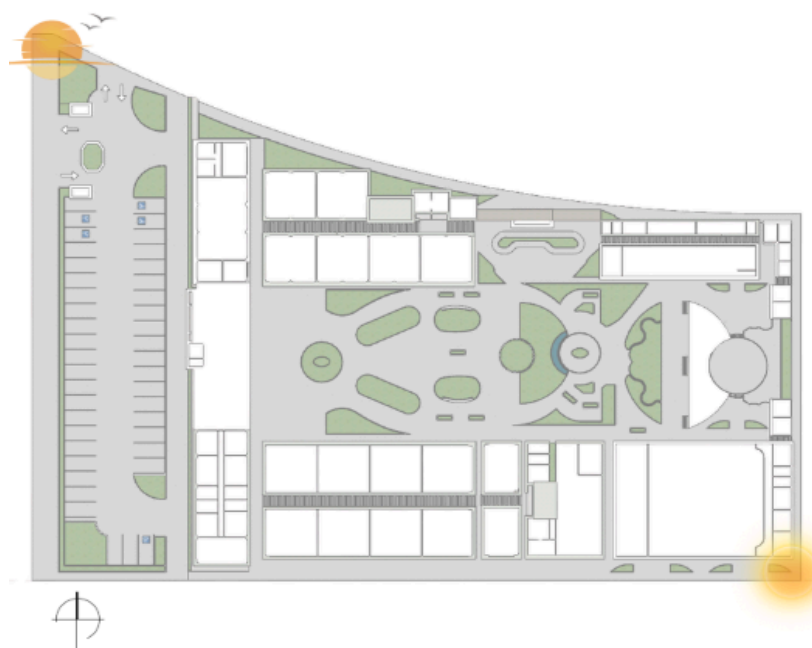
Fonte: Autora, 2025.

Por fim, é importante reforçar que os estudos referenciais se atribuem aos elementos ideias da nova proposta, no entanto, o exercício se torna livre para aperfeiçoar o traçado urbano como desenvolver novas peças que harmonizem a proposta final.

8.4 Soluções de conforto térmico

A implantação do edifício no terreno (Figura 59) o orienta em uma direção linear ao sentido Leste, o que acarreta a exposição agressiva ao trajeto solar, contribuindo com a incidência dessa nas faces Norte e Leste do complexo. Desse modo, partiu-se de conceitos e soluções projetuais que consideram o conforto térmico como princípio orientador para a definição de uma edificação confortável quanto aos parâmetros térmicos.

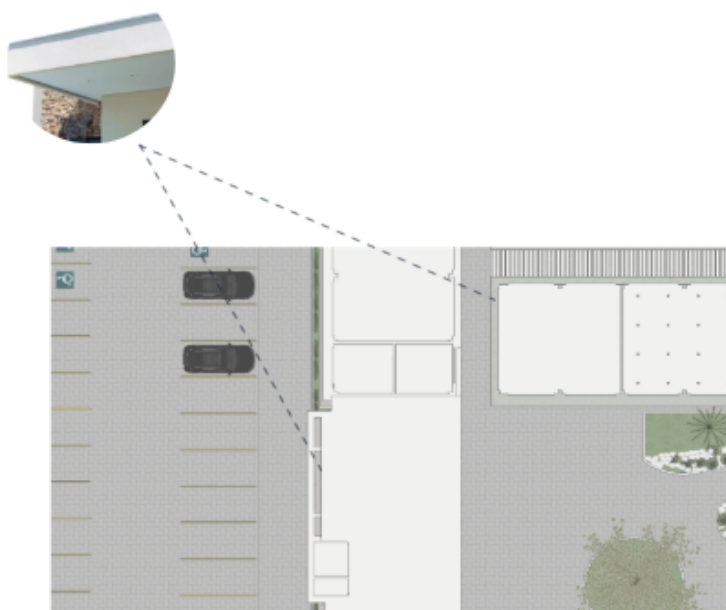
Figura 59: Trajeto solar.



Fonte: Autora (2025).

Com base na orientação solar, e após a definição da implantação, pode-se verificar o trajeto solar para essas fachadas, Leste e Norte, onde reflete diretamente nas metodologias de projeto quanto aos condicionamentos térmicos da edificação.

Figura 60: Sombreamento das Fachadas.



Fonte: Autora (2025).

Foram pensadas em estratégias de proteção das fachadas, como as marquises, que são estruturas salientes em fachadas das edificações, proporcionando não apenas uma aparência elegante, mas também servindo a propósitos práticos, que além de proporcionar sombra e proteção contra as intempéries, as marquises melhoram a eficiência energética das edificações.

Além da marquise como elemento de sombreamento, e melhoria de conforto térmico, foi pensado também as proteções das esquadrias que se inserem nas fachadas mais expostas a incidência solar, com a isenção de brises, onde podem controlar a luz solar, proporcionando privacidade, ventilação, e além de agregar nas fachadas como elementos de estética.

Figura 61: Fachadas com brises.



Fonte: Autora (2025).

8.5 Sistemas construtivos

A volumetria das edificações central da parte logística, criam configurações de adição e subtração de volumes para compor o processo projetual. Tendo em vista a necessidade de ventilação e iluminação natural serem beneficiadas corretamente na proposta, as lojas foram definidas a partir de elementos vazados e grandes esquadrias corredeiras para obter-se de um maior conforto térmico nas edificações.

Figura 62 : Proposta Fachada Frontal.



Fonte: Autora (2025).

Figura 63: Proposta Fachada Lateral.



Fonte: Autor (2025).

A presença de nativas da região, inseridas no projeto, de forma definida, e elementos como as marquises, que funcionam como camada extra protetora por se tratar de uma construção realizada no sertão paraibano, em que atinge grandes temperaturas ao longo do ano. Dessa forma, vale ressaltar também a presença de marquises com grandes volumes

envelopados com textura em madeira para sombrear os acessos principais, e grandes esquadrias.

Figura 64: Elementos de sombreamento.



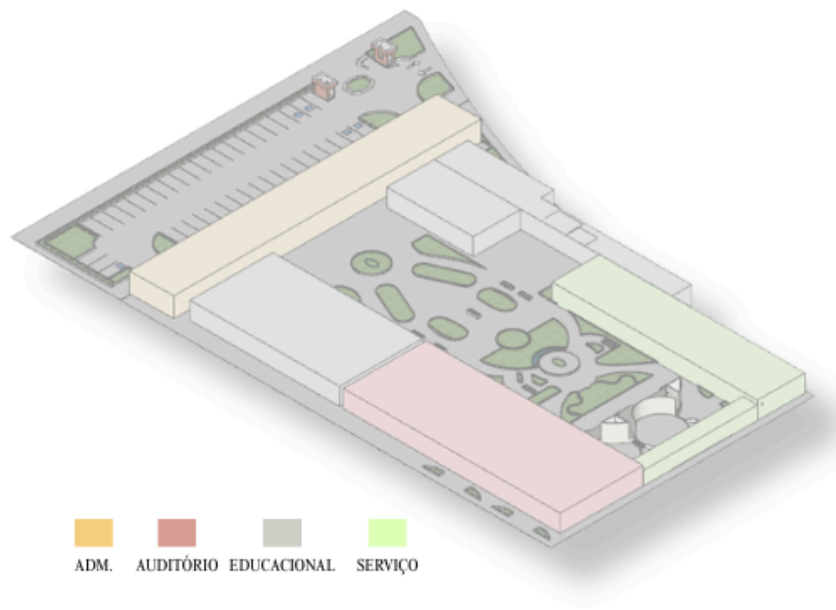
Fonte: Autor (2025).

Outro fator presente na proposta, são os elementos construtivos de madeira, como redários, coberturas de madeira, onde é uma estratégia fundamental para redução dos ganhos solares através do envelope da edificação, levando em consideração as altas temperaturas locais, e pensando na caminhabilidade dos pedestres por dentro da edificação.

8.6 Relações de funcionalidade

A partir das análises do programa de necessidades, e do seu devido uso, as concepções iniciais de estudo deu início às propostas formais da edificação, onde corresponde ao zoneamento do equipamento por intermédio da funcionalidade atribuída a cada bloco. Dessa maneira, ilustra-se o processo de zoneamento do Centro de Moda, com o seguinte esquema: (Figura 65).

Figura 65: Esquema funções.



Fonte: Autora (2025).

Através do esquema, a edificação conta somente com o pavimento térreo, e também como a área destinada ao encontro e convívio social, equiparado do auditório, lojas, praça e restaurante. Essa área se conecta por diversos canteiros de circulação vertical e orgânicos, próximos aos blocos, e traduz a intenção de conectividade, de convívio social, e interação entre os usuários do Centro, a interseção do grande pátio interno, projetado ao circular pelos blocos dentro da edificação, convida os usuários externos ao encontro do edifício, com motivações de provocar o uso constante pelos os usuários. As relações conceituais e de funcionalidade espacial definida no processo criativo da proposta arquitetônica, além de contar com blocos de setores de aulas, representado pela legenda (Figura 65), na cor cinza, o bloco de auditório pela cor rosa, a cor laranja refere-se ao bloco administrativo, e o verde ao de serviço, representa uma edificação com funcionalidade e conforto.

8.7 Projeto arquitetônico: Desenhos Técnicos, Cortes, Fachadas

Neste tópico são apresentados alguns dos desenhos técnicos desenvolvidos para a proposta de estudo preliminar, contendo perspectivas de alguns setores, como restaurante aberto ao público, auditório, lojas de comercialização de peças, e biblioteca.

Para efeito do desenvolvimento deste trabalho, as pranchas com os desenhos técnicos foram desenvolvidas, e a planta inicial é a planta de implantação, contendo a situação

juntamente organizado com o estudo topográfico do terreno no qual foi possível traçar uma movimentação de terra para planificar o espaço que seria inserido a proposta mediante a execução, logo após a segunda prancha é composta por planta de cobertura geral contendo todas as informações necessárias para execução como indicações de calha, algeroz, e tipo de telha utilizado, em seguida a Planta Baixa Geral juntamente com a planta de situação, com o intuito de mostrar toda a edificação, com cotas, linhas indicativas de níveis e especificações de áreas, indicações de acessos principais, projeções de marquises e entre outras simbologias.

Posteriormente com todas as partes definidas, permite apresentar com maiores abrangências alguns espaços pertencentes ao projeto, com vistas e cortes representativos e esquematizados para o melhor entendimento, pode-se visualizar níveis, cotas gerais, utilização de elementos construtivos adotados, entre outras representações. Para finalização das pranchas técnicas de cortes e elevações vistas a ambientação geral da proposta que contém níveis, cotas gerais, indicação de ambientes e modelos esquematizados, a fim do melhor entendimento com o todo.

Figura 66: Espaços de vivência.



Fonte: Autor (2025).

Figura 67: Espaços de vivência.



Fonte: Autora (2025).

Os espaços de vivência, foram criados com uma forma de acolhimento, conforto, bem-estar, e interação entre os usuários, durante os períodos de funcionamento da edificação, conta também com a disponibilização de redários para o descanso, mobiliários externos, para interação, e contemplação das vegetações locais, e inseridas.

Figura 68: Espaços de vivência.



Fonte: Autora 2025

Figura 69: Espaços de vivência.



Fonte: Autora (2025).

Figura 70: Estacionamento.

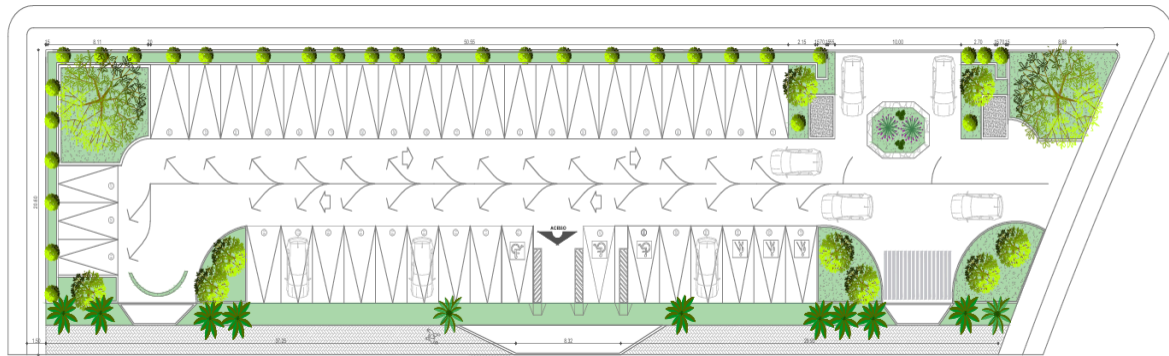


Fonte: Autora 2025.

A imagem da (Figura 70), além da fachada principal, mostra o setor administrativo, com a presença de elementos modernos, cores neutras, como o cinza, e o cinza grife, elementos construtivos tradicionais, como as alvenarias, e também com a presença dos painéis de vidro, formando uma relevante esquadria compondo a fachada principal, onde a área destinada ao setor administrativo, foi pensada para atender as necessidades dos usuários, onde é responsável por lidar com as atividades relacionadas à gestão, organização e

coordenação dos recursos e processos internos. Contando com salas de coordenação, recepção, diretoria, sala de reuniões, copa, financeiro, secretaria, DML, apoio pedagógico, e banheiros.

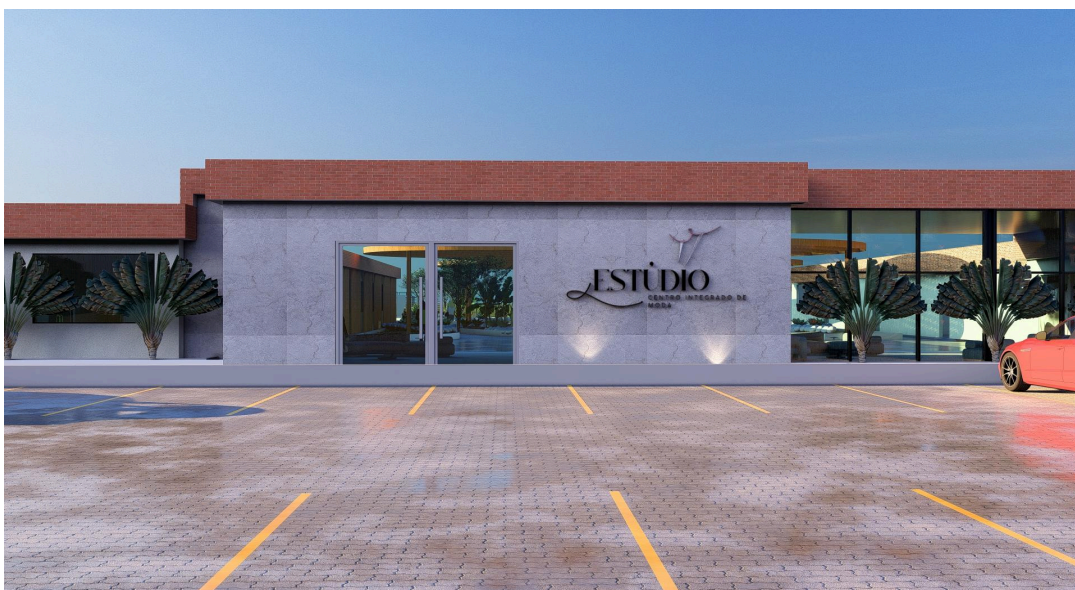
Figura 71: Estacionamento.



Fonte: Autora (2025).

O estacionamento foi alocado à fachada principal pelo fato de possuir vias arteriais com acesso livre à entrada da a Av. João Bosco M. de Souza, e a rua Leopoldo José de Melo, onde conta com 40 vagas, dentre elas vagas de idosos, e PCD. Considerando o anseio de destacar o equipamento na malha urbana da cidade, pensou-se em uma fachada ativa, que demonstre a sua utilização frequente durante vários momentos do dia. Para tal objetivo, os painéis em membrana têxtil bioclimática contribuem não apenas ao conforto térmico, bem como, na transparência edificada, que produz uma obra que se torna viva visualmente, demonstrando o abrigo da vida humana.

Figura 72: Fachada Frontal.



Fonte: Autora (2025).

Nessa ótica, a (Figura 72) demonstra a fachada iluminada durante o período noturno, que representa a situação mencionada.

A área destinada ao ensino, como as salas de aula, salas de modelagem, e salas de costura, se dispôs a partir da necessidade de possuir ambientes com modernidade, mobiliários que atendam as necessidades dos seus usuários, contando com canteiros com a presença de frutíferas ao seu redor, e com isso tornando ambientes funcionais e confortáveis.

Figura 73: Salas de aula.



Fonte: Autora, 2025.

As salas de costura que são mostradas na (Figura 73), a seguir, são espaços onde os alunos podem praticar a confecção de peças de roupa, desde a modelagem até a costura. Também pode ser utilizado para realizar ensaios em tecidos, fibras e produtos acabados, onde fornece os maquinários e ferramentas necessárias para confecção (costura e acabamento) de peças do vestuário. No layout do Laboratório, foi inserido as máquinas de costura, máquinas de corte, além de manequins de prova, e armários para armazenamento de materiais, e produções.

Figura 74: Sala de Costura.



Fonte: Autora, 2025.

As salas de modelagem foram pensadas para aprimorar o desenvolvimento das confecções dos alunos, onde são espaços de ensino e pesquisa que permite aos alunos praticar as etapas de confecção de roupas. Com isso, eles desenvolvem moldes de roupas, fase de acabamentos, criação de coleções, e também pesquisa de tendências atuais. Com isso, seu layout conta com máquinas de costura, manequins, tábuas de passar, e armários de armazenamento.

Figura 75: Sala de Modelagem.



Fonte: Autora, 2025.

O espaço destinado a eventos da edificação, é responsável tanto pelo auditório, como pelo palco de eventos, onde possui uma estrutura elevada que serve para apresentar artistas, palestrantes, e apresentadores em eventos. Também serão expostas coleções fabricadas pelos próprios alunos, com fins lucrativos para a instituição, além de apresentar as novas coleções, atraindo a atenção da mídia e do público, ganhando visibilidade, e comunicando a visão criativa dos designers, assim os alunos adquirem o contato com o mercado de trabalho da moda.

Figura 76: Palco de eventos.



Fonte: Autora (2025).

Figura 77: Palco de eventos.



Fonte: Autora (2025).

Os espaços convidativos no interior da edificação, ficaram inseridas de forma agradável, e funcionais, onde foi implantado diversos canteiros com vegetações nativas, melhorando assim tanto a paisagem interior, como o bem-estar dos usuários, onde contribuem para o equilíbrio urbano, harmonizando o clima, além de transmitir a ligação o homem com a natureza.

Figura 78: Espaços de vivência.



Fonte: Autora 2025.

Figura 79: Espaços de vivência.



Fonte: Autora (2025).

A área destinada à alimentação no setor administrativo, se dispôs a partir da necessidade de possuir um local fechado que atenda refeições aprimoradas para almoço e jantar, pensado em um ambiente que acolha os funcionários, contando com salas de descanso, hall, cozinha, e banheiros.

Figura 80: Restaurante.



Fonte: Autora, 2025.

No entanto, o Centro de Moda: Estúdio, foi pensado em uma edificação que integre tanto o âmbito social, como o institucional, criado para ascender a moda local, visando ser inserido em uma região que possui grande setores têxteis. E a partir de espaços que se integram como palco de eventos, para apresentações de coleções, contendo também lojas para a comercialização dessas produções. Além de um auditório para somar as os usuários encontros de palestras, como também a disponibilização de redários para o descanso e contemplação do paisagismo inserido.

Nesse sentido, as imagens indicadas evidenciam a materialidade final da proposta, colocando-se como produto de todas as etapas de elaboração do anteprojeto. Para isso, além do Apêndice A, verifica-se o Apêndice B, que contém imagens fotorrealistas do anteprojeto descrito no capítulo, as quais caracterizam fielmente o objeto de estudo em sua implantação real, considerando o entorno social, climático quanto ao aspecto formal e material da edificação.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da cidade de Sousa/PB, possibilitou compreender o setor têxtil, como forma de matéria prima, compreendendo a potência econômica de referência para o Estado da Paraíba como também para outros estados que consomem seus produtos do setor têxtil. Com intuito de uma edificação que abranja a demanda contemporânea, que comporte tanto atividades acadêmicas relacionadas ao curso de moda e costura, quanto para os estudantes interessados, como a realização de produções, permitiu-se desenvolver uma proposta adicional de um centro integrado de moda.

Dessa forma, a implantação de equipamentos institucionais são de interesse central, envolvendo uma grande variedade de processos e de relações entre seus usuários. Onde via de regra, carregam complexidades desde os primeiros esboços do projeto, passando por sua implementação, e chegando até mesmo à sua rotina de atendimento aos usuários. Mediante as necessidades, utilizou-se critérios arquitetônicos que corroborem com a criação de um local com seu público alvo, partindo da leitura do clima regional em conjunção com a inserção de soluções inovadoras e espaços multifuncionais, aconchegantes, convidativos, funcionais e modernos.

As características formais e funcionais do ESTÚDIO, foram pensadas de modo a fomentar a busca frequente do equipamento por meio da matéria prima, do público alvo, e visitantes externos. Isso é resultado da criação de mobiliários múltiplos, que acomodam diversas atividades no mesmo intervalo de tempo. Portanto, a elaboração do projeto considerou a democratização da difusão de momentos criativos, comunitários, científicos e recreativos neste município, com sua inserção oposta à segregação espacial. Dessa maneira, as ferramentas projetuais e metodológicas contribuíram para o processo de elaboração do Centro Integrado de Moda : Estúdio.

Ao compreender o desenvolvimento social e a complexidade do estudo para a proposta do trabalho, foi desenvolvido até então todos os estudos iniciais, de forma preliminar. Onde mostrar o benefício da nova estrutura para a cidade com o intuito de fornecer um suporte adequado e com maior visibilidade buscando capacitação, estudos da moda, produções e promoção da moda que permitam uma grande variedade de atividades.

Portanto, a proposta da edificação, é que funcione como um equipamento inovador, e moderno, com uma linha contemporânea, atendendo às questões de ordem comercial, social, espacial e educacional. Para isso, as etapas projetuais foram baseadas no contexto de inserção, o que produziu uma arquitetura moderna. Desse modo, nesse contexto

experimental, espera-se que o projeto do Centro Integrado de Moda: Estúdio, possa atender ao anseio da democratização do lazer, da arte, e da educação.

REFERÊNCIAS

ABIT - **Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>>.

ABIT. Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção. **O setor têxtil e de confecção e os desafios da sustentabilidade**. Brasília. 2017. Disponível em: <http://www.abit.org.br>>. Acesso em 30 mai 2018.

ABNT – **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. Disponível em: <https://labeee.ufsc.br/sites/default/files/projetos/normalizacao/Termica_parte3_SET2004.pdf>. NBR 9050 - Norma de Acessibilidade. Disponível em: <<https://guiaderodas.com/nbr-9050-norma-de-acessibilidade/>>.

ANINHAJP, A. C. **Código de obra Cajazeiras Word**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/462445394/Codigo-de-obra-Cajazeiras-Word>>. Acesso em: 14 jan. 2025.

BRASILEIRA. ABNT NBR **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Disponível em: <https://acessibilidade.unb.br/images/PDF/NORMA_NBR-9050.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.

BARTHES, R.; IVONE CASTILHO BENEDETTI. **Sistema da moda**. São Paulo: Wmfmartinsfontes, 2009.

BRASIL, C. et al. **Moda Palavra e-periódico**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5140/514051496008.pdf>>.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. **Diário Oficial** [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841

BEZERRA, F. D. **Análise Retrospectiva e Prospectiva do Setor Têxtil no Brasil e no Nordeste**. Informe Técnico do ETENE. Informe Macroeconomia Indústria e Serviços, Fortaleza, Ano VIII, n. 2, 2014. Disponível em https://www.bnb.gov.br/documents/88765/89729/iis_ano8_n03_2014_textil.pdf/d9c9bcd9c-38ac-4991-bf84-d25669d9c818. Acesso em 04 jun 2018

CORBUSIER, Le. **Mensagem aos estudantes de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DELTA MÁQUINAS. **Indústria têxtil no Brasil: conheça o panorama**. Disponível em: <https://deltamaquinastexteis.com.br/industria-textil-no-brasil/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

ESMOD France, **Fashion school Est. 1841**. Disponível em: <https://www.esmod.com/en/>.

EVENTOS ANTAC. **Análise das técnicas de avaliação de desempenho lumínico para iluminação natural, de um edifício multifamiliar - Estudo de caso**. Disponível em: <https://eventos.antac.org.br/index.php/entac/article/view/810/496>. Acesso em: 28 ago. 2024.

Entrelinhas: **diálogos entre arquitetura e moda**. Disponível em: <https://issuu.com/yasmincanabrava/docs/publica-tcc>. Acesso em: 27 ago. 2024.

Fashion Institute of Techonology (FIT), Wikipedia. Disponível <http://www.istitutomarangoni.com/pt-br/quem-somos/historia-e-missao/> Acesso: 22/10/2024

GALIZZA, Diana Soares de. **Modernização sem Desenvolvimento na Paraíba: 1890-1930**. Editora Idéal, João Pessoa, 1993.

GROUP, F. **Descubra a importância do polo têxtil do Nordeste para o Brasil!** Disponível em: <https://fcem.com.br/noticias/importancia-do-polo-textil-do-nordeste-para-o-brasil/>.

DIAS, L. et al. MONOGRAFIA. **“Aplicação da sustentabilidade no projeto de arquitetura”** Universidade Federal de Minas Gerais. [s.l: s.n.]. Disponível em:

<<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/45192/5/MONOGRAFIA.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2024.

La Chambre. **História da Escola..** Disponível em: <https://www.ecole-couture-parisienne.com/en/the-school/history/> Acesso: 22/10/2024

MARIZ, Celso. **Evolução econômica da Paraíba.** 2.ed. , Editora União, João Pessoa, 1978.

MAYUMI, Renata Lopes Fujita. **A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural.** Revista ModaPalavra e-Periódico vol.8, n.15, jan./jul.2015.

MARSON, M. **As origens e evolução da indústria têxtil no Brasil: uma perspectiva global e de longo prazo.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.anpec.org.br/encontro/2023/submissao/files_I/i3-7c6f5a632e4c102b7310622e981a3cc0.pdf>.

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. **Processo de Ocupação do espaço agrário paraibano.** Textos UFPB / NDIHR N° 24 set/1990.

NORMA TÉCNICA. **NT nº 004/2013 - CBMPB:** Classificação das edificações quanto à natureza da ocupação, altura, carga de incêndio e área construída. Paraíba. 2013

OLIVEIROS, Ricardo. **Relações de Moda, Arquitetura e Estrutura.** Disponível em: <<https://forademoda.wordpress.com/2008/02/08/relacoes-entre-moda-arquitetura-eeestrutura/>>

POLLINI, D. **Breve História da Moda.** [s.l.] Nova Alexandria, 2018.

PORTAL MEC. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** Brasília -Janeiro de 2008. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>>.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOUSA. Disponível <https://www.sousa.pb.gov.br/> > Acesso em 01 de abril de 2019. em: **IBGE (Instituto Brasileiro de geografia e estatística) Cidades. Sousa.** Disponível em : < <https://cidades.ibge.gov.br/> > Acesso 05 de maio.

ProjeteEEE - **Projetando Edificações Energeticamente Eficientes**. Disponível em: <<http://www.mme.gov.br/projeteeee/>>.

RECH, Sandra Regina. **Moda: por um fio de qualidade**. Florianópolis: UDESC/FAED, 2002. 131 p.

REDAÇÃO. **O corpo e o lugar: as relações entre moda e arquitetura**. Disponível em: <<https://arqsc.com.br/moda-e-arquitetura/>>.

SANTIAGO, R S de. **Gestão ambiental na indústria têxtil: Estudo de casos no Ceará**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). João Pessoa, PB, Universidade Federal da Paraíba, 2011, 110p.

SENAC SÃO PAULO. **Moda/Todos os cursos**. Disponível em: <http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?template=971.dwt&testeira=1006&theme=123&type=NONE&unit=NONE>. Acesso em abril 2017.

SERRADOR, M. **Sustentabilidade na arquitetura**. Universidade de são paulo escola de engenharia de são carlos. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18141/tde-17022009-140800/publico/dissertacao_mestrado_serrador.pdf>.

Souza. **Moda: uma apaixonante história das formas**. Ciência e Cultura, v. 61, n. 1, p. 50–53, 2009.

VASCONCELOS, R. et al. **A indústria de confecções na região nordeste: Gargalos, potencialidades e desafios**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://abepro.org.br/biblioteca/enegep2008_tn_stp_069_492_10700.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2024.

TAKEYA, D.M. **Um outro nordeste: o algodão na economia do Rio Grande do Norte (1880- 1915)**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1985. (BNB/ETENE. Documentos do Nordeste, 4).

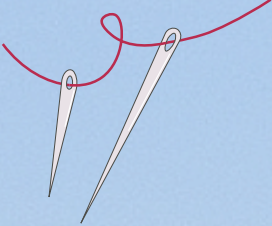
The New School. **A universidade que imagina o futuro.** Disponível em: <<https://www.newschool.edu/>>.

TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil.** Natal: Ed. Universitária, 1995.

UFC. **Design de moda. Ceará, 2024.** Disponível em: <http://www.ufc.br/ensino/guia-de-profissoes/574-design-de-moda>. Acesso em março 2024.

METEOBLUE. **Dados históricos simulados de clima e tempo para Sousa - meteoblue.** Disponível em: <https://www.meteoblue.com/pt/tempo/historyclimate/climatemodelled/sousa_brasil_3387202>. Acesso em: 22 mar. 2025.

APÊNDICE



ESTÚDIO

CENTRO INTEGRADO DE
MODA



ESTÚDIO
CENTRO INTEGRADO DE
MODA





SALA DE AULA



SALA DE COSTURA



SALA DE MODELAGEM



IMAGENS EXTERNAS

IMAGENS EXTERNAS





IMAGENS INTERNAS

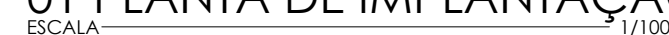


IMAGENS INTERNAS



IMAGENS INTERNAS





QUADRO DE ÁREAS	
BLOCO ADM 01	184.00m²
BLOCO ADM 02	184.60m²
BLOCO DE SERV. 01	6.30m²
BLOCO DE SERV. 02	6.30m²
BLOCO DE SERV. 03	184.60m²
BLOCO DE SERV. 04	70.50m²
BLOCO DE SERV. 05	30.20m²
BLOCO DE SERV. 06	28.32m²
BLOCO DE SERV. 07	65.02m²
BLOCO DE SERV. 08	45.20m²
BLOCO DE SERV. 09	12.00m²
BLOCO DE SERV. 10	16.80m²
BLOCO DE SERV. 11	16.80m²
BLOCO DE AULA 01	133.02m²
BLOCO DE AULA 02	266.31m²
BLOCO DE AULA 03	266.31m²
BLOCO DE AULA 04	48.50m²
BLOCO DE AULA 05	266.40m²
BLOCO DE AULA 06	48.50m²
BLOCO INSTITUCIONAL 01	288.50m²
BLOCO INSTITUCIONAL 02	3.886.70m²



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE PAU DOS FERROS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

DISCENTE: ÉRICA CARLA GOMES DOS SANTOS

DOCENTE: PROF. DR. GABRIEL LEOLPODINO PAULO DE MEDEIROS

ENDEREÇO: SOUSA-PB

PROJETO: PROPOSTA DE UM CENTRO INTEGRADO DE MODA

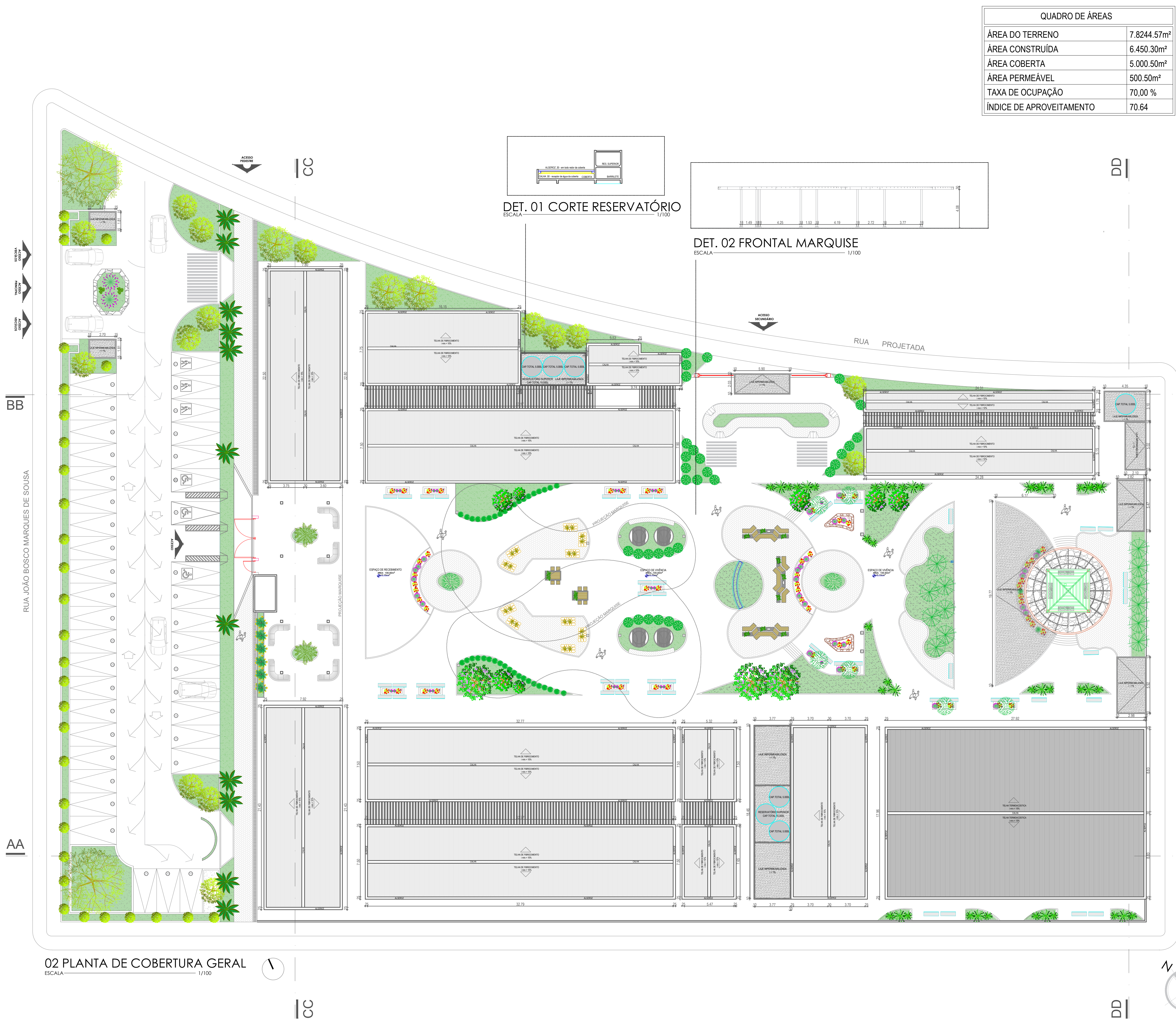
DESENHO:
PLANTA DE
IMPLANTAÇÃO

QUADRO DE ÁREAS
A.TERRENO: 7.824.57m²
A.COBERTA: 5.000.50 m²
A.CONSTRUÍDA:
6.450.30 m²
A.PERMEÁVEL: 500.50 m²

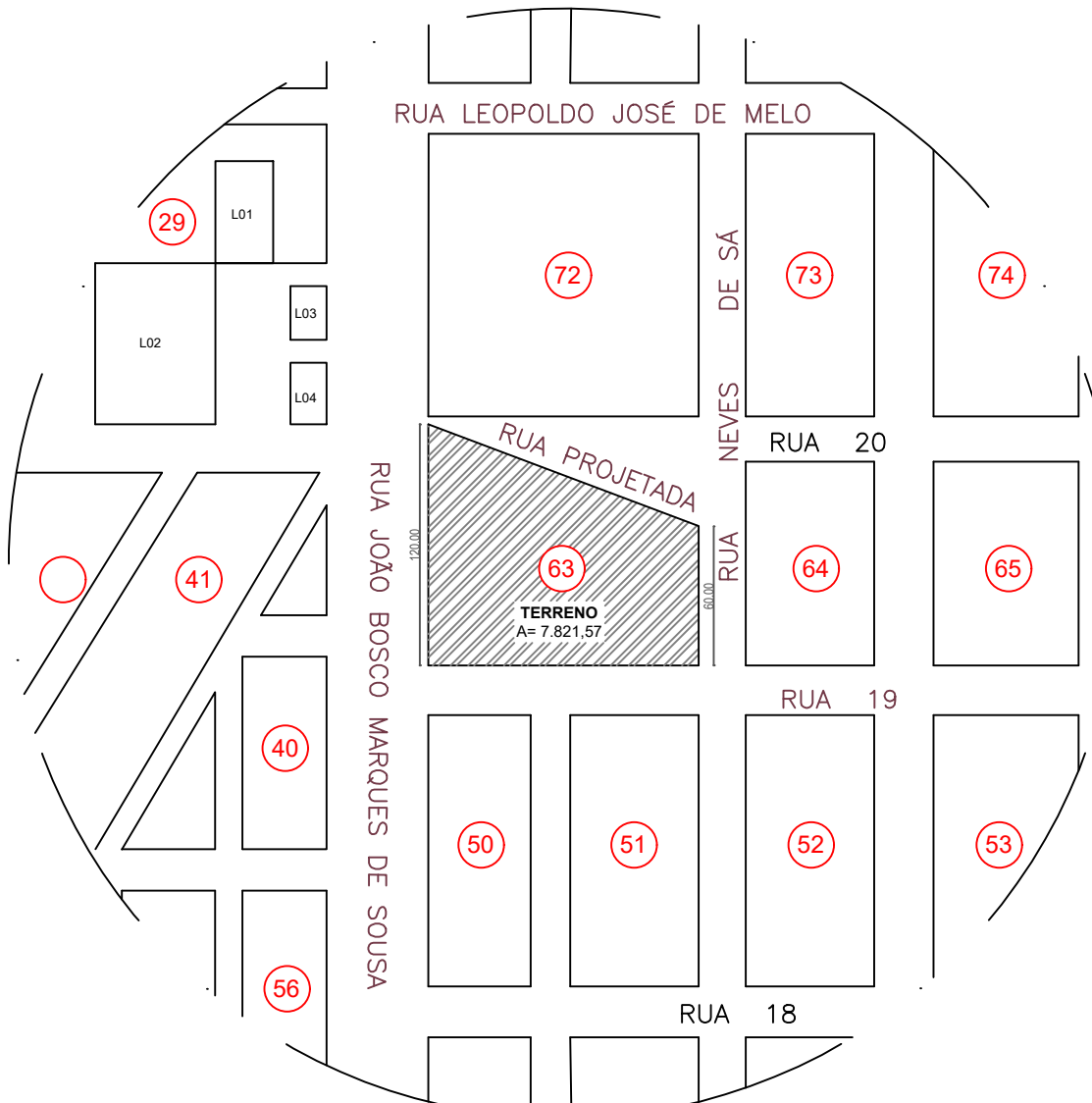
DATA 12/2025
ESCALA 1/100
PRANCHA

01.07

OBS².: TODAS AS MEDIDAS DEVERÃO SER CONFERIDAS NA OBRA.



QUADRO DE ÁREAS	
ÁREA DO TERRENO	7.8244.57m²
ÁREA CONSTRUÍDA	6.450.30m²
ÁREA COBERTA	5.000.50m²
ÁREA PERMEÁVEL	500.50m²
TAXA DE OCUPAÇÃO	70,00 %
ÍNDICE DE APROVEITAMENTO	70.64



PLANTA DE SITUAÇÃO
ESCALA 1/2000



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE PAU DOS FERROS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

DISCENTE: ÉRICA CARLA GOMES DOS SANTOS

DOCENTE: PROF. DR. GABRIEL LEOLPODINO PAULO DE MEDEIROS

ENDEREÇO: SOUSA-PB

PROJETO: PROPOSTA DE UM CENTRO INTEGRADO DE MODA

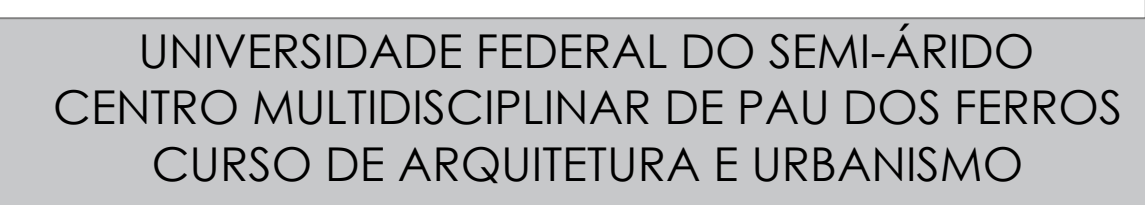
DESENHO: PLANTA DE COBERTURA	QUADRO DE ÁREAS	DATA 12/2025
	A.TERRENO: 7.824.57m²	ESCALA 1/100
	A.COBERTA: 5.000.50 m²	PRANCHA
	A.CONSTRUÍDA: 6.450.30 m²	
	A.PERMEÁVEL: 500.50 m²	

02.07

OBS².: TODAS AS MEDIDAS DEVERÃO SER CONFERIDAS NA OBRA.



COD.	TIPO	LARG.	ALT.	PARAP.	MATERIAL	QTD.	ÁREA
(1)	JANELA DE 2 FOLHAS	1,50 M	1,10 M	1,00 M	VIDRO TEMP.	00	1,65 M²
(2)	JANELA DE 4 FOLHAS	3,00 M	1,10 M	1,00 M	VIDRO TEMP.	00	2,42 M²
(3)	JANELA BOCA DE LOBO	1,10 M	1,10 M	1,00 M	VIDRO TEMP.	00	1,32 M²
(4)	JANELA SANFONADA DUPLA	4,45 M	1,10 M	1,00 M	VIDRO TEMP.	00	1,10 M²



DISCENTE: ÉRICA CARLA GOMES DOS SANTOS

DOCENTE: PROF. DR. GABRIEL LEOPODINO PAULO DE MEDEIROS

ENDEREÇO: SOUSA-PB

PROJETO: PROPOSTA DE UM CENTRO INTEGRADO DE MODA

DESENHO: PLANTA BAIXA GERAL	QUADRO DE ÁREAS A.TERRENO: 7.824.57m² A COBERTA: 5.000,50 m²
-----------------------------------	--

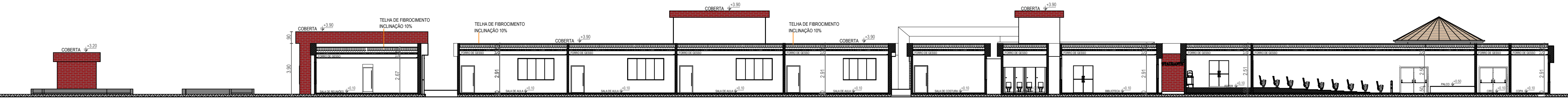
DATA 12/2025
ESCALA 1/100
PRANCHA

03.07

OBS².: TODAS AS MEDIDAS DEVERÃO SER CONFERIDAS NA OBRA.

04 CORTE GERAL AA

ESCALA 1/100



05 CORTE GERAL BB

ESCALA 1/100

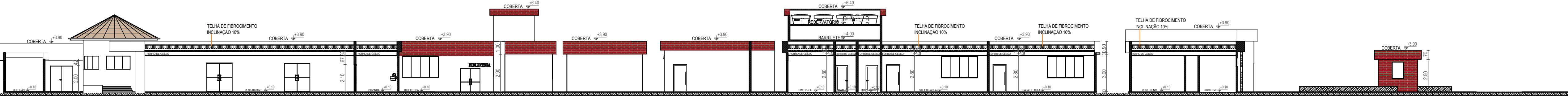


TABELA DE ESQUADRIAS: PORTAS							
COD.	TIPO	LARG.	ALT.	PARAP.	MATERIAL	QTD.	ÁREA
P1	PORTA DE ABRIR 2 FOLHAS	4.30 M	2.10 M	-	VIDRO TEMP.	00	1.68 M²
P2	PORTA DE ABRIR 2 FOLHAS	1.20 M	2.10 M	-	VIDRO TEMP.	00	3.36 M²
P3	PORTA DE ABRIR	0.90 M	2.10 M	-	ALUMÍNIO BRAN.	00	16.05 M²
P4	CORRER 4 FOLHAS	3.00 M	2.10 M	-	VIDRO TEMP.	00	6.30 M²
P5	CORRER 4 FOLHAS	2.50 M	2.10 M	-	ALUMÍNIO BRAN.	00	5.25 M²
P6	CORRER 4 FOLHAS	2.50 M	2.10 M	-	MARCENARIA	00	5.25 M²
P7	CORRER 4 FOLHAS	2.50 M	2.10 M	-	ALUMÍNIO BRAN.	00	5.25 M²

TABELA DE ESQUADRIAS: JANELAS							
COD.	TIPO	LARG.	ALT.	PARAP.	MATERIAL	QTD.	ÁREA
J1	JANELA DE 4 FOLHAS	1.50 M	1.10 M	1.00 M	VIDRO TEMP.	00	1.65 M²
J2	JANELA SANFONADA DUPLA	3.00 M	1.10 M	1.00 M	VIDRO TEMP.	00	2.42 M²
J3	JANELA BOCA DE LOBO	1.10 M	1.10 M	1.00 M	VIDRO TEMP.	00	1.32 M²
J4	JANELA SANFONADA DUPLA	4.45 M	1.10 M	1.00 M	VIDRO TEMP.	00	1.10 M²



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE PAU DOS FERROS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

DISCENTE: ÉRICA CARLA GOMES DOS SANTOS

DOCENTE: PROF. DR. GABRIEL LEOLPODINO PAULO DE MEDEIROS

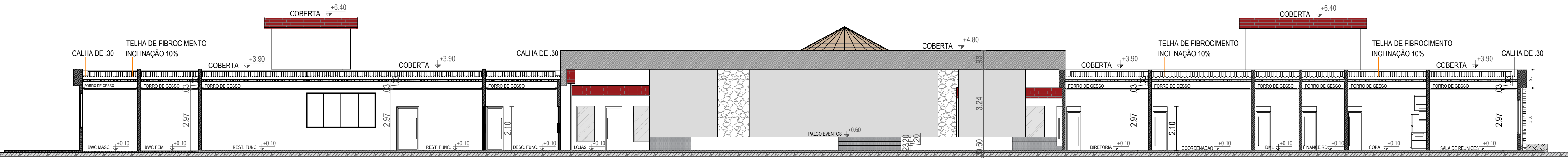
ENDEREÇO: SOUSA-PB

PROJETO: PROPOSTA DE UM CENTRO INTEGRADO DE MODA

DESENHO: CORTES ESQUEMÁTICOS AA BB	QUADRO DE ÁREAS	DATA 12/2025
	A.TERRENO: 7.824.57m²	ESCALA 1/100
	A.COBERTA: 5.000.50 m²	PRANCHA
	A.CONSTRUÍDA: 6.450.30 m²	
A.PERMEÁVEL: 500.50 m²		

04.07

OBS².: TODAS AS MEDIDAS DEVERÃO SER CONFERIDAS NA OBRA.



06 CORTE GERAL CC

ESCALA 1/100

TABELA DE ESQUADRIAS: PORTAS

COD.	TIPO	LARG.	ALT.	PARAP.	MATERIAL	QTD.	ÁREA
P1	PORTA DE ABRIR 2 FOLHAS	4.30 M	2.10 M	-	VIDRO TEMP.	00	1.68 M²
P2	PORTA DE ABRIR 2 FOLHAS	1.20 M	2.10 M	-	VIDRO TEMP.	00	3.36 M²
P3	PORTA DE ABRIR	0.90 M	2.10 M	-	ALUMÍNIO BRAN.	00	16.05 M²
P4	CORRER 4 FOLHAS	3.00 M	2.10 M	-	VIDRO TEMP.	00	6.30 M²
P5	CORRER 4 FOLHAS	2.50 M	2.10 M	-	ALUMÍNIO BRAN.	00	5.25 M²
P6	CORRER 4 FOLHAS	2.50 M	2.10 M	-	MARZENARIA	00	5.25 M²
P7	CORRER 4 FOLHAS	2.50 M	2.10 M	-	ALUMÍNIO BRAN.	00	5.25 M²

TABELA DE ESQUADRIAS: JANELAS

COD.	TIPO	LARG.	ALT.	PARAP.	MATERIAL	QTD.	ÁREA
J1	JANELA DE 4 FOLHAS	1.50 M	1.10 M	1.00 M	VIDRO TEMP.	00	1.65 M²
J2	JANELA SANFONADA DUPLA	3.00 M	1.10 M	1.00 M	VIDRO TEMP.	00	2.42 M²
J3	JANELA BOCA DE LOBO	1.10 M	1.10 M	1.00 M	VIDRO TEMP.	00	1.32 M²
J4	JANELA SANFONADA DUPLA	4.45 M	1.10 M	1.00 M	VIDRO TEMP.	00	1.10 M²



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE PAU DOS FERROS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

DISCENTE: ÉRICA CARLA GOMES DOS SANTOS

DOCENTE: PROF. DR. GABRIEL LEOLPODINO PAULO DE MEDEIROS

ENDEREÇO: SOUSA-PB

PROJETO: PROPOSTA DE UM CENTRO INTEGRADO DE MODA

DESENHO: CORTES ESQUEMÁTICOS CC DD	QUADRO DE ÁREAS	DATA 12/2025
	A.TERRENO: 7.824.57m²	ESCALA 1/100
	A.COBERTA: 5.000.50 m²	PRANCHA
	A.CONSTRUÍDA: 6.450.30 m²	
A.PERMEÁVEL: 500.50 m²		

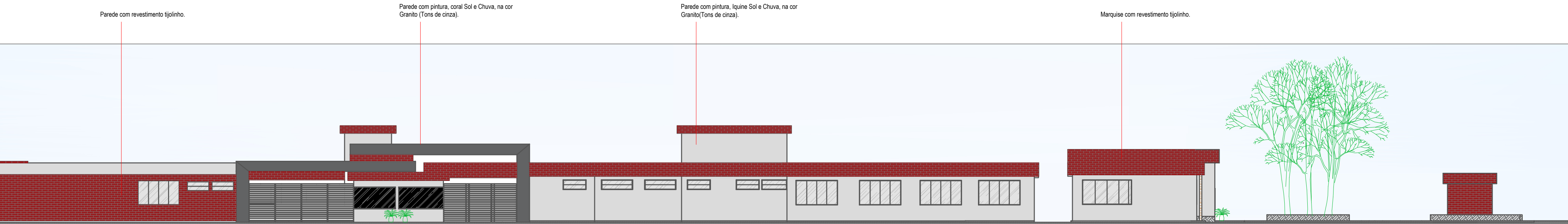
05.07

OBS².: TODAS AS MEDIDAS DEVERÃO SER CONFERIDAS NA OBRA.



08 FACHADA FRONTAL

ESCALA 1/100



09 FACHADA LATERAL

ESCALA 1/100

TABELA DE ESQUADRIAS: PORTAS

COD.	TIPO	LARG.	ALT.	PARAP.	MATERIAL	QTD.	ÁREA
P1	PORTA DE ABRIR 2 FOLHAS	4,30 M	2,10 M	-	VIDRO TEMP.	00	1,68 M²
P2	PORTA DE ABRIR 2 FOLHAS	1,20 M	2,10 M	-	VIDRO TEMP.	00	3,36 M²
P3	PORTA DE ABRIR	0,90 M	2,10 M	-	ALUMÍNIO BRAN.	00	16,05 M²
P4	CORRER 4 FOLHAS	3,00 M	2,10 M	-	VIDRO TEMP.	00	6,30 M²
P5	CORRER 4 FOLHAS	2,50 M	2,10 M	-	ALUMÍNIO BRAN.	00	5,25 M²
P6	CORRER 4 FOLHAS	2,50 M	2,10 M	-	MARZENARIA	00	5,25 M²
P7	CORRER 4 FOLHAS	2,50 M	2,10 M	-	ALUMÍNIO BRAN.	00	5,25 M²

TABELA DE ESQUADRIAS: JANELAS

COD.	TIPO	LARG.	ALT.	PARAP.	MATERIAL	QTD.	ÁREA
J1	JANELA DE 4 FOLHAS	1,50 M	1,10 M	1,00 M	VIDRO TEMP.	00	1,65 M²
J2	JANELA SANFONADA DUPLA	3,00 M	1,10 M	1,00 M	VIDRO TEMP.	00	2,42 M²
J3	JANELA BOCA DE LOBO	1,10 M	1,10 M	1,00 M	VIDRO TEMP.	00	1,32 M²
J4	JANELA SANFONADA DUPLA	4,45 M	1,10 M	1,00 M	VIDRO TEMP.	00	1,10 M²



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE PAU DOS FERROS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

DISCENTE: ÉRICA CARLA GOMES DOS SANTOS

DOCENTE: PROF. DR. GABRIEL LEOLPODINO PAULO DE MEDEIROS

ENDEREÇO: SOUSA-PB

PROJETO: PROPOSTA DE UM CENTRO INTEGRADO DE MODA

DESENHO: FACHADAS	QUADRO DE ÁREAS	DATA 12/2025
	A.TERRENO: 7.824.57m²	ESCALA 1/100
	A.COBERTA: 5.000.50 m²	PRANCHA
	A.CONSTRUÍDA:	
	6.450.30 m²	
	A.PERMEÁVEL: 500.50 m²	

06.07

OBS².: TODAS AS MEDIDAS DEVERÃO SER CONFERIDAS NA OBRA.

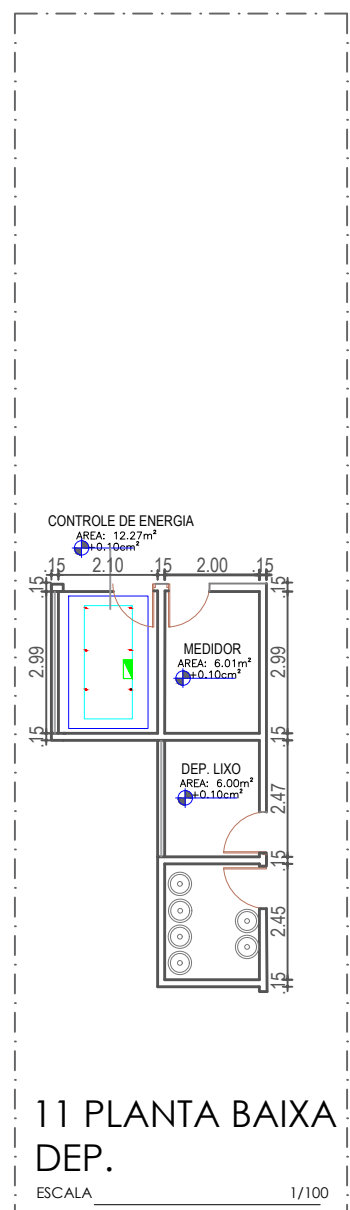
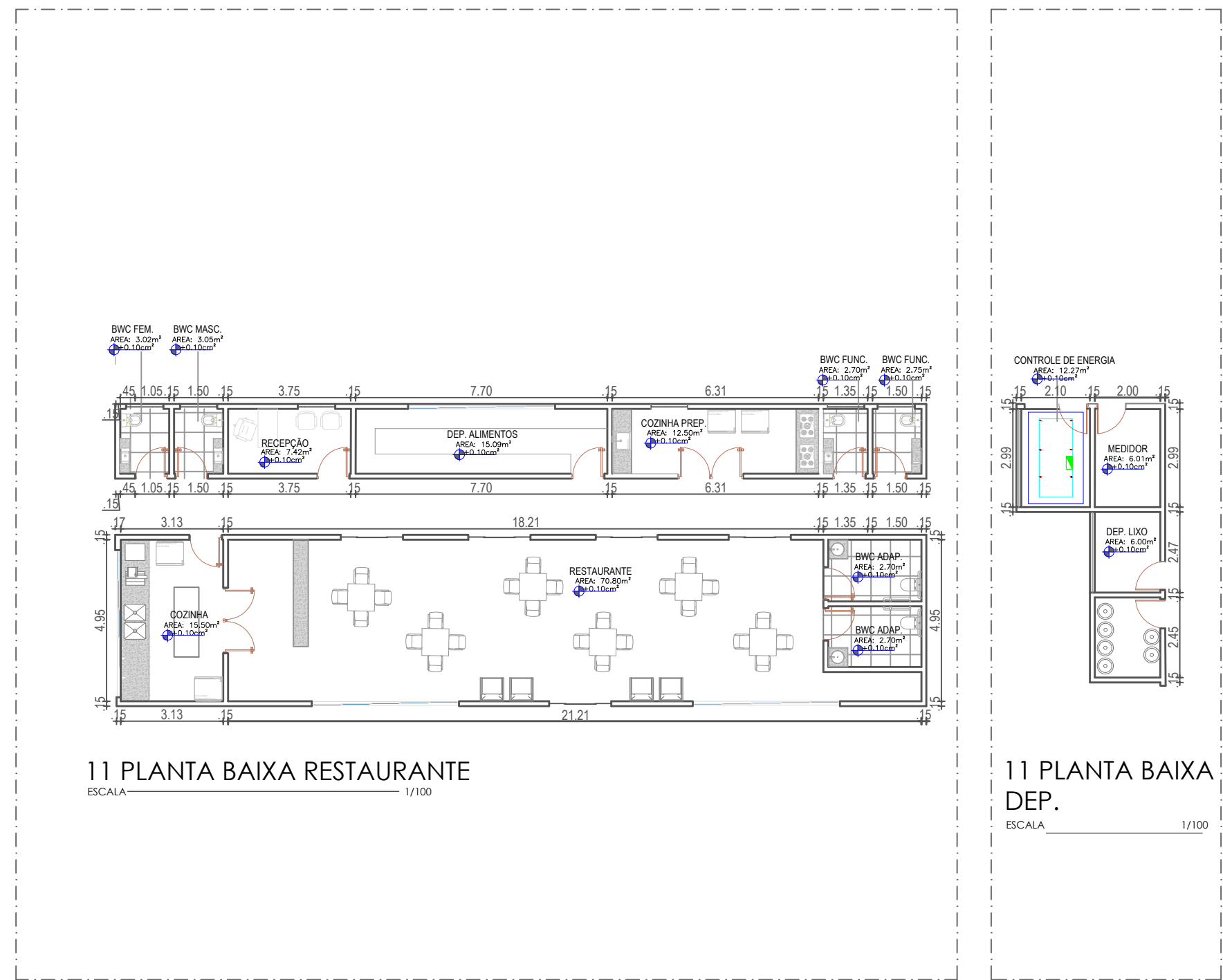
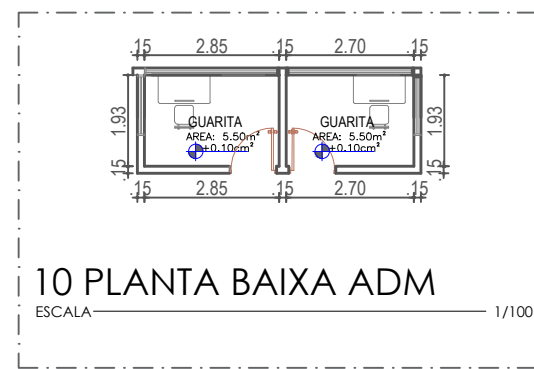
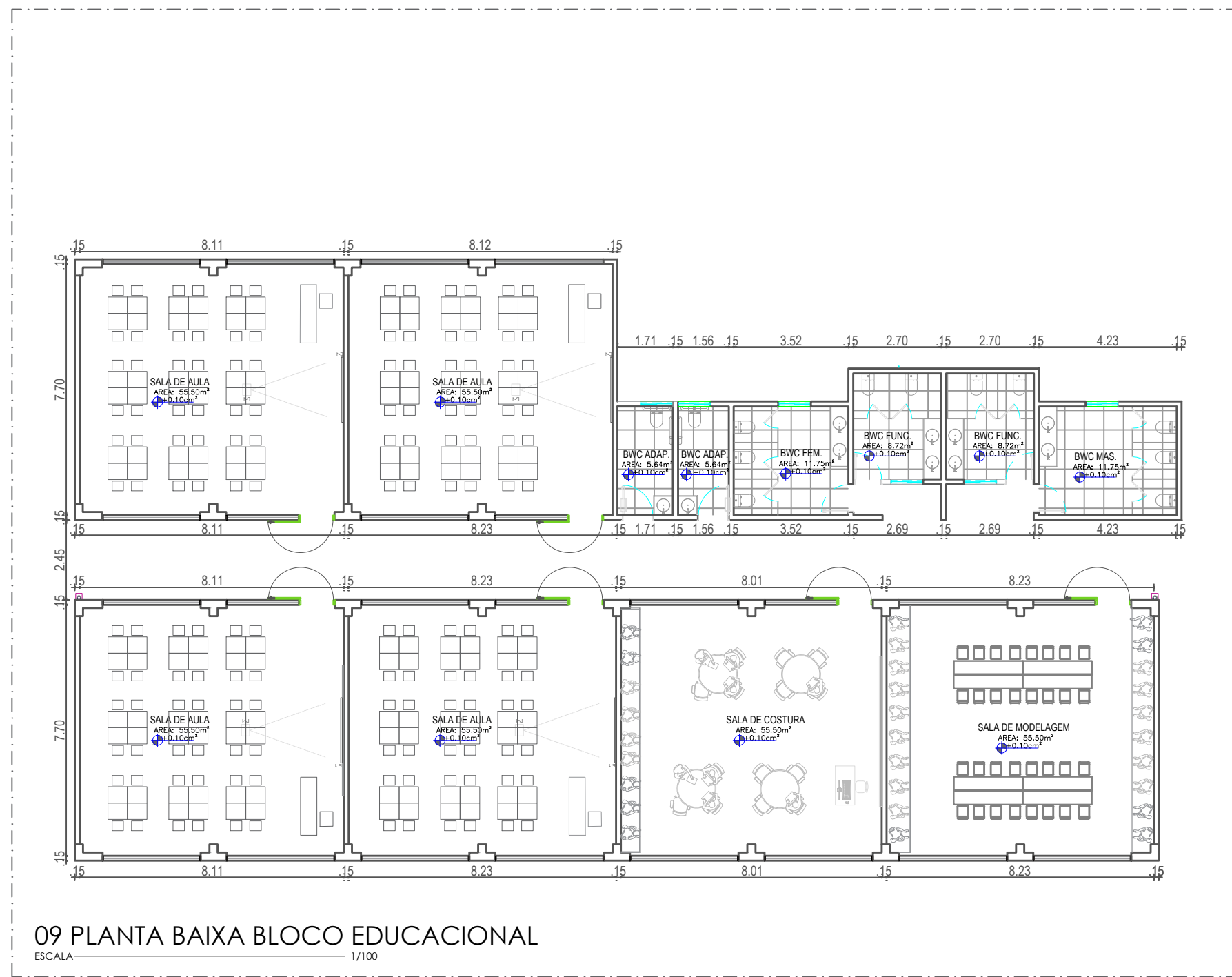
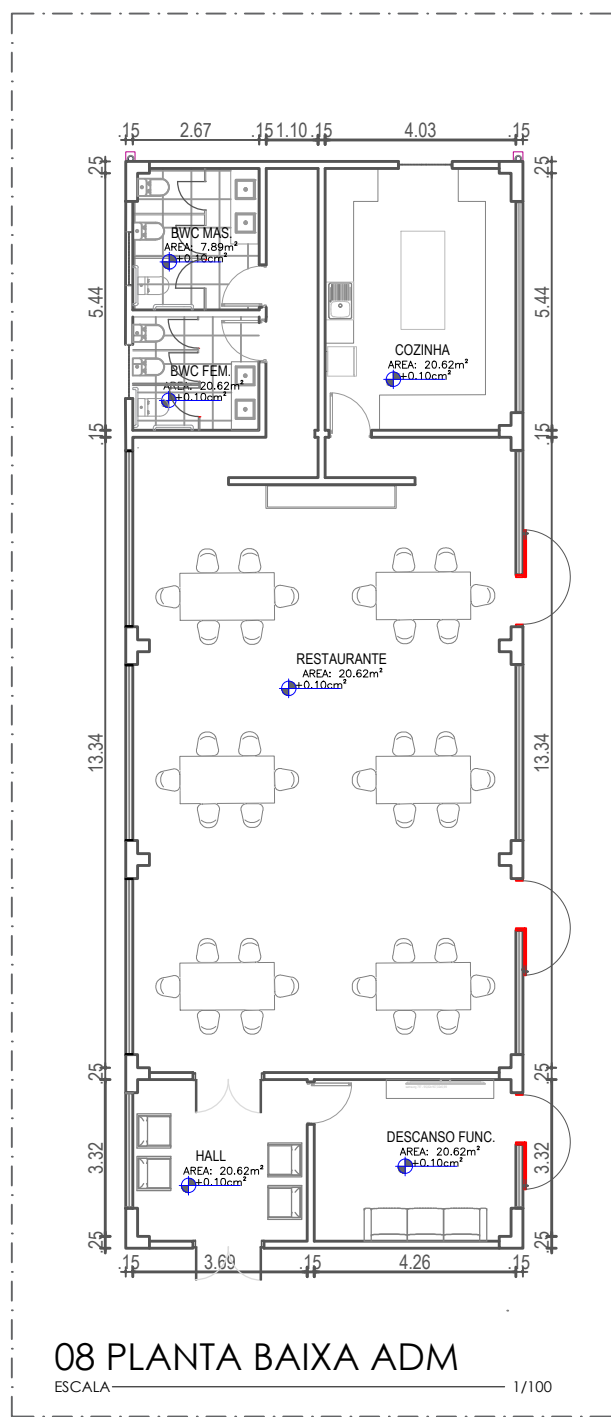
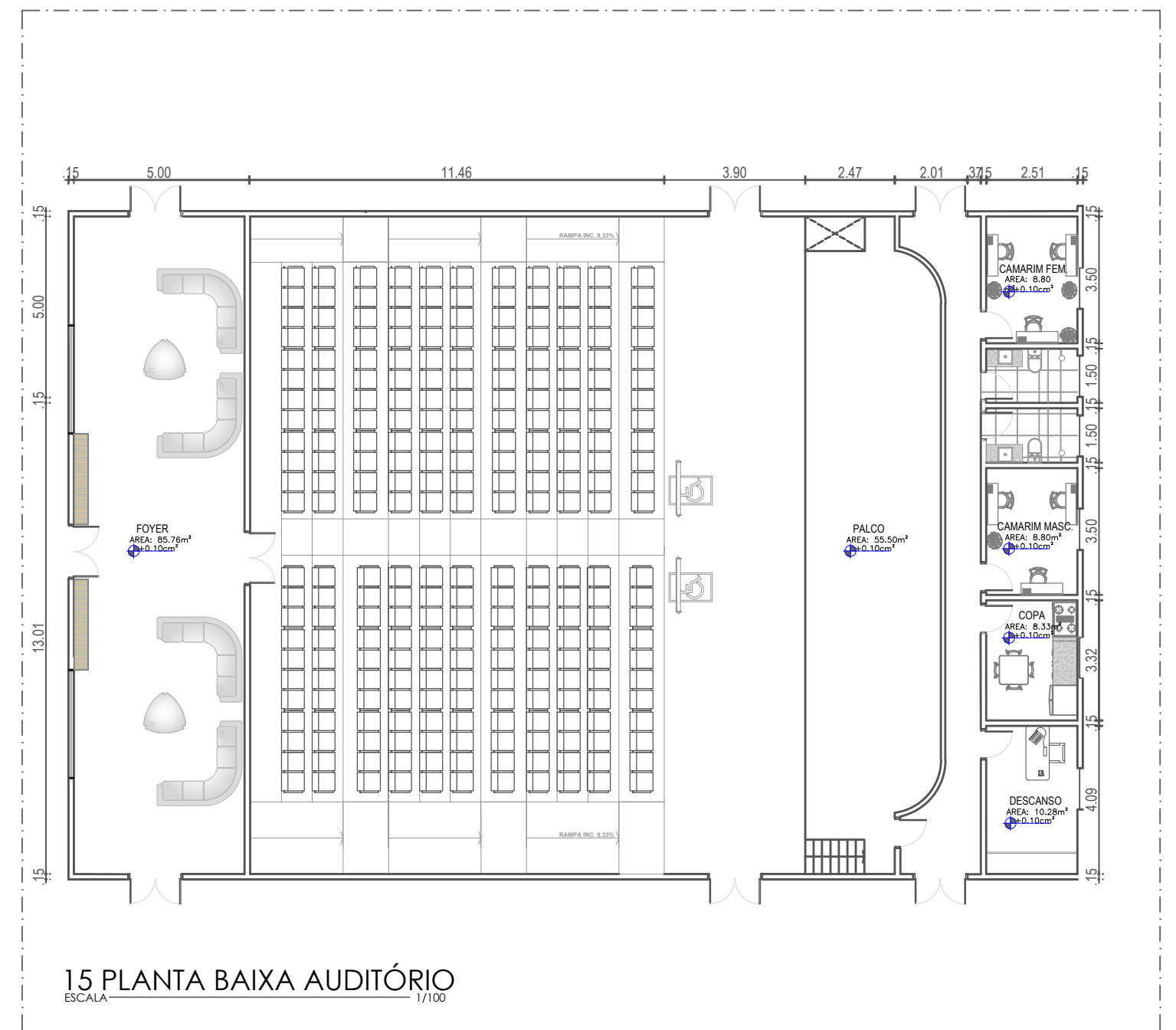
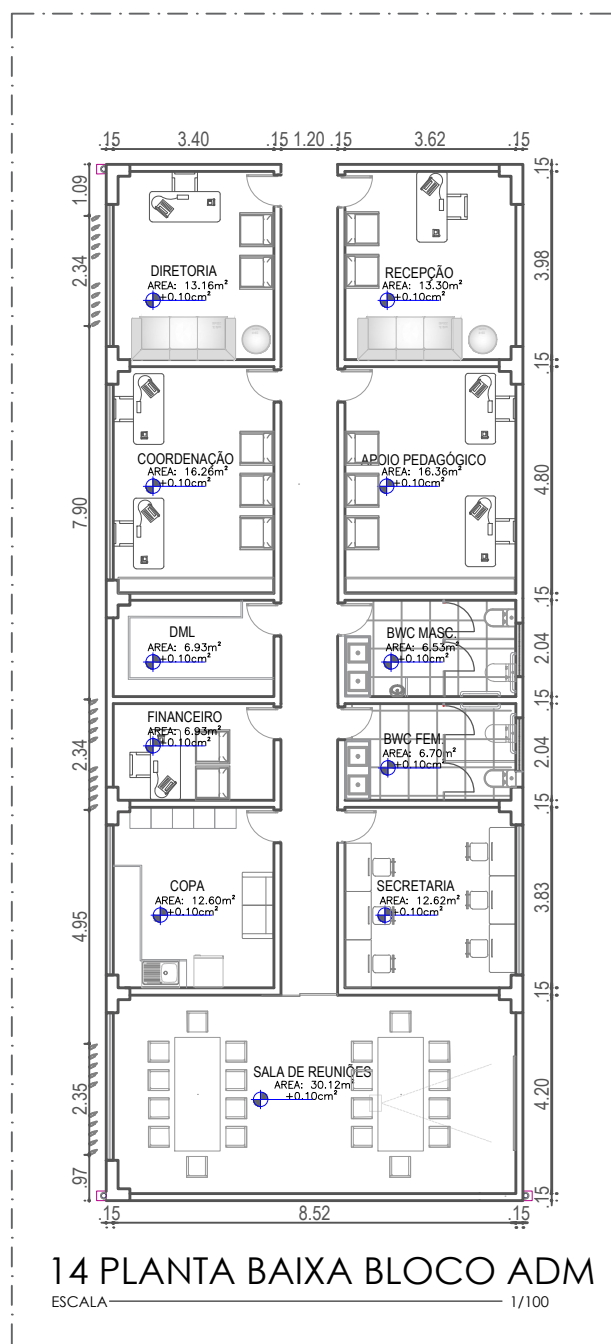
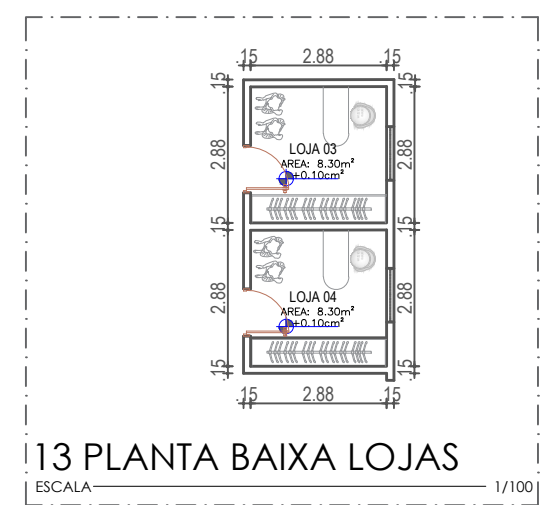


TABELA DE ESQUADRIAS: PORTAS

COD.	TIPO	LARG.	ALT.	PARA:	MATERIAL	QTD.	ÁREA
P1	PORTA DE ABRIR 2 FOLHAS	4.30 M	2.10 M	-	VIDRO TEMP.	00	1.68 M²
P2	PORTA DE ABRIR 2 FOLHAS	1.20 M	2.10 M	-	VIDRO TEMP.	00	3.36 M²
P3	PORTA DE ABRIR	0.90 M	2.10 M	-	ALUMINIO BRAN.	00	16.65 M²
P4	CORRER 4 FOLHAS	3.00 M	2.10 M	-	VIDRO TEMP.	00	6.30 M²
P5	CORRER 4 FOLHAS	2.50 M	2.10 M	-	ALUMINIO BRAN.	00	5.25 M²
P6	CORRER 4 FOLHAS	2.50 M	2.10 M	-	MARCENARIA	00	5.25 M²
P7	CORRER 4 FOLHAS	2.50 M	2.10 M	-	ALUMINIO BRAN.	00	5.25 M²

TABELA DE ESQUADRIAS: JANELAS

COD.	TIPO	LARG.	ALT.	PARAP.	MATERIAL	QTD.	ÁREA
01	JANELA DE 4 FOLHAS	1,50 M	1,10 M	1,00 M	VIDRO TEMP.	00	1,65 M²
02	JANELA SANFONADA DUPLA	3,00 M	1,10 M	1,00 M	VIDRO TEMP.	00	2,42 M²
03	JANELA BOCA DE LOBO	1,10 M	1,10 M	1,00 M	VIDRO TEMP.	00	1,32 M²
04	JANELA SANFONADA DUPLA	4,45 M	1,10 M	1,00 M	VIDRO TEMP.	00	1,10 M²



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE PAU DOS FERROS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

DISCENTE: ÉRICA CARLA GOMES DOS SANTOS

DOCENTE: PROF. DR. GABRIEL LEOLPORDINO PAULO DE MEDEIROS

ENDEREÇO: SOUSA-PB

PROJETO: PROPOSTA DE UM CENTRO INTEGRADO DE MODA

DESENHO:
PLANTA BAIXA
BLOCOS

QUADRO DE ÁREAS

A.TERRENO:	7.824.57m ²
A.COBERTA:	5.000.50 m ²
A.CONSTRUÍDA:	6.450.30 m ²
A.PERMEÁVEL:	500.50 m ²

DATA 12/2025
ESCALA 1/100
PRANCHA

07.07

OBS².: TODAS AS MEDIDAS DEVERÃO SER CONFERIDAS NA OBRA.